PEQUENA HISTÓRIA DO BRASIL

DE HADDOCK LOBO

2.ª EDIÇÃO

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

R. HADDOCK LOBO

PEQUENA HISTÓRIA DO BRASIL

Para o curso primário,
com indicações dos principais fatos
de nossa vida econômica.

Ilustrações de Oswaldo Storni

2.ª EDIÇÃO

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

6x-1/V-7

Obras do autor, nas Edições Melhoramentos:

HISTÓRIA DO BRASIL — 1.ª série ginasial
HISTÓRIA DA AMÉRICA — 2.ª série ginasial
HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL — 3.ª série ginasial
HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E HISTÓRIA DO BRASIL
4.ª série ginasial
HISTÓRIA GERAL (HISTÓRIA ANTIGA) — 1.º ano, ciclo colegial
HISTÓRIA GERAL (MEDIEVAL, MODERNA E HISTÓRIA DO BRASIL)
2.º ano, ciclo colegial
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA E HISTÓRIA DO BRASIL — 3.º ano, ciclo colegial
HISTÓRIA ECONÔMICA E ADMINISTRATIVA DO BRASIL
PEQUENA HISTÓRIA DO BRASIL (para o curso primário)

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-14-175

"A DEDICADA FANNY"

ÍNDICE

Aos Srs. Professôres 7

Capítulo I: A Descoberta e os Primeiros Tempos 9

Capítulo II: A Conquista e o Povoamento do Litoral 25

Capítulo III: A Conquista do Interior e o Desenvolvimento da Colônia 41

Capítulo IV: A Independência 71

Capítulo V: O Primeiro Reinado 83

Capítulo VI: O Segundo Reinado 87

Capítulo VII: A República 105

AOS SRS. PROFESSÔRES

Os compêndios de história do Brasil, em sua maioria, dão a narrativa dos fatos político-administrativos e militares, deixando de parte, quase inteiramente, a explicação da vida social, nos seus aspectos do trabalho e produção, dos modos de vida do povo e das transformações da cultura, a cada época. E, se essa maneira de narrar a história é dominante nos textos organizados para os estudos médios e superiores, mais constante ainda se apresenta nos livros que possam servir às classes mais adiantadas do curso primário. Atendendo a essa lacuna, redigiu o Professor R. Haddock Lobo esta "Pequena História do Brasil", cujo aparecimento foi sem dúvida muito bem recebido por professôres e estudantes. O livro, composto nessa intenção, atende às observações gerais emitidas por vários críticos, e, de modo especial, às recomendações sôbre o assunto, publicadas, em meados de 1949, pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

O A. teve em vista traçar uma pequena apresentação geral da história pátria, de forma a torná-la atraente e compreensível nas tendências da vida social e econômica. Seu empenho foi o de citar, no menor número possível, nomes e datas, a fim de evitar o esfôrço de inútil memorização verbal, insistindo, porém, no valor dos acontecimentos e em sua seqüência explicativa. Com o intuito de orientar professôres e alunos, nesse sentido verdadeiramente educativo do estudo histórico, fêz juntar, ao fim de cada grupo de lições, com unidade do ponto de vista do progresso social, alguns questionários a título exemplificativo. Não deverão êles servir para simples mecanização de perguntas e respostas, mas, sim, para levar o estudante a melhor perceber a seqüência e as relações dos fatos.

O emprêgo de "Pequena História do Brasil", seja nas últimas classes do curso primário, seja nas de ensino médio, dependerá,

também, como se dá com relação a qualquer texto didático, da capacidade criadora do professor, em fazer viver, por sua palavra esclarecedora e suas sugestões, cada episódio e cada época. Nesse sentido, o interêsse por leituras complementares, (biografias de grandes vultos e narrativas romanceadas) deverá ser suscitado. Alguns pequenos trechos seletos, apresentados ao fim de cada unidade, poderão servir de ponto de apoio para êsse trabalho do mestre, segundo as possibilidades da biblioteca da escola e de livros correntes entre os alunos. Para maiores sugestões, uma lista de obras de valor recreativo é apresentada ao fim do volume.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Capítulo I

A DESCOBERTA E OS PRIMEIROS TEMPOS

O BRASIL ANTES DA VINDA DOS HOMENS BRANCOS

Há longos anos, bem antes de terem nascido nossos avós e bisavós, não existiam, nas terras que hoje constituem o Brasil, casas de pedra, cal e cimento, nem estradas, nem polícia, nem escolas, nem qualquer dessas coisas que indicam uma nação civilizada. Densas matas e campos inteiramente incultos se estendiam desde as praias e rochedos do litoral até os pontos mais afastados do nosso território. Neste, apenas residiam homens de pele bronzeada, que andavam quase inteiramente despidos, e cujas moradias eram miseráveis cabanas de barro e ramos de árvore.

Essa gente, que ainda não conhecia os instrumentos de metal, levava uma vida extremamente simples e sem confôrto, e foi durante muito tempo a única a viver nos lugares onde hoje se erguem nossas cidades e nossas aldeias, e onde vicejam nossas lavouras.

OS NAVEGADORES PORTUGUÊSES

Há mais de quatrocentos e cinqüenta anos, porém, aqui começaram a desembarcar, de seus vistosos navios de vela, pessoas vindas da Europa, graças às quais foram implantados em terras brasileiras o CRISTIANISMO e a CIVILIZAÇÃO. Quase todos êsses navegadores eram PORTUGUÊSES, que nos legaram a sua língua, muitos dos seus costumes, e a religião Católica, hoje professada pela grande maioria dos brasileiros.

Eram homens notàvelmente corajosos os nossos primeiros visitantes europeus, pois naquele tempo se considerava uma temeridade afrontar as águas do oceano Atlântico. Sòmente motivos muito sérios, ou esperanças de grandes recompensas podiam levar as pessoas a tão arriscada aventura.

AS ESPECIARIAS E A PROCURA DAS ÍNDIAS

Será de tal modo perigoso o Atlântico? Não o atravessam fàcilmente numerosos navios, rápidos e seguros? Isto é verdade nos dias de hoje. Naquelas épocas, contudo, não existiam as máquinas e motores que atualmente permitem transpor em poucas horas centenas e centenas de quilômetros. As viagens marítimas se faziam em frágeis embarcações de vela cuja velocidade dependia das condições dos ventos. E não raro soçobravam êsses navios, ante fortes tempestades.

As diversas partes do mundo eram, além disso, quase inteiramente desconhecidas umas das outras. Os habitantes da Europa, até o ano de 1492, ignoravam a existência da América, e mal tinham ouvido falar de distantes regiões asiáticas onde, conforme acreditavam, havia riquezas sem conta.

Estas últimas terras eram designadas, de maneira vaga e geral, pelo nome de *Índias*. Sabiam os europeus que delas provinham mercadorias de grande valor, principalmente as *especiarias,* isto é, certos produtos de países quentes, empregados para dar gôsto aos alimentos, tais como a *baunilha,* a *canela,* a *noz-moscada,* o *cravo* e a *pimenta.*

Tudo isso chegava à Europa por intermédio de negociantes e navegadores, na maioria *árabes,* que habitavam as proximidades do mar Mediterrâneo. Ali passaram a dominar, entretanto, de 1400 em diante, fanáticos conquistadores pertencentes à religião muçulmana, contrários a quaisquer negócios com os países cristãos. O comércio das especiarias tornou-se mais difícil, e os preços subiram muito. Não poucas pessoas, então, se puseram a pensar que obteriam lucros enormes, caso conseguissem alcançar, diretamente, *por mar,* as regiões de que vinham aquêles desejados artigos.

Contudo, ninguém sabia, ao certo, se era possível realizar essa viagem. Os navios, muitíssimo menores que os transatlânticos modernos, não ofereciam segurança e, geralmente, se afastavam pouco das costas. Sôbre os oceanos contavam-se histórias de arrepiar cabelo. De acôrdo com uma dessas lendas, as águas iam se tornando mais quentes à medida que os marinheiros avançavam para o sul, e se êles não retrocedessem, acabariam sendo cozinhados juntamente com suas embarcações de madeira.

Dizia-se também que monstros terríveis e insaciáveis espreitavam as caravelas para despedaçá-las contra os rochedos, e depois devorar as respectivas tripulações. Segundo se acreditava ainda, as expedições, ao penetrarem no oceano, iriam encontrando plantas marinhas em quantidade crescente, e por fim ficariam prêsas numa espécie de cipoal aquático: o "MAR DE SARGAÇO".

Muita gente levava a sério estas e outras narrações fantásticas, que criavam uma verdadeira atmosfera de terror em tôrno das longas travessias marítimas. De qualquer maneira, era necessária muita coragem a quem tentasse alcançar, através dos mares desconhecidos, as terras das especiarias. Houve, contudo, um povo que, por ter tido essa coragem, se impôs ao respeito dos demais: O POVO PORTUGUÊS.

A ESCOLA DE SAGRES. — Em 1415, o *Infante Dom Henrique,* o Navegador, fundou a Escola de *Sagres,* destinada a ensinar aos portuguêses a arte da navegação. Os resultados corresponderam perfeitamente às esperanças, pois, poucos anos após, navios saídos de Portugal atingiram diversas ilhas do oceano Atlântico, entre elas a *Madeira* e os *Açôres,* e foram tornando conhecido o extenso litoral africano.

Em 1486, finalmente, o grande navegador BARTOLOMEU DIAS contornou o Sul da África, pelo Cabo da Boa Esperança, e, aproveitando o caminho assim descoberto, o almirante VASCO DA GAMA, em 1498, chegou às *Índias.*

Ali encontrou muitas riquezas, inclusive notável quantidade das cobiçadas especiarias. E a notícia da importantíssima descoberta des-

pertou, em Portugal, grande entusiasmo. Imediatamente foi organizada uma nova esquadra, constituída pelos melhores navios da época e dotada de poderoso armamento, cujo comando coube a um homem enérgico e experimentado, o almirante PEDRO ÁLVARES CABRAL.

A DESCOBERTA DO BRASIL

Essa expedição, em vez de seguir de perto as costas da África, delas se afastou extraordinàriamente e, *a 22 de abril de 1500,* avistou, junto às atuais costas da Bahia, uma elevação, a que deu o nome de MONTE PASCOAL. Alguns marinheiros, logo a seguir, desembarcaram numa pequena enseada próxima.

CABRAL NÃO CHEGOU AQUI "POR ACASO"

Há quem afirme que Cabral descobriu o Brasil por acaso. Segundo os que assim pensam, a esquadra, no seu caminho para as Índias, se desviou do litoral africano a fim de evitar as "calmarias". Dizem também que Cabral se enganou, ou, ainda, que as correntes marinhas foram insensìvelmente empurrando os navios para nosso lado.

Nenhuma dessas explicações parece acertada, pois os capitães da frota eram velhos conhecedores do trajeto a percorrer. Dentre êles figurava, aliás, o próprio descobridor do Cabo da Boa Esperança, Bartolomeu Dias. Não iriam, portanto, êstes e outros competentes pilotos cometer um êrro tão grosseiro, nem desperdiçariam tempo e trabalho em dar tamanha volta, se não tivessem interêsse em fazê-lo. Tudo está a indicar, pois, que a expedição de Pedro Álvares Cabral rumou, de propósito, para o oeste, a fim de verificar se, por ali, havia terras sôbre as quais pudesse estender-se o domínio português.

Sua patriótica curiosidade foi, sem dúvida, bem recompensada.

A PRIMEIRA E SEGUNDA MISSA. — Aos navegadores não tardaram a se apresentar homens bronzeados e de aspecto sadio, que não mostraram qualquer contrariedade ou desejo de lutar, e logo aceitaram diversos presentes. No dia 26 (domingo) armou-se num dos ilhéus (o da Coroa Vermelha) um tôsco altar, onde se rezou a primeira missa em terra do Brasil. A segunda missa foi rezada em terra firme, perante tôsco cruzeiro feito de troncos de árvore, sôbre o qual se pregara o escudo de Portugal e a ela assistiram numerosos indígenas.

Foi nessa ocasião que Cabral tomou solenemente posse da terra, em nome do monarca português, como para afirmar a determinação de aqui implantar o Catolicismo, juntamente com o domínio de sua pátria.

Pouco demorou, porém, a expedição que, depois de ter feito provisão de água e lenha, seguiu, a 2 de maio, na direção do Cabo da Boa Esperança e das Índias, com a segurança de quem sabe perfeitamente para onde vai, e por onde vai.

OS PRIMEIROS TEMPOS

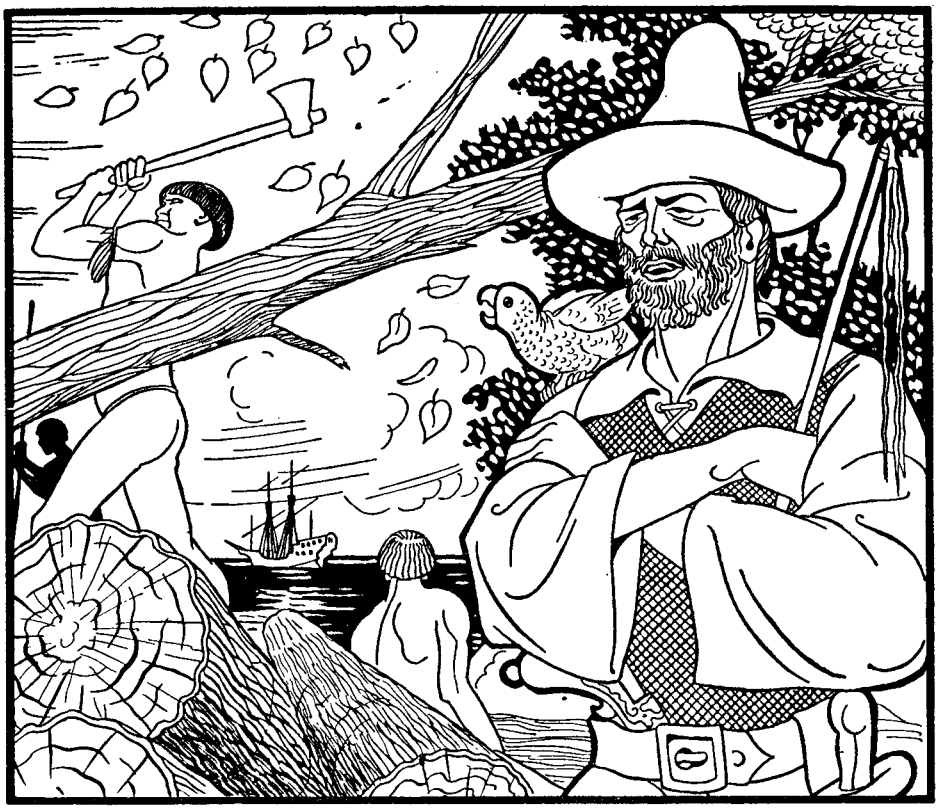
A esquadra, entretanto, não seguiu completa: um dos seus navios foi destacado a fim de levar a Portugal a boa notícia. Na terra de que tomara posse, Cabral deixou apenas 2 *degredados* e 1 grumete. Eram pobres homens, condenados por diversas culpas, que assim escapavam à pena de morte, bastante comum naqueles tempos. E foram êsses desconhecidos os nossos primeiros povoadores brancos, ignorando-se totalmente o que depois lhes aconteceu.

O fato de Cabral ter velejado para as Índias não quer dizer que êle desprezasse, sem mais nem menos, a sua descoberta. É preciso lembrar que a expedição se destinava às riquíssimas regiões encontradas por Vasco da Gama, aos portos distantes onde havia especiarias em abundância. Daí, a curta permanência da esquadra em nossa terra.

O govêrno de Portugal, todavia, logo que soube do acontecimento, organizou frotas destinadas a explorar com bastante cuidado a nova possessão, para ver o que dela se podia aproveitar. De uma dessas viagens participou o famoso geógrafo italiano *Américo Vespucci,* um dos primeiros a perceber que as terras encontradas a oeste formavam enorme continente. E a êste, por sinal, foi dado o seu nome (América).

Disso não soubera Cabral, como o prova o fato de ter denominado a terra descoberta de ILHA DE VERA CRUZ. As expedições posteriores verificaram o engano, e logo passou o nosso país a ser chamado TERRA DE SANTA CRUZ.

Bem poucos portuguêses, na verdade, visitaram o Brasil nos primeiros trinta anos, isto porque quase todo o dinheiro, quase todos os navios de Portugal estavam sendo empregados no comércio com as Índias. Os lucros provenientes das especiarias eram, com efeito, muito maiores dos que a TERRA DE SANTA CRUZ podia então proporcionar. E até 1532, mais ou menos, as praias descobertas por Cabral ficaram, não pròpriamente esquecidas, mas mantidas como uma espécie de reserva, para futura exploração.



O PAU-BRASIL

Na TERRA DE SANTA CRUZ, havia, entretanto, uma fonte de riqueza que logo chamou a atenção dos aventureiros franceses — o *pau-brasil*. Essa madeira, já conhecida no Oriente, era então bastante procurada, pois servia para tingir os tecidos, devendo-se notar que não existiam, naqueles tempos, os corantes químicos de nossos dias.

Cabe aqui uma pergunta: se tal madeira possuía algum valor, por que não vieram logo os portuguêses buscá-la, em grandes quantidades, para vendê-la na Europa? A resposta é muito simples. As especiarias e outros artigos do Oriente alcançavam preços tão altos

que um navio cheio delas rendia pelo menos cinco ou seis vêzes mais do que se estivesse carregado de pau-brasil. Quem daria, portanto, preferência a êste último?

Sòmente quem não tivesse possibilidades de praticar o comércio com as Índias. É o que acontecia aos franceses, pois Portugal, possuidor de poderosíssima esquadra, não permitia que navios de outras nações se aproximassem das terras por êle descobertas na Ásia.

Aqui, porém, a vigilância era menor, e numerosas embarcações procedentes da França começaram a procurar o pau-brasil. Insinuantes e hábeis, os novos visitantes conquistaram as simpatias de muitos indígenas. Foram espalhando, pelo litoral, postos de comércio, chamados "feitorias" onde, em troca de facas, machados e objetos vistosos, mas de pequeno valor, iam enchendo as suas naus com os toros da preciosa madeira.

O MONOPÓLIO E OS FRANCESES

Naquela época, quando uma nação européia possuía colônias, era a única a poder negociar com elas. Era o que se chamava o regime de MONOPÓLIO. Devido a êste sistema, não se permitia aos franceses trocar mercadorias com os indígenas em nossas praias, e nelas embarcar o pau-brasil. Para impedir que isso acontecesse, mandaram os portuguêses diversas expedições armadas e levantaram pequenas fortificações no litoral. Os franceses representaram, pois, papel importante em nossa História: o de chamarem a atenção de Portugal para nossa terra, e nela provaram existir alguma coisa de realmente aproveitável.

O NOME DE "BRASIL"

Devido a essa fonte de riqueza, a "TERRA DE SANTA CRUZ" por todos passou a ser chamada de BRASIL, nome que as autoridades portuguêsas acabaram adotando, e que hoje serve universalmente para designar o nosso país.

O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Apesar de haverem sido apresadas ou destruídas várias de suas embarcações, os franceses insistiam em fazer negócios com os índios por todo o litoral, logo surgindo indícios de que nêle tencionavam instalar-se de maneira definitiva.

O govêrno português percebeu o perigo que ameaçava a sua possessão e compreendeu que o único meio de garanti-la contra qualquer invasor consistia em *fundar povoações,* em trazer bastante gente para a terra. Esta já era capaz de proporcionar algum lucro, graças ao pau-brasil, e nela se podia tentar a cultura de plantas tropicais.

Obedecendo a sábios conselhos, o rei resolveu criar *núcleos* coloniais, isto é, pequenas vilas formadas por agricultores e soldados imigrados. Um navegador e administrador competente, MARTIM AFONSO DE SOUSA, em 1532, foi encarregado de escolher o local para a instalação do primeiro povoado.

A FUNDAÇÃO DE SÃO VICENTE

Depois de examinar longamente as costas brasileiras, Martim Afonso de Sousa achou que o ponto indicado para dar início à colonização era a enseada de SÃO VICENTE, onde hoje se ergue a cidade do mesmo nome, perto de Santos. Não só lhe pareceram favoráveis o pôrto e as condições do clima, como ainda as disposições amigáveis dos indígenas. Ali vivia, com efeito, um homem branco, chamado *João Ramalho,* cuja data de chegada continua incerta, que exercia forte influência sôbre os selvagens.

A vila de SÃO VICENTE foi fundada em 1532, sendo alojados em tôscas habitações os soldados e lavradores, enquanto se faziam construções mais sólidas, dentre as quais sobressaía a igreja. Logo lançaram os colonos ao solo sementes de várias plantas e alguns bois não tardaram a pastar pelos prados vizinhos.

Das lavouras tentadas, deu ótimo resultado a CANA-DE-AÇÚCAR, que iria trazer prosperidade ao pequeno núcleo e, mais tarde,

a muitos outros pontos do Brasil. Dessa maneira, foi se constituindo uma verdadeira pequena cidade, com autoridades, com moradores fixos, com uma fôrça militar a defendê-la, e com campos cultivados em redor. Em resumo, já se dera início, promissoramente, à COLONIZAÇÃO DO PAÍS.

OS ÍNDIOS BRASILEIROS

Vejamos, agora, mais minuciosamente, quais eram os homens aqui encontrados pelos portuguêses.

Convém, em primeiro lugar, que expliquemos um engano dos descobridores espanhóis da América. Ao chegarem ao nosso continente, êles pensavam ter atingido as proximidades das cobiçadas Índias. Daí, o chamarem de "ÍNDIOS" os habitantes das novas terras.

Assim denominaram os portuguêses, também, aos naturais do Brasil. Êstes, ao contrário do que muitos pensam, não falavam todos a mesma língua, nem tinham costumes iguais. Constituíam vários grupos, dêles destacando-se os *tupis*, menos atrasados, que viviam de preferência junto ao litoral ou nas margens dos grandes rios, isto é, em lugares onde abundavam a caça e a pesca, duas de suas principais fontes de alimentação. Praticavam, também, uma agricultura rudimentar, possuindo plantações de milho e, especialmente, de mandioca. Suas lavouras não podiam ser grandes nem bem cuidadas, porque, como foi dito, faltavam-lhes os instrumentos de metal (pás, enxadas, etc.).

Moravam em aldeias cujas casas, feitas de barro e galhos entrançados, circundavam um terreiro, sendo por vêzes rodeadas por cêrcas de troncos, para melhor segurança. A êsses grupos de habitações se dava o nome de *tabas* e, como fôssem fáceis de construir, tinham os índios o hábito de mudá-las de lugar.

Isso acontecia, não porque os índios fôssem inconstantes de natureza, mas porque precisavam freqüentemente deslocar-se. Era-lhes necessário, com efeito, caçar para viver, e como depois de algum tempo a caça ia diminuindo nas proximidades de suas tabas, tinham de procurar nova morada. As próprias roças de mandioca ou de milho, devido ao atraso em matéria de lavoura, não podiam ser plantadas

com proveito dois anos seguidos no mesmo terreno. Daí, a vida errante que era obrigada a levar essa gente.

A caça fazia-se com arcos e flechas, que os índios manejavam com admirável perícia. Êles pescavam por processos muito primitivos, como, por exemplo, o de fisgar os peixes com espécies de lanças ou com as próprias setas.

Dividiam-se os índios em *tribos* governadas por chefes guerreiros, conhecidos como os *caciques* ou *morubixabas,* mas onde os feiticeiros, ou *pajés,* sempre gozavam de grande autoridade.

Eram constantes as guerras entre tribos. Não brigavam por puro espírito de ferocidade e sim porque a necessidade as levava a disputar florestas e campos, onde houvesse bastante caça, ou praias fartas de peixes e mariscos. Em resumo, a luta pela vida tornava os índios guerreiros e *nômades,* isto é, errantes.

Suas principais armas de guerra, além dos arcos e flechas, eram os *tacapes,* feitos de madeira mal trabalhada, e por vêzes êles usavam chuços, ou machados de pedra. Êstes últimos, contudo, eram empregados de preferência em atividades pacíficas. Os objetos domésticos (rêdes, cuias, cabaças, etc.), eram dos mais simples, e diversos índios sabiam fabricar vasilhas de barro, algumas das quais ornadas de interessantes desenhos.

OS TAPUIAS. — Além dos tupis, havia vários outros grupos de índios geralmente mais atrasados. Muitos dêles, devido a inferioridade de suas armas e de sua organização, tinham sido repelidos para regiões do interior onde a ausência de mariscos e a escassez de peixe tornava a vida mais difícil. A todos êsses inimigos dos tupis os portuguêses chamavam, nos primeiros tempos, de *tapuias.* Levavam um modo de vida semelhante ao que acabamos de descrever, ainda mais primitivo, porém, e seus utensílios eram em geral mais grosseiros. Habitando terras quase sempre pobres, cobiçavam as praias e os grandes rios ocupados pelos tupis, e contra êstes se atiravam, com freqüência e ferocidade.

A ANTROPOFAGIA. — É sabido que os índios brasileiros comiam, por vêzes, carne humana. Os tupis, porém, faziam-no raras vêzes e de preferência após os combates, porque pensavam que, ingerindo uma pequena parte do corpo dos guerreiros vencidos, fica-

vam com a fôrça dêstes últimos. Diversas tribos de tapuias, em compensação, costumavam banquetear-se com a carne dos inimigos, que consideravam ótimo alimento.

OS PORTUGUÊSES E OS ÍNDIOS. — Essas diferenças explicam por que os primeiros colonizadores se entendiam melhor com os tupis que com os tapuias. Não poucos degredados ou desertores, que as primeiras expedições aqui deixaram, foram bem acolhidos pelas populações tupis, junto às quais passaram a viver, constituindo famílias e tendo filhos mestiços. O mesmo aconteceu a diversos náufragos. Vimos, por exemplo, como *João Ramalho,* em São Vicente, era benquisto pela gente da terra.

Outro caso de todos conhecido foi o de um português, *Diogo Álvares Correia,* que adquiriu grande prestígio entre os indígenas da Bahia, onde desposou a filha de poderoso chefe local. Conta-se que, tendo naufragado naquelas proximidades, conseguiu salvar uma arma de fogo, e quando viu os selvagens se aproximarem, matou com certeiro tiro uma ave marinha. Diante do estrondo e do poder daquele objeto desconhecido, os índios pensaram estar em presença de um ser excepcional, de uma espécie de "deus branco", e passaram a tratar o náufrago com acentuado respeito.

Diogo Álvares, sob o nome de "CARAMURU", que lhe deram os indígenas, tornou-se uma das personagens mais conhecidas da nossa História, e prestou precioso auxílio aos portuguêses, quando êstes resolveram colonizar a Bahia.

CARAÍBAS E NUARUAQUES. — Dentre os grupos de índios que não eram nem tupis nem tapuias destacavam-se nas regiões do Extremo Norte — os *caraíbas* e os *nuaruaques,* notabilizando-se os últimos por seus artísticos objetos de barro.

AS PRIMEIRAS LUTAS. — Desde os primeiros choques havidos entre franceses e portuguêses, os índios combateram de ambos os lados. Dessa maneira foram criando inimizades e rancores. Também algumas tribos tapuias, que residiam perto das praias, atacavam constantemente os homens brancos. Na Bahia, por exemplo, os ferozes CAETÉS por mais de uma vez praticaram terríveis massacres.

Nem sempre, porém, eram culpados dessas lutas os índios brasileiros. Os colonizadores portuguêses precisavam de quem trabalhasse nas suas lavouras, e, por causa disso, aprisionavam os selvagens transformando-os em verdadeiros escravos. Êsse cruel procedimento fêz que quase tôdas as tribos passassem a desconfiar dos homens brancos, tratando-os como perigosos inimigos. E assim surgiram, por tôda parte, sangrentos combates, que se prolongaram por muitos anos.

LEITURA

O PRISIONEIRO BRANCO E O ASSALTO DOS TUPINIQUINS

"Certa noite desembarcaram os tupiniquins, em sua excursão guerreira há longo tempo planejada, com vinte e cinco igaras (1), em nossa vizinhança, sem que os tivéssemos percebido. Na manhã seguinte, investiram contra a taba e atacaram sob medonha gritaria. Batiam no solo com os pés, ruidosamente; alguns, tirando sons agudos dos seus instrumentos de sôpro, os mimbis, feitos de cabaças; outros, arrancando silvos de flautas e apitos feitos de ossos das pernas e braços dos inimigos executados. Todos êles traziam cordas envôltas em si, no intuito de amarrarem os prisioneiros, e estavam enfeitados com penas de determinadas côres, que valiam por marcas de reconhecimento. Atiraram com rapidez uma grande quantidade de flechas contra nós e utilizavam também flechas incendiárias, procurando atear fogo às nossas choças. Quando o assalto assim surdiu, com tal alarido, reinou entre os nossos grande confusão e mêdo. As mulheres quiseram fugir. Então, disse eu: "Vós me tendes em conta de português, vosso inimigo. Desatai-me apenas êstes amarrilhos e dai-me arco e flechas. E vos ajudarei a defender vossas cabanas". Para a única espingarda da aldeia, com a qual eu tive que atirar sôbre os meus inimigos quando fui feito prisioneiro, não havia mais pólvora nenhuma. Não adiantava cogitar dessa arma.

Fizeram como eu lhes pedira; gritei e atirei à sua maneira, tão bem quanto pude, exortando-os a que tivessem coragem, e nada

(1) Canoas indígenas.

lhes aconteceria. Era minha intenção, nesta emergência, fugir através da estacada e bandear-me para os atacantes, pois êstes conheciam-me e sabiam que eu estava na aldeia. Vigiavam-me, porém, demais.

Afinal, os tupiniquins, persuadidos de que não poderiam vencer, retiraram-se para seus botes e remaram de volta. Quanto a mim, fui logo pôsto de novo em cativeiro, e deitaram-me as amarras.

À noite, à luz da lua, reuniram-se os chefes mais prestigiosos da nossa taba, no terreiro que fica ao centro das ocas. De cócoras, e bebendo o fumo dos rolos de pitim, discutiam os nativos sôbre o dia em que conviria matar-me. Trouxeram-me para junto de si, neste conchavo, aí debicando-me e dirigindo-me ameaças. Fiquei de pé, no meio dêles, abatido, contemplando a lua e pensava comigo: "Ó meu Senhor e meu Deus, ajuda-me nesta miséria, e conduze-me à bem-aventurança".

CARLOS FOUQUET
De "O Prisioneiro de Ubatuba"
(Edições Melhoramentos)

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

A

1 — Antes de 1500, era o Brasil um país civilizado?
2 — Que povo da Europa trouxe ao Brasil a civilização e o Cristianismo?
3 — Que são as especiarias?
4 — Por que queriam os portuguêses chegar às Índias, por mar?
5 — Qual foi o primeiro navegador português a chegar às Índias?
6 — Quem comandou a segunda expedição portuguêsa às Índias?
7 — É verdade que a esquadra de Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil por acaso?
8 — Em que data chegou Cabral ao Brasil?
9 — Demorou-se Cabral muito tempo em terras brasileiras?
10 — Qual o primeiro nome dado ao Brasil?
11 — Donde provém o nome "Brasil"?
12 — Para que servia o pau-brasil?
13 — Preocupavam-se os portuguêses mais com as terras das Índias ou com as do Brasil, logo após a descoberta?
14 — Que vinham os franceses fazer no Brasil, logo após a descoberta?
15 — Que eram as feitorias?
16 — Que era o monopólio?

17 — Por que não deixavam os portuguêses que os franceses fizessem negócios, livremente, com os índios?
18 — Como eram feitos os negócios entre os europeus e os índios?
19 — Qual foi a primeira vila fundada no Brasil?
20 — Que espécie de lavoura deu os melhores resultados, no Brasil, nos primeiros anos?

B

21 — Por que foram chamados de *índios* os homens que habitavam a América antes dos europeus?
22 — Todos os índios do Brasil falavam a mesma língua?
23 — Por que a caça e a pesca eram muito importantes para os índios brasileiros?
24 — Que eram as tabas?
25 — Por que as tribos de índios brasileiros iam freqüentemente de um lugar para outro?
26 — Conheciam os índios brasileiros a agricultura?
27 — Por que não podiam os índios brasileiros ter uma agricultura muito adiantada?
28 — Que eram os *caciques?*
29 — Que eram os *pajés?*
30 — Tinham os *pajés* grande influência nas suas tribos?
31 — Que índios eram mais atrasados: os tupis ou os tapuias?
32 — Por que preferiam os índios morar nas terras do litoral, ou nas margens dos grandes rios?
33 — Os tupis eram antropófagos por gulodice, ou por que motivo?
34 — Quem foi Caramuru?
35 — Participaram os índios das lutas entre portuguêses e franceses? De que lado?
36 — Qual o principal motivo das lutas entre os índios e os portuguêses?
37 — Que necessidade levava os portuguêses a aprisionar os índios?
38 — Tinham os índios razões de desconfiar dos homens brancos? Por quê?

Capítulo II

A CONQUISTA E O POVOAMENTO DO LITORAL

AS CAPITANIAS E O GOVÊRNO-GERAL

A experiência de São Vicente provou aos portuguêses que valia a pena cuidar com carinho da nova possessão, onde aos lucros proporcionados pelo pau-brasil vinham juntar-se os resultados da cultura da CANA-DE-AÇÚCAR.

AS CAPITANIAS. — Logo de início, contudo, ainda não queria o govêrno de Portugal ter grandes despesas com suas terras do Brasil. E por isso imaginou empregar um sistema de colonização que dera bons resultados em outros lugares. Dividiu o nosso litoral em quinze partes, cada qual correspondendo a certo número de léguas ao longo da praia. Doou êsses lotes a diversos fidalgos, que podiam explorá-los à vontade, desde que nêles aplicassem o próprio dinheiro.

Surgiram assim as *capitanias,* entregues aos seus donatários que receberam o título de *capitães-mores.* Cada qual podia considerar-se verdadeiro pequeno rei, pois governava sua região em nome do monarca português, nela podendo distribuir terras, cobrar impostos e mesmo prender e condenar pessoas, salvo quando estas eram muito importantes.

Apesar de tais vantagens, quase tôdas as capitanias não se desenvolveram, porque, sendo enormes, era muito difícil impedir que os franceses nelas viessem negociar, ou que as plantações fôssem atacadas pelos índios inimigos. Para isso teriam sido necessários alguns navios, muitos soldados e outros recursos que os capitães-mores não possuíam.

Dentre êsses capitães muitos perderam seu tempo e seu dinheiro. Alguns nem se deram ao trabalho de vir ao Brasil. Registraram-se,

aliás, dolorosas tragédias, tendo sido um dos donatários, *Francisco Pereira Coutinho,* morto e devorado pelos índios, nas proximidades da Bahia. Afirma-se que outro capitão-mor ficou reduzido a pedir esmolas, na sua própria terra. Finalmente, uma expedição que fôra tomar conta da capitania do Maranhão sofreu terrível naufrágio, que redundou em prejuízo total.

SÃO VICENTE E PERNAMBUCO. — Apenas prosperaram as capitanias de *São Vicente,* doada a Martim Afonso de Sousa, e a de *Pernambuco,* cujo donatário era *Duarte Coelho Pereira.* O desenvolvimento de ambas foi devido, principalmente, a estas circunstâncias:

1 — o convívio amistoso com os indígenas, assegurado em São Vicente por João Ramalho; e, em Pernambuco, por Jerônimo de Albuquerque, parente do donatário, que desposou a filha de prestigioso chefe local;

2 — a cultura da cana-de-açúcar, cujo produto, vendido por bom preço em Portugal, proporcionou ótimos lucros, e animou inúmeros colonos a virem instalar-se nesses lugares.

Enquanto, no resto do Brasil, fracassavam as capitanias, aumentava a ousadia dos franceses que, cada vez com maior atividade, iam fazendo negócios em nosso litoral.

O GOVÊRNO-GERAL. — Esta situação levou os dirigentes de Portugal a organizar de outro modo a exploração da colônia. Decidiram estabelecer um GOVÊRNO-GERAL, cuja autoridade se estendesse a tôdas as capitanias, e que tivesse a seu dispor navios e soldados, a fim de lutar eficazmente contra "os inimigos de fora e os de dentro".

Essas fôrças de terra e mar viriam, sem dúvida, trazer maior segurança aos colonos, permitindo-lhes dedicar-se ao aproveitamento da terra, livres do contínuo perigo de perder suas lavouras e sua própria vida.

O primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, chegou à Bahia em 1549, trazendo, além de quatrocentos agricultores, seiscentos soldados e três boas embarcações. Com êle vieram, também, altos funcionários encarregados de tratar das finanças e de cuidar da justiça.

Nas margens da baía de Todos os Santos, lançou Tomé de Sousa os fundamentos da Cidade do Salvador, destinada a tornar-se a capital da colônia. Logo se abriram as ruas e a praça principal, ladeadas de rústicas habitações, sendo construídos sòmente mais tarde edifícios amplos e sólidos, entre os quais o *Colégio dos Padres Jesuítas*. Seis dêsses religiosos, com efeito, tinham vindo com Tomé de Sousa, sob a direção do *Padre Manuel da Nóbrega,* para ensinar a religião aos indígenas e trazê-los à civilização.

O primeiro governador-geral era um homem ativo e enérgico, que visitou as capitanias e tomou providências para melhorar a situação dos colonos. No seu govêrno foi criado o bispado do Brasil, sendo primeiro bispo *D. Pêro Fernandes Sardinha.*

OS CANAVIAIS DA BAHIA. — A capital da colônia cresceu ràpidamente, para o que muito contribuíram as plantações de cana-de-açúcar que não tardaram a estender-se pelos arredores, garantindo aos habitantes bons ganhos. Essa espécie de cultura foi se estendendo a outras terras do Brasil, quase sempre com resultados compensadores. Na Bahia, deixou de existir, para os lavradores, o perigo da hostilidade dos indígenas, a quem Tomé de Sousa tratou com energia por vêzes demasiada, atemorizando-os com castigos exemplares. Chegou, mesmo, a amarrar dois caciques à bôca de canhões que mandou disparar em seguida. Em face de medidas tão cruéis, compreende-se que os antigos donos da terra não mais pensariam em importunar os colonos.

A MORTE DE DOM PÊRO FERNANDES SARDINHA. — Tomé de Sousa ficou no Brasil perto de quatro anos, sucedendo-lhe *Duarte da Costa,* cujo govêrno não foi muito feliz. Com êle teve séria desavença o bispo Dom Pêro Fernandes Sardinha que, depois de não poucos aborrecimentos, resolveu embarcar para Portugal. Naufragou êsse prelado, porém, nas proximidades do litoral e, tendo conseguido salvar-se, foi atacado e morto pelos terríveis *caetés,* que o devoraram, juntamente com outros de seus companheiros. A pavorosa tragédia ocorreu em 1556, e dá uma idéia de quantos riscos corriam os que, naquela época, atravessavam os mares para vir ao Brasil.

A EXPULSÃO DOS FRANCESES

No govêrno de Duarte da Costa, tornou-se muito grande a atividade dos franceses. Um grupo dêles, tendo à frente o chefe calvinista *Villegagnon,* desembarcou em 1555, no Rio de Janeiro, onde esperava fundar uma nova colônia que teria o nome de FRANÇA ANTÁRTICA. Diante do número e do armamento dos invasores, Duarte da Costa preferiu não lhes dar combate, e limitou-se a enviar a Portugal repetidos pedidos de auxílio.

Chegaram, afinal, alguns reforços, com o novo governador-geral, *Mem de Sá* que, de 1560 em diante, começou a guerrear os franceses. Achavam-se êstes bastante fortes, pois tinham armado respeitáveis fortificações e conseguido a aliança dos TAMOIOS, índios aguerridos, que dominavam grande faixa do litoral, desde o Norte do Rio de Janeiro até as imediações de Santos.

Dentre os chefes indígenas destacava-se o morubixaba CUNHAMBEBE, homem de extraordinária fôrça muscular, que assombrou os franceses ao carregar, com espantosa facilidade, um dos seus pequenos canhões. Gabava-se êle de haver provado a carne de centenas de inimigos, mortos por suas próprias mãos.

Em pequenas e rápidas canoas, os comandados de Cunhambebe chegavam a atacar as grandes naus, constituindo sério e contínuo perigo para os portuguêses. Obtiveram êstes, em compensação, a aliança dos índios teminimós, vindos do Espírito Santo, cujo chefe, *Ararigbóia,* se instalou num aldeamento que deu origem à cidade de Niterói, agora capital do Estado do Rio de Janeiro.

A batalha decisiva travou-se em 1567, nela havendo sido submetidos a impiedoso massacre os franceses e tamoios. E na mesma ocasião foi fundada, solenemente, a cidade do Rio de Janeiro, futura capital do Brasil.

O desastre experimentado na baía de Guanabara não impediu os franceses de procurar estabelecer-se em outros pontos do litoral. Por duas vêzes tentaram fixar-se no *Maranhão,* onde foram repelidos em 1598, ali tendo voltado em 1612. Nesta segunda investida, êles fundaram a cidade de *São Luís.*

De 1613 a 1615, tropas portuguêsas, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque e Alexandre de Moura, atacaram os novos estabelecimentos, acabando por se apoderar dêles. Em 1616, já se encontrando o Maranhão inteiramente livre de franceses, foi iniciada a colonização do *Pará*. Essas regiões do Extremo Norte, dadas as dificuldades de navegação existentes entre elas e a Bahia, passaram então a formar um *estado,* cujo governador dependia diretamente de Lisboa.

MODIFICAÇÕES NO GOVÊRNO-GERAL. — Não só junto a nossas praias se desenrolaram as hostilidades. Houve também lutas renhidas em alto mar, e um governador-geral que viera suceder a Mem de Sá foi vitimado, em pleno oceano, por piratas franceses, que se apoderaram de tôda a expedição.

Em vista dêste e de outros ataques, e para melhor poder defender a colônia contra os audazes salteadores dos mares, o rei de Portugal dividiu o Brasil em dois governos, um com sede na Bahia, e outro no Rio de Janeiro.

Pouco tempo depois, entretanto, a Bahia voltou a ser a única capital da colônia.

A CANA-DE-AÇÚCAR

Enquanto os soldados portuguêses, com auxílio dos índios aliados, iam expulsando os franceses, muitas povoações apareceram e prosperaram junto às costas brasileiras. Eram, a princípio, acampamentos militares destinados à defesa de nossas terras contra os estrangeiros cobiçosos. Não tardaram, porém, a transformar-se em vilas florescentes, devido à CANA-DE-AÇÚCAR.

Os resultados obtidos com a cultura dessa planta animaram os portuguêses a instalar-se no Brasil, em número cada vez maior. O açúcar, exportado em quantidades crescentes para Portugal, ali era vendido, com fartos lucros, a outros países europeus. Havia dinheiro, assim, com que comprar, na Europa, os instrumentos para as lavouras, os sinos para as igrejas, as máquinas para os engenhos, as roupas para os colonos e as armas para os soldados. Graças ao açúcar, pois, podia o Brasil receber tudo quanto fôsse necessário para aproveitar a terra, construir as cidades e aldeias, garantir aos seus habitantes comodidade e segurança.

Poucos brasileiros desconhecem os canaviais, que de longe se assemelham a imensos tapêtes de côr verde-claro. Essas belas plantações, nos primeiros tempos, podiam ser vistas juntas a qualquer povoação onde houvesse gente branca, no Brasil.

Mas não bastava plantar a cana e colhê-la. Fazia-se mister, ainda, extrair dela o açúcar que, em caixas de madeira, era embarcado para Portugal nos navios de vela.

OS ENGENHOS. — Por tôda parte, pois, surgiram *engenhos,* isto é, instalações destinadas a preparar o precioso produto. O nome, a princípio, se aplicava apenas ao conjunto de máquinas. Os possuidores destas, todavia, eram sempre senhores de muitas terras, e por

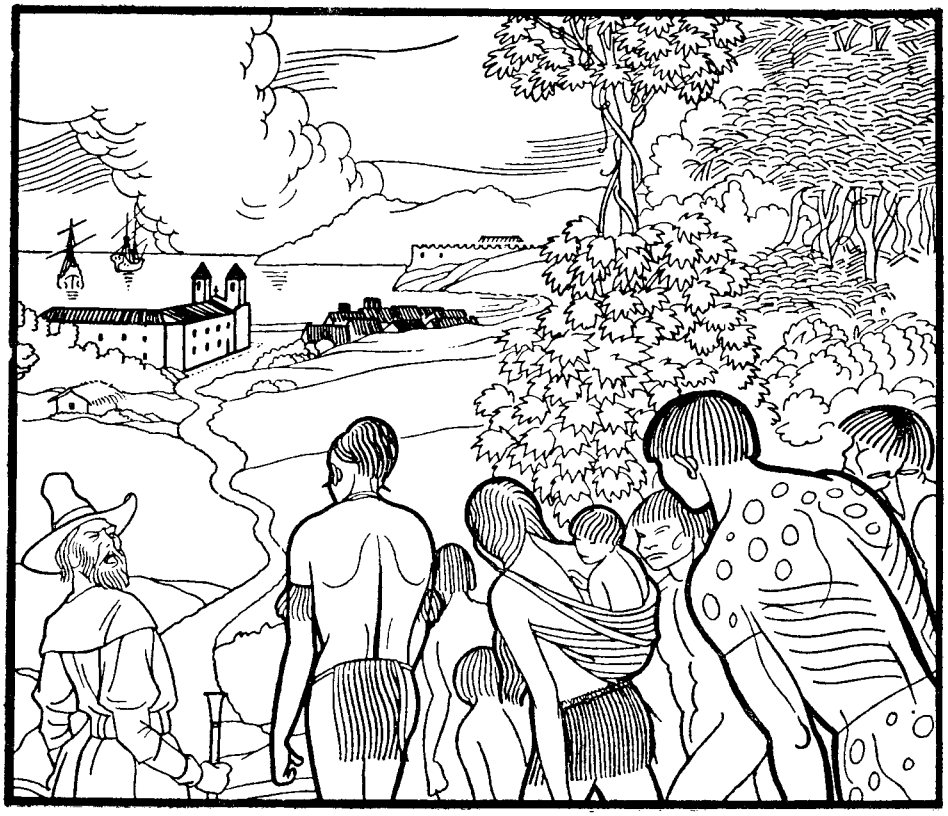
isso a palavra *engenho* passou a designar, de modo geral, as grandes propriedades onde se cultivava a cana.

Nesses domínios não existiam, apenas, os extensos canaviais. Precisavam êles conter, também, matas de onde se tirava lenha em abundância, além de pastagens para os bois que puxavam os carros e faziam rodar as moendas. Tudo isso exigia o trabalho de numerosos escravos, cujo alimento vinha quase todo de pequenas roças (de milho, mandioca e feijão) espalhadas em redor dos engenhos e cultivadas por índios livres ou por mestiços — os antepassados de nossos atuais caboclos.

O PREPARO DO AÇÚCAR. — Uma vez colhida, a cana ia ter, em carros de bois, às moendas, onde era espremida entre fortes e grossos cilindros. O *caldo* que dela saía era canalizado para a CALDEIRA, aquecida a lenha, onde ficava fervendo até transformar-se numa espécie de melado grosso.

Êste, pôsto em *fôrmas* (vasilhas de barro apropriadas) passava à *casa de purgar*, onde se procedia à purificação do produto. Terminada a operação, colocava-se o açúcar, já pronto, em caixas de madeira calafetadas com fôlhas sêcas de bananeira. Assim se exportava o produto, que permitia à colônia viver e progredir.

OS SENHORES DE ENGENHO. — Desde os tempos das capitanias, as autoridades entregavam *sesmarias,* isto é, grandes áreas de terras, a quem fôsse capaz de cultivá-las. Doavam-nas, de preferência, a pessoas ricas, a gente que tivesse meios de comprar as dispendiosas máquinas e manter numerosos trabalhadores (quase todos escravos). Êsses grandes proprietários e seus herdeiros se tornavam conhecidos como os *senhores de engenho.* Não preparavam êles apenas a cana produzida em suas terras, mas ainda a de outras plantações onde não existissem moendas. Dêles dependiam os criadores de gado e os lavradores de pequenas roças de cereais que se agrupavam em tôrno de seus imensos canaviais. Seu poder era considerável, e por muito tempo constituíram êles a classe mais rica e respeitada da colônia.



A ESCRAVIZAÇÃO DOS ÍNDIOS E AS ORDENS RELIGIOSAS

Nos primeiros tempos, os colonos portuguêses não eram bastante numerosos para os serviços agrícolas, e foi preciso, como já vimos, recorrer aos índios. Êstes, porém, não estavam acostumados a semelhantes serviços, e se recusavam a trabalhar. Os colonizadores, então, para poder aproveitar a terra, puseram-se a *escravizar* os indígenas, aprisionando-os, forçando-os a cultivar os campos e tratando-os com desumanidade.

Lembraram-se algumas pessoas de substituir os índios, na lavoura, por escravos negros que, além de robustos e resistentes, se mostra-

vam mais conformados com a sua triste sorte. Êstes últimos cativos, contudo, custavam muito caro, e ainda não havia, na colônia, recursos para mandá-los vir da África em quantidade suficiente. Isso fêz que, por longos anos, continuassem os índios a ser perseguidos e capturados, a fim de se garantir a prosperidade das lavouras do litoral.

AS ENTRADAS. — Houve, mesmo, numerosas expedições, conhecidas pelo nome de *entradas,* que se embrenharam pelo interior, em procura de cativos. Algumas delas, no Nordeste, chegaram a trazer para o litoral, pela fôrça ou por traiçoeiras promessas, milhares de índios destinados às plantações de cana.

Na capitania de São Vicente, os principais caçadores de escravos foram os *mamelucos,* ou mestiços de brancos e índias que, conhecendo perfeitamente a língua e o modo de guerrear da gente da terra, mais fàcilmente podiam dominá-la ou enganá-la. Por tôda parte, aliás, os piores inimigos dos indígenas foram êsses espertos mestiços.

OS RELIGIOSOS. — Diversas ORDENS RELIGIOSAS tomaram corajosamente a defesa dos índios. Os *JESUÍTAS,* principalmente, foram incansáveis na luta contra as maldades dos brancos e mamelucos, não se limitando a reprovar, com simples palavras, as injustiças e os maus tratos. Com risco da própria vida, internavam-se nas selvas. Renunciando a todo confôrto e tôda segurança, iam fundando aldeamentos onde ensinavam aos índios a religião Católica e, ao mesmo tempo, os exercitavam nos trabalhos da lavoura. Suas missões se espalharam por diversas regiões do Brasil, e muitas delas se transformaram em prósperas cidades, de que hoje nos orgulhamos.

A FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO. — Entre as grandes realizações dos jesuítas sobressai a instalação de um povoado que se desenvolveu extraordinàriamente, até tornar-se, em nossos dias, o primeiro centro industrial da América do Sul. Trata-se da cidade de *São Paulo,* que foi crescendo em tôrno de um *colégio* instalado, em 1554, pelo Padre Manuel da Nóbrega, e que tem muita importância na História do Brasil.

O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA. — Muitos foram os jesuítas cujo espírito de sacrifício e cuja capacidade de luta contribuíram

para pacificar os indígenas, trazê-los à civilização, e diminuir as crueldades de que eram vítimas. Dentre êles se destaca o *Padre José de Anchieta,* cuja coragem e abnegação se tornaram lendárias em nosso país. Gozava êsse religioso de tanto prestígio entre as populações nativas que, pouco depois da fundação de São Paulo, impediu a destruição dessa localidade e de tôda a capitania de São Vicente, sèriamente ameaçadas por um acôrdo geral entre os terríveis guerreiros *tamoios.*

Estando êstes acampados nas imediações de Ubatuba, ali foi ter Anchieta, inteiramente sòzinho, embora soubesse que estavam tais índios dispostos às piores vinganças contra qualquer homem branco. Tal era, contudo, a sua fama de bondade e lealdade que não apenas foi bem acolhido, mas conseguiu convencer os principais chefes a desistirem do planejado assalto. Êste episódio, conhecido como o *Armistício de Iperoig,* teria sido suficiente para tornar sempre lembrado o nome de Anchieta. Muitos outros fatos dignos de nota, porém, levam a admirar êsse homem excepcional, que não limitou sua ação aos arredores de São Paulo, mas, ainda depois, foi pregar a religião católica a ferozes tribos do Espírito Santo.

O QUE SIGNIFICA, PARA NÓS, O PRIMEIRO SÉCULO DE COLONIZAÇÃO

(Resumo)

Vimos que a primeira riqueza a atrair para aqui os europeus foi o pau-brasil. A partir de 1532, porém, a cultura da cana-de-açúcar passou a constituir a principal fonte de lucros da colônia, onde os *senhores de engenho* e os grandes proprietários de terra, em geral, se tornaram uma classe poderosa e por todos respeitada.

A prosperidade do Brasil — dessa região que os portuguêses a princípio pareciam desprezar — despertou a cobiça dos franceses, que tentaram instalar-se em nossas praias, sendo repelidos após sangrentos e prolongados combates.

Outras lutas se travaram em nosso território. Para cultivar as terras, os colonos portuguêses precisavam escravizar os índios, que muitas vêzes reagiam violentamente. De lado a lado se registraram

massacres e crueldades, pois os esforços dos jesuítas e de outras ordens religiosas não conseguiram manter a paz entre os antigos e os novos habitantes da grande colônia.

O Brasil ia progredindo, contudo, através de tôdas as dificuldades, e a própria necessidade da defesa levou os portuguêses a melhor conhecerem o nosso litoral, onde surgiram numerosas povoações.

Isso nunca teria sido conseguido sem muito trabalho, MUITA CORAGEM e MUITA ENERGIA. As tragédias por nós lembradas, os trucidamentos do primeiro bispo do Brasil e do donatário Francisco Pereira Coutinho, o apresamento de esquadras inteiras, o desaparecimento de expedições no interior, são exemplos dos perigos que tinham de afrontar os nossos primeiros colonizadores.

Eram êles, pois, homens de têmpera de aço, e ao seu espírito de luta, à sua confiança nas próprias fôrças e à sua tenacidade muito devem os brasileiros.

LEITURAS

EPISÓDIOS DA CAÇA AOS ÍNDIOS

Os caçadores de índios se utilizavam de *mamelucos* que, conhecendo perfeitamente a língua da gente da terra, procuravam atrair tribos inteiras ao litoral, falando-lhes da fartura de peixes e mariscos. Garantiam-lhes que poderiam instalar-se junto ao mar sem qualquer luta, e que ficariam gozando de inteira liberdade na sua nova residência.

Inúmeras vêzes, foram assim logrados os indígenas que, mal chegavam às povoações portuguêsas, eram obrigados a trabalhos forçados nas lavouras. Não confiavam os expedicionários, entretanto, ùnicamente na lábia dos mamelucos, e faziam-se acompanhar de soldados brancos, assim como de guerreiros índios seus aliados.

Dentre as entradas dos primeiros tempos destaca-se a de Antônio Dias Adôrno que, sob o pretexto de buscar esmeraldas, entrou pelo rio das Contas e voltou com 7 000 índios. Outro entradista, Sebastião Alves, teve o valioso auxílio de um chefe indígena conhecido pelo nome de *Porquinho*, a quem deram os portuguêses uma roupa

escarlate e outros objetos sem maior valor. Êsses presentes, entretanto, foram suficientes para que o "Porquinho" ajudasse os colonos a capturar os seus irmãos de raça.

Nem sempre se deixavam os indígenas enganar com tanta facilidade. Os "entradistas" Francisco de Caldas e Gaspar Dias de Taíde, por exemplo, foram mal sucedidos quando tentaram enganar um cacique dos tabajaras conhecido como o *Braço de Peixe,* provàvelmente porque era exímio nadador.

Êsse chefe os auxiliara a aprisionar, ou, como então se dizia, a "descer" numerosos índios, empregando a fôrça. Era intenção dos portuguêses, porém, aprisionar o próprio "Braço de Peixe" e seus guerreiros, quando chegasse a ocasião oportuna. O cacique percebeu a tempo o perigo que corria, mas fingiu de nada saber. Agindo em segrêdo, com perfeita prudência, mandou pedir socorro a um parente seu, chamado *Assento de Pássaro.* Atacou êste a expedição à noite, tomando-a inteiramente de surprêsa. E quando os portuguêses e mamelucos quiseram lançar mão de suas armas, disso foram impedidos pelos homens de "Braço de Peixe" que, prontos para a luta, com êles estavam misturados. O massacre foi tremendo, só havendo escapado um mameluco, graças à proteção da jovem irmã de "Assento de Pássaro", que o conseguiu esconder.

Fácil é imaginar a consternação trazida aos colonos portuguêses pela notícia dêsse pavoroso desastre. Sabiam todos, porém, que a tais perigos se arriscavam quantos penetravam nos sertões para trazer as "peças" ou, em outras palavras, os pobres índios destinados à escravidão.

JOÃO RIBEIRO

A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR

Mal desembarcaram na povoação do Pereira (nome do infeliz donatário), depois Vila Velha, entregou Tomé de Sousa uma carta do rei a Caramuru.

Naquele tempo tudo era feito a mão, inclusive as cidades. A do Salvador foi assim construída pelas mãos de Tomé de Sousa, Nóbrega e outros, que a sorte atirara ali. O governador servia como aju-

dante de pedreiro e os jesuítas corriam à mata e à fonte a buscar lenha e água. Quando o calor apertava, trabalhavam todos nus da cintura para cima. Levantaram casas à moda da terra, de taipa e palha, para onde se iam passando os que ainda estavam arranchados nas embarcações. A própria igreja, que nasceu sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, recebendo a imagem da nau que lhe deu o nome, obedeceu também à tôsca arquitetura indígena, depois perpetuando na memória um rifão aclimatado: "velha como a sé de palha".

JOSÉ MARIS DE MORAIS

UMA ATITUDE DE ARARIGBÓIA

É em 1575.

O governador do Sul, Dr. Antônio Salema, chega ao Rio de Janeiro.

Festas. As autoridades portuguêsas e os chefes indígenas correm a prestar-lhe homenagens.

Entre os chefes de tribos, que se abalam a homenagear o governador, está Ararigbóia.

São tantos os seus feitos e tanta a sua fidelidade, que D. Sebastião, rei de Portugal, para distingui-lo, mandou-lhe uma roupa do seu próprio uso.

Ararigbóia está velho.

Não é mais a criatura vibrante de outros tempos.

Agora só o repouso lhe sorri.

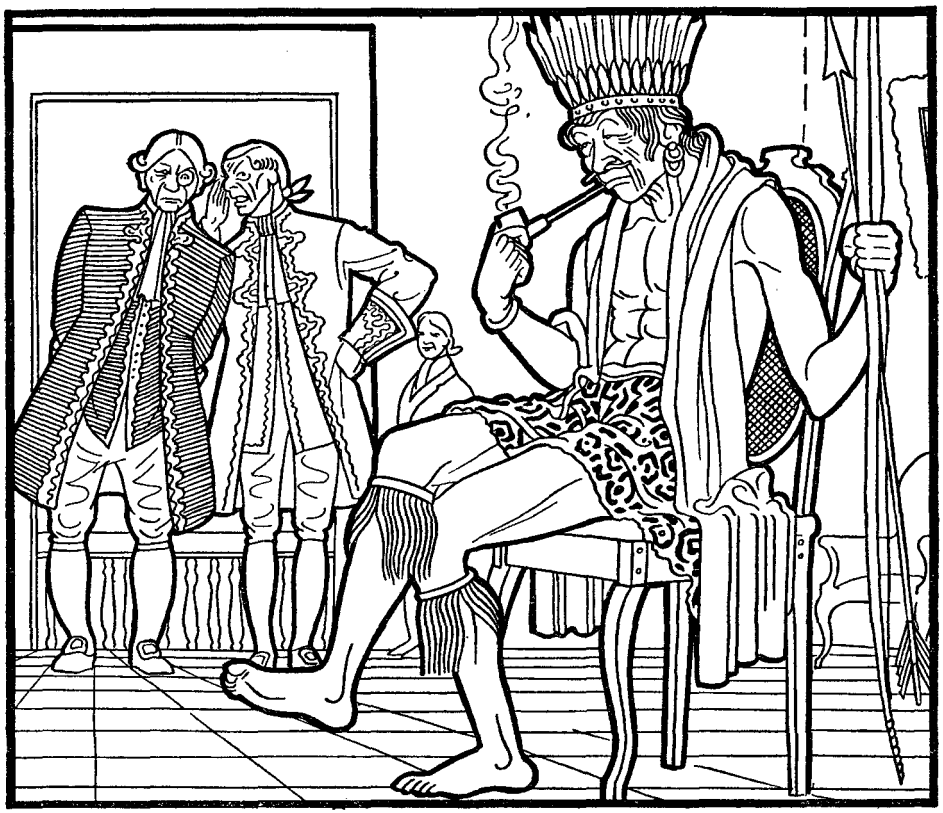
Mal acabou de cumprimentar o governador, sentiu necessidade de sentar-se.

Havia na sala uma cadeira. Não teve menor cerimônia: sentou-se.

Um pobre homem, vindo das selvas, não podia ter a mais vaga idéia do que era "etiquêta". E Ararigbóia, sentado na cadeira, encolheu as pernas, cruzou-as à moda selvagem, para descansar melhor.

Um homem, vindo de uma universidade e de meios palacianos, como o Dr. Salema, devia compreender quem era Ararigbóia.

Mas o governador do Sul era uma criatura para a qual a "etiquêta" valia mais do que tudo.



Chamou um intérprete e mandou que êste dissesse ao chefe indígena que êle, governador, era ali representante de el-rei, e que na presença de el-rei, ninguém cruzava as pernas.

Ao ouvir o recado, o velho cacique das aldeias sorriu amargamente. E, sem cólera e sem arrogância, respondeu ao intérprete:

— Diga ao governador que, se êle soubesse quanto as minhas pernas estão cansadas pelas guerras que tenho feito por el-rei, não estranharia que lhes desse êste pequeno descanso.

VIRIATO CORREIA

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

A

1 — Em quantas partes o govêrno de Portugal dividiu o litoral brasileiro, para formar capitanias?
2 — Podiam os capitães-mores distribuir terras? Podiam prender pessoas?
3 — Por que não se desenvolveram as capitanias, com exceção de duas?
4 — Quais as duas capitanias que prosperaram?
5 — Que aconteceu ao donatário Francisco Pereira Coutinho?
6 — Que lavoura garantiu a prosperidade das capitanias de São Vicente e Pernambuco?
7 — Por que não houve dificuldades com os índios, em São Vicente?
8 — Quem foi o primeiro governador-geral do Brasil?
9 — Quem foi o primeiro bispo do Brasil?
10 — Como pereceu D. Pêro Fernandes Sardinha?
11 — Quem foi Villegagnon?
12 — Quais os índios que lutaram a favor dos franceses, no Rio de Janeiro?
13 — Que chefe indígena auxiliou os portuguêses na luta contra Villegagnon?
14 — Quem foi Cunhambebe?
15 — Que governador-geral derrotou os franceses no Rio de Janeiro?
16 — De que país da Europa eram os fundadores da cidade de São Luís do Maranhão?
17 — Que cidade, depois de algumas experiências, ficou sendo a sede do govêrno-geral?

B

18 — Que eram os engenhos?
19 — Que havia, num engenho, além dos canaviais e das máquinas?
20 — Por que, em tôrno dos engenhos, havia pequenas roças?
21 — Quem cultivava essas pequenas roças?
22 — Em que espécie de caixas era mandado para a Europa o açúcar brasileiro?
23 — Como eram chamados os donos das grandes plantações de cana?
24 — Possuíam os senhores de engenho grande prestígio, nos tempos coloniais?

C

25 — Quem cultivava a terra, nos primeiros tempos, no Brasil?
26 — Por que, nos primeiros tempos, havia poucos escravos negros e muitos escravos índios?

27 — De onde vieram os escravos negros, para o Brasil?
28 — Que eram os mamelucos?
29 — Os brancos e os mamelucos tratavam sempre os índios com humanidade?
30 — Quais os principais defensores dos índios, contra os abusos dos brancos?
31 — Que ordem religiosa mais se distinguiu na defesa e catequização dos índios?
32 — Citar a povoação que se tornou depois uma das maiores cidades da América do Sul, fundada pelos jesuítas.
33 — Quem foi Manuel da Nóbrega?
34 — Que grande jesuíta impediu a destruição da capitania de São Vicente pelos tamoios?
35 — Onde faleceu José de Anchieta?

Capítulo III

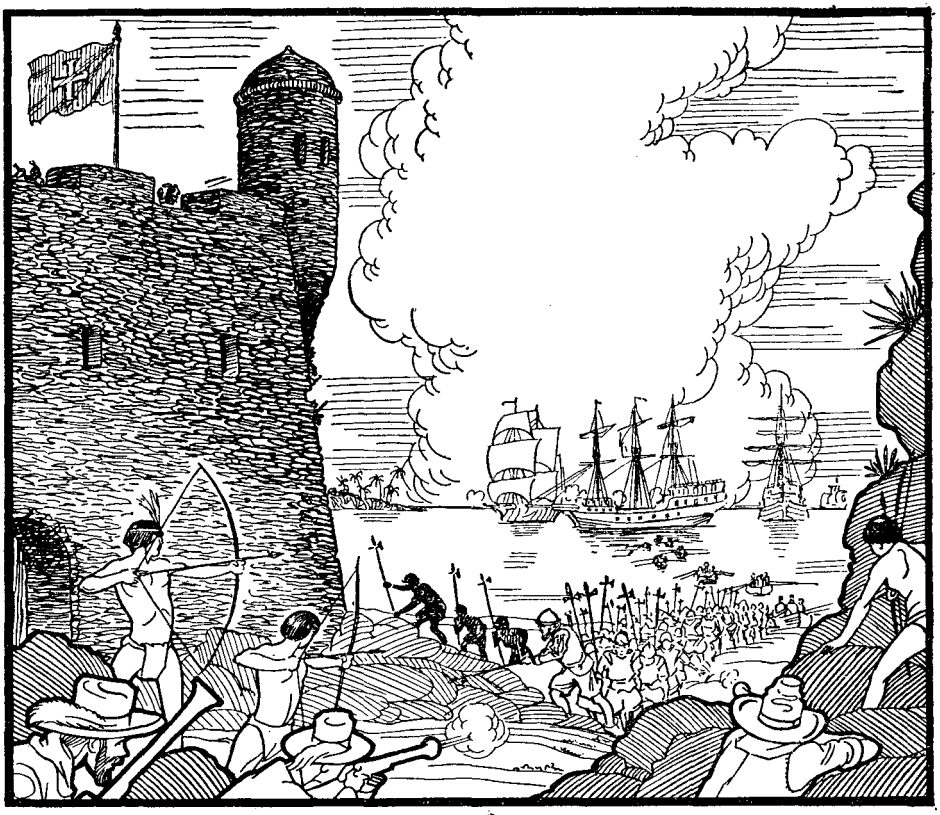
A CONQUISTA DO INTERIOR E O DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA

AS GUERRAS HOLANDESAS

Depois de derrotados os franceses, surgiu um novo e poderoso inimigo. A partir de 1580, Portugal obedecia aos reis da Espanha, que se achavam em guerra com os HOLANDESES. Êstes últimos aproveitaram a ocasião para atacar as terras do Brasil, onde melhor se produzia o AÇÚCAR, que era vendido na Europa por preços muito altos. A cobiça, a vontade de ganhar bastante dinheiro, foi, portanto, o que levou os holandeses a tentar tomar conta da Bahia, de Pernambuco e de outras regiões do Nordeste.

A COMPANHIA DAS ÍNDIAS HOLANDESAS. — Existiam, então, grandes emprêsas que possuíam muitos navios, poderosos armamentos e mantinham verdadeiros exércitos. Uma delas era a "Companhia Holandesa das Índias Ocidentais", formada especialmente para se apoderar de algumas das mais ricas colônias espanholas e portuguêsas da América. Tudo isso sob o pretexto de fazer guerra aos reis que governavam a Espanha e Portugal.

OS HOLANDESES NA BAHIA. — Em maio de 1624, uma esquadra da Companhia das Índias apareceu diante da Bahia, cujos habitantes, tomados de surprêsa, pouca resistência puderam oferecer no momento. A cidade foi logo ocupada, assumindo o holandês *João van Dorth* o cargo de governador.



Parecia aos invasores que tinham conseguido o seu intento com extraordinária facilidade. Mal, porém, se haviam instalado, viram-se atacados por numerosos portuguêses e brasileiros que, acampados nos arredores, adotavam o sistema das *guerrilhas,* ou pequenos combates isolados.

Chefiava os guerrilheiros o bispo *D. Marcos Teixeira,* e dentre êles se destacava o corajoso e ativo espadachim, capitão Francisco Padilha, que com admirável audácia chegou ao ponto de desafiar e matar, em combate singular, o próprio governador *João van Dorth.*

Em face de semelhante intrepidez e de outros feitos de bravura, convenceram-se os holandeses de que tinham de enfrentar gente de-

veras valente e combativa. Já se achavam de todo desorientados, quando apareceu, junto ao pôrto, uma forte esquadra hispano-portuguêsa sob o comando de *D. Fradique Toledo Osório*. Êste refôrço decidiu a sorte da cidade, de onde os holandeses foram definitivamente expulsos, em maio de 1625. O seu domínio, ali, durara apenas um ano.

A CONQUISTA DE PERNAMBUCO. — A derrota não abateu o ânimo dos invasores, que, sem demora, se vingaram, assaltando navios e saqueando povoações e engenhos próximos do litoral.

Isso não bastava, porém, ao dirigentes da Companhia das Índias, que desejavam terras e cidades. Em fevereiro de 1630 para aqui mandaram mais de cinqüenta navios, com numerosos canhões e milhares de homens de desembarque. Quando a poderosa frota atacou Olinda e o Recife, ambas as localidades, desprovidas de recursos para a defesa, foram fàcilmente conquistadas.

Tentaram os pernambucanos o sistema das guerrilhas. E sob a chefia de *Matias de Albuquerque* foi organizado uma espécie de acampamento, o *Arraial do Bom Jesus,* de onde partiam constantemente pequenos grupos para lutar com os holandeses. Bem comandados e possuidores de ótimo armamento, souberam êstes, entretanto, conservar as vantagens obtidas.

Os prometidos reforços da Espanha e Portugal foram enviados muito tarde, quando o inimigo já se achava firmemente instalado em nosso litoral. E uma enorme esquadra, sob as ordens de *D. Antônio de Oquendo*, encontrou, junto às costas da Bahia, navios da Companhia das Índias, que a atacaram. Travou-se renhidíssima batalha, e afirma-se que, na iminência de perder a sua nau, o almirante holandês *Adrião Pater* se atirou ao mar, envolto na bandeira da própria pátria, após haver pronunciado a famosa frase: *"O oceano é o único túmulo digno de um almirante batavo"*.

O combate ficou indeciso, havendo-se dispersado os navios de um lado e doutro. Não puderam desembarcar, contudo, os esperados reforços, e isso reverteu em proveito dos holandeses que, auxiliados por alguns brasileiros, estenderam bastante os seus domínios.

Dentre os elementos que lutaram ao lado do invasor, destacou-se o mestiço *Calabar,* um de seus principais guias. Êle teve, contudo, a infelicidade de cair prisioneiro dos portuguêses, numa emboscada, perto de Pôrto Calvo, e foi imediatamente enforcado como traidor.

Vencendo a resistência dos guerrilheiros, a Companhia das Índias conseguiu, por fim, tomar conta de todo o litoral do Nordeste, desde Sergipe até o Maranhão.

MAURÍCIO DE NASSAU. — Para governar as terras assim conquistadas, veio da Holanda o *Príncipe Maurício de Nassau,* que se instalou no Recife, transformando êsse pequeno povoado numa verdadeira cidade, dotada de pontes monumentais, palácios e jardins. Êsse inteligente fidalgo mandou vir artistas, que foram os primeiros a pintar nossas paisagens, e cientistas, que estudaram nossas plantas e nossos animais. Tratou os brasileiros e portuguêses com bastante consideração e, embora fôsse protestante, garantiu aos católicos a liberdade de culto. Os mercadores holandeses compravam, então, por preços compensadores, o açúcar produzido pelos engenhos, e tudo isso contribuiu para criar e manter um ambiente de bem-estar, de segurança e de progresso.

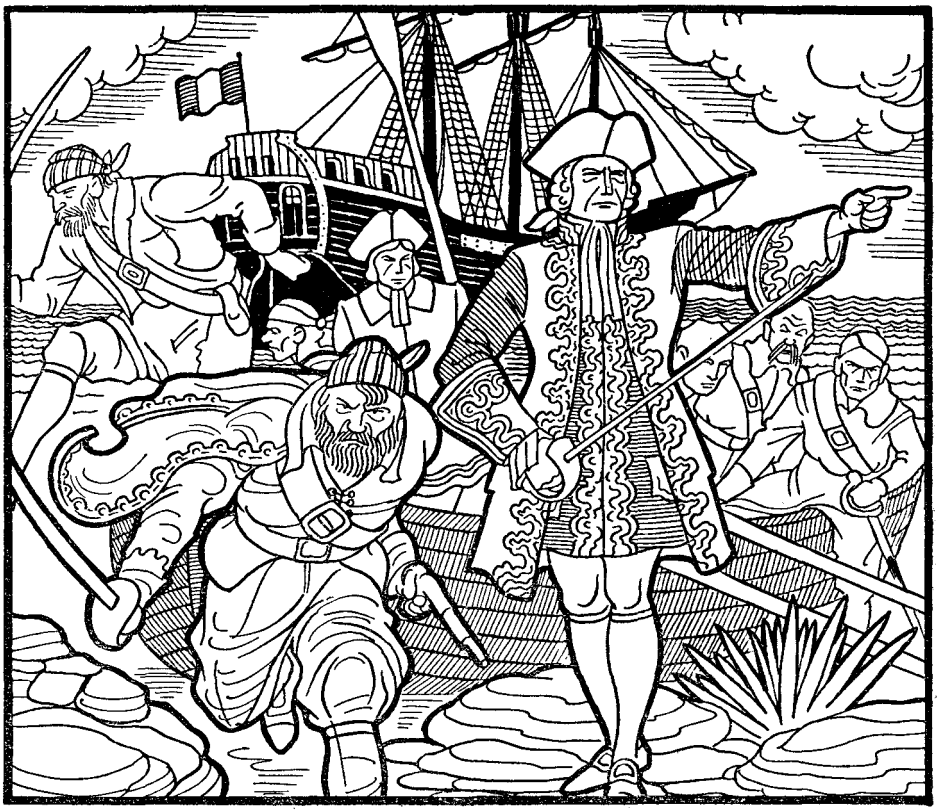
A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA. — Essa maneira de governar desagradou, no entanto, aos chefes da Companhia das Índias, que desejavam apenas lucros fartos e rápidos. Entre êles e Maurício de Nassau surgiram, em conseqüência, sérios desentendimentos, e o príncipe acabou deixando o seu pôsto. Os seus sucessores, preocupados em obter bons negócios a qualquer custo, não tardaram a desfazer a impressão favorável que êle deixara. O descontentamento foi crescendo, especialmente no interior, onde os senhores de engenho viam suas propriedades ameaçadas pela ganância dos novos dirigentes holandeses.

Rebentou, finalmente, a 13 de junho de 1645, um movimento revolucionário, que logo se alastrou pelas terras conquistadas. Enca-

beçavam a insurreição o português João Fernandes Vieira, e o brasileiro Vidal de Negreiros, apoiados por vários grupos de guerrilheiros, inclusive forte destacamento de homens de côr, chefiado pelo prêto Henrique Dias. Também combateram, ao lado dos libertadores, numerosos índios sob o comando de *Camarão*. Os insurretos, a princípio, bem pouca ajuda receberam de Portugal, mas, lutando com entusiasmo e coragem notáveis, foram derrotando os holandeses em diversos encontros.

Um general, vindo de Portugal, *Francisco Barreto de Menezes*, assumiu o comando das tropas luso-brasileiras, que obtiveram decisiva vitória nos Montes *Guararapes* (19 de abril de 1648). Menos de um ano depois (19 de fevereiro de 1649) eram os holandeses novamente derrotados na segunda batalha dos *Guararapes*. Sòmente em 1654, contudo, se conformaram os invasores em deixar definitivamente o solo brasileiro, abandonando o Recife às fôrças libertadoras.

A IMPORTÂNCIA DA INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA. — Pela primeira vez, numa verdadeira guerra, brasileiros e portuguêses, auxiliados por prêtos e índios, tinham unido suas fôrças, organizadamente, contra um inimigo comum. Nas lutas contra os franceses, coubera a soldados e marinheiros vindos de Portugal combater os estrangeiros. Na Insurreição Pernambucana foi a própria *gente da terra* que pegou em armas contra o invasor. Já não era o govêrno português, apenas, que lutava para conservar a sua possessão. Eram os próprios moradores do Brasil que mostravam compreender a existência, aqui, de alguma coisa de NOSSO, alguma coisa que valia a pena defender à custa dos maiores sacrifícios. Era a consciência de uma nova PÁTRIA, que se esboçava.



OS CORSÁRIOS

Desde os tempos da descoberta eram inseguras as viagens marítimas, pois ousados *piratas* assaltavam freqüentemente os navios portuguêses e espanhóis que voltavam da América, carregados de riquezas.

De certo momento em diante, os governos da França, da Inglaterra e da Holanda passaram a apoiar alguns dêsses aventureiros, dizendo que faziam isso para protestar contra o *monopólio,* contra o fato de tais países não poderem fazer livremente negócios com as colônias da Espanha e Portugal. Os salteadores dos mares que, para praticar a pirataria, tinham licença dos seus reis, eram conhecidos

como corsários. Não se limitavam êles a atacar as embarcações, mas desembarcavam freqüentemente, saqueando engenhos e mesmo cidades importantes.

Aqui vieram ter corsários dessas três nações. Dos inglêses salientaram-se os comandantes *Lancaster* e *Cavendish*. O mais impressionante feito de todos os corsários, entretanto, coube aos franceses.

Em 1710, o capitão *Duclerc* atacou o Rio de Janeiro, chegando a penetrar na cidade, onde encontrou inesperada resistência por parte da população, e acabou sendo derrotado, tendo se rendido juntamente com seus homens. Êle mesmo, depois de haver sido recebido com singular consideração pelas principais famílias locais, apareceu assassinado certa manhã, acreditando-se que o crime se tenha dado por motivos particulares.

Seu compatriota *Duguay-Trouin,* poucos meses depois, entrou na baía de Guanabara à frente de poderosa esquadra, e tomou conta da cidade que foi entregue a tremendo saque. Só concordou o corsário em retirar-se mediante o pagamento de elevada quantia, tendo além disso levado para seus navios não poucas mercadorias encontradas no pôrto, e objetos de valor tirados aos habitantes.

A incursão de Duguay-Trouin foi a mais bem sucedida e rendosa das que levaram a efeito os corsários, no Brasil. Houve, todavia, várias outras de menor importância. Os moradores das nossas costas, durante muito tempo, precisavam viver na constante expectativa de ter de lutar contra assaltantes estrangeiros.

Vem isso acrescentar-se aos perigos, às aflições e aos incômodos que necessitaram enfrentar os nossos antepassados, e sem os quais seria impossível construir uma nação.

AS BANDEIRAS — AS GUERRAS DOS EMBOABAS E DOS MASCATES

A CAÇA AOS ÍNDIOS

As "entradas" dos primeiros tempos se destinavam principalmente, como vimos, a trazer índios para o litoral, a fim de obrigá-los a trabalhar nas lavouras. E já se disse também que nessas expedições cabia importante papel aos "mamelucos", ou descendentes de portuguêses e índias.

Na capitania de São Vicente, isto é, em São Paulo e suas vizinhanças, as plantações de cana rendiam menos que na Bahia ou em Pernambuco. Muitos paulistas, vendo que não podiam esperar grandes lucros da agricultura, dedicaram-se à CAÇA AOS ÍNDIOS, aproveitando a habilidade dos "mamelucos", bastante numerosos na região.

Êste fato foi importantíssimo para a nossa História. Os rios que passam perto da atual cidade de São Paulo correm, quase todos, em direção ao interior. Seguindo êsses rios, à procura de índios, os paulistas foram descobrindo novos caminhos e novas terras. Audazes e infatigáveis, penetraram êles em Mato Grosso e tornaram conhecidos os sertões do Paraná e Santa Catarina, indo até às "coxilhas" do Rio Grande do Sul. De outro lado, transpondo desfiladeiros e serras, alcançaram as matas de Goiás, e alguns dêles chegaram até às margens do Amazonas.

Ao realizarem essas viagens longas e perigosas, os paulistas parece não terem obedecido, apenas, ao desejo de capturar escravos. Para tão arriscadas expedições também deve ter contribuído o espírito de aventura, o desejo de *vencer o desconhecido*.

Seja como fôr, a êsses paulistas deve-se o terem sido explorados e povoados extensos territórios que hoje enriquecem o país.

As expedições *maiores* chegavam por vêzes a reunir centenas de pessoas e não raro demoravam anos inteiros no sertão. Geralmente eram precedidas por guias que carregavam uma bandeira. Daí, o nome de BANDEIRAS que lhes foi dado.

Os seus chefes e componentes tornaram-se conhecidos como os BANDEIRANTES, e a fama de suas façanhas não tardou a estender-se por todo o Brasil.

A LINHA DE TORDESILHAS. — Alguns anos antes da descoberta do Brasil, logo depois de Cristóvão Colombo haver chegado à América, os reis da Espanha e de Portugal, para evitar perigosas disputas, combinaram que até certa linha, as terras "descobertas ou por descobrir", caberiam aos portuguêses. Daí por diante pertenceriam aos espanhóis. A linha ajustada foi o MERIDIANO DE TORDESILHAS, que atravessa o atual território brasileiro desde Belém do Pará, até Laguna em Santa Catarina. Tôdas as regiões

sitas *a leste* seriam portuguêsas, e as sitas *a oeste* seriam consideradas espanholas.

Os bandeirantes, não tomando conhecimento do acôrdo, instalaram-se diversas vêzes, muito além do meridiano das Tordesilhas. As terras de que assim se apossaram ficaram pertencendo ao Brasil, pois o próprio govêrno espanhol acabou desistindo delas. Dessa maneira, graças ao arrôjo dos paulistas foram se alargando os domínios portuguêses que hoje constituem o vastíssimo território nacional.

OS BANDEIRANTES E AS MISSÕES. — Um dos mais famosos caçadores de índios foi *Antônio Rapôso Tavares,* que certa vez atravessou o Brasil, pelo interior, de São Paulo até o Amazonas. Às suas qualidades de explorador aliava êsse aventureiro terrível ganância e muita inclinação para a violência e a crueldade. Em 1629, atacou uma grande missão jesuítica no Paraná, trazendo prisioneiros milhares de índios que escaparam ao massacre. Outras missões foram assaltadas e queimadas, a seguir, pelos paulistas, e as queixas feitas pelos padres pouco resultado tiveram.

Em 1640, por ocasião da restauração de Portugal do domínio espanhol, houve, em São Paulo, um movimento de protesto contra os jesuítas. Afirma-se que foi então oferecido a um rico fazendeiro, AMADOR BUENO, o govêrno da capitania, com o título de *rei,* pôsto que êle não aceitou.

Os ânimos logo depois se acalmaram, mas os paulistas continuaram, por bastante tempo, a perseguir os índios. Além de Antônio Rapôso, inúmeros bandeirantes realizaram, na época, longas viagens pelo interior, merecendo ser lembrados *Luís e Antônio Pedroso de Barros,* que muito contribuíram para o desbravamento dos sertões.

A CAÇA ÀS MINAS. — Desde os primeiros tempos, constituíam um dos grandes sonhos dos colonizadores as minas de ouro e pedras preciosas. Muito antes de terem sido achadas, corriam por tôda a colônia histórias fantásticas, em que se proclamava a existência de riquezas sem conta, debaixo do solo brasileiro.

Sòmente nas imediações de 1700, entretanto, isto é, quase duzentos anos após a descoberta do Brasil, é que foram achadas minas cuja exploração viria, de fato, enriquecer a colônia.

A PROCURA DE JAZIDAS. — A partir de 1650, mais ou menos, foram diminuindo os lucros obtidos com a escravização dos índios, porque os cativos prêtos, vindos da África, estavam entrando no Brasil em quantidade cada vez maior, sendo preferidos pelos donos de terras. Os caçadores de escravos sentiram a necessidade de arranjar outra ocupação bastante rendosa, e como estavam acostumados a viajar pelo interior, puseram-se a procurar as minas riquíssimas de que falavam as lendas.

A SERRA DAS ESMERALDAS. — O bandeirante *Fernão Dias Pais,* já famoso pela sua capacidade em aprisionar índios, resolveu, em certo momento, encontrar uma *"Serra das Esmeraldas"* que ninguém vira, mas de que se contavam coisas espantosas. Dizia-se que, ao pé dessa fabulosa montanha, havia uma lagoa cujo fundo era todo de prata, e pelas terras em redor espalhavam-se numerosíssimas pedras preciosas de incalculável valor. As pessoas que falavam de tão maravilhoso lugar diziam que êle ficava para o lado das nascentes do rio Doce.

Ali fôra ter, anos antes, um aventureiro português que, ao regressar, trouxe diversas pedras verdes semelhantes a esmeraldas. Pediu êsse explorador ao rei de Portugal grandes regalias, a trôco das quais revelaria o seu precioso segrêdo. Morreu, porém, sem ter recebido resposta favorável, e também sem ter contado onde achara aquelas amostras de riqueza mineral. A êsse fato, com certeza, deve-se a lenda da "serra resplandecente" de Sabarabuçu.

Várias tentativas de localizar as jazidas foram mal sucedidas, e quando, em 1673, a bandeira de Fernão Dias partiu de São Paulo, havia sérios motivos para duvidar-se de seus resultados.

Era êsse homem, porém, possuidor de uma vontade de ferro e de uma invejável coragem. Anos a fio permaneceu nos sertões, castigando severamente os companheiros que mostrassem sinais de desânimo ou quisessem voltar. Êle não ia procurando as esmeraldas às tontas e fazia as coisas com inteligência e prudência. Pelo caminho, deixava pequenas turmas de homens encarregados de tratar de roças de milho e mandioca, a fim de garantir o alimento à gente da bandeira. Assim apareceram núcleos de cabanas que mais tarde se trans-

formariam em vilas e cidades. A lagoa de prata nunca foi descoberta, mas quando todos pensavam que a ousada expedição tinha fracassado, surgiram, afinal, as cobiçadas pedras verdes!

OS CAMINHOS DO SERTÃO E O OURO. — Fernão Dias voltou imediatamente, com o seu tesouro. Já era, porém, bastante velho, e não chegou a rever a terra natal, pois traiçoeira moléstia o prostrou no caminho. Morreu sem saber que as pedras não eram esmeraldas e sim *turmalinas,* muito menos valiosas.

Ao perseguir o seu grande sonho, porém, êle havia aberto novos caminhos para o sertão, para as montanhas distantes onde se dizia existirem as riquezas minerais. Pessoas de sua família, assim como outros paulistas, verificaram, poucos anos depois, que junto aos lugares onde jaziam as turmalinas, havia alguma coisa muito mais preciosa: OURO EM ABUNDÂNCIA!

A FEBRE DO OURO. — É fácil imaginar o efeito que essa notícia causou no resto da colônia, e mesmo em Portugal. Quando se teve a certeza de que nas terras desbravadas por Fernão Dias existiam fartas jazidas de ouro, para lá se dirigiram aventureiros, partidos de São Paulo e de diversos pontos do Brasil. As principais descobertas couberam aos bandeirantes paulistas, que não encontravam rivais na perícia com que sabiam explorar os sertões. Dentre êles, além de Fernão Dias Pais, distinguiram-se, então, *Garcia Rodrigues Pais, Antônio Rodrigues Arzão* e *Bartolomeu Bueno de Cerqueira.* E a região em que êles acharam o ouro teve o nome de MINAS GERAIS.

OS BANDEIRANTES EM GOIÁS E MATO GROSSO

Mal teve o govêrno português conhecimento da descoberta das minas, para aqui mandou funcionários encarregados de cobrar os *quintos,* isto é, os impostos que pesavam sôbre metais preciosos, no valor de uma *quinta parte* do que fôsse encontrado nas minas. Traziam êsses enviados do Reino recomendações para agir com severidade, e isso muito desagradou aos bandeirantes de São Paulo.

BORBA GATO. — Conta-se mesmo que um dos funcionários reais, chamado *Castelo Branco,* teve forte discussão com o bandeirante *Borba Gato,* e êste o matou, atirando-o ao fundo de um despenhadeiro. Como se tratasse de um crime muito grave, Borba Gato fugiu para os lados de Goiás, ali teve a sorte de encontrar novas jazidas de ouro. Vinte anos mais tarde, depois de revelar ao govêrno o local dessas últimas descobertas, obteve perdão e voltou, já bem velho, a São Paulo.

OS ANHANGÜERAS. — Assim eram os bandeirantes: homens rudes, dotados de feroz energia, e que não recuavam ante as violências. Não empregavam sòmente a fôrça: às vêzes recorriam à esperteza, especialmente quando lidavam com índios ignorantes. Afirma-se, por exemplo, que o paulista Bartolomeu Bueno da Silva, um dos grandes desbravadores de Goiás, quis obrigar uma tribo, em certa ocasião, a revelar-lhe onde havia ouro. Como os índios se negassem a satisfazer ao seu desejo, o chefe bandeirante jogou um pouco de aguardente numa tigela e lhe pôs fogo. Declarou, a seguir que, assim como queimara aquela água, faria arder todos os rios vizinhos, se não fôsse atendido. Os pobres índios, aterrorizados, cederam à sua vontade, e ficou êsse bandeirante conhecido pela alcunha de *Anhangüera* (diabo velho), nome de uma espécie de demônio em que os nativos acreditavam.

Um filho de Bartolomeu Bueno da Silva dêle herdou o nome, o apelido e a fama. E ambos os Anhangüeras concorreram bastante para a exploração dos sertões de Goiás.

OURO EM MATO GROSSO. — Não se limitaram os paulistas a procurar minas nas regiões que já citamos. Avançando sempre, sempre enfrentando terras desconhecidas, penetraram não só em Goiás, mas ainda em Mato Grosso, onde Pascoal Moreira Cabral, em 1719, descobriu as famosas minas de Cuiabá. E assim como acontecera às expedições de caça aos índios, as bandeiras que iam em busca do ouro muito contribuíram para tornar maior o território brasileiro.

A GUERRA DOS EMBOABAS

Vimos como, desde os primeiros tempos, os grandes proprietários de terras gozavam de prestígio no Brasil, e como as próprias autoridades portuguêsas procuravam ser-lhes agradáveis. Isto se dava com os chefes bandeirantes de São Paulo — todos êles fazendeiros — acostumados a não receber ordens e a ver obedecida a sua vontade.

Na região de Minas Gerais, os paulistas tencionavam manter a mesma posição de mando que ocupavam em sua terra. Isso, porém, não foi possível.

Em primeiro lugar, os fiscais do Govêrno quase sempre tinham desavenças com êsses homens autoritários, como o demonstra o fato ocorrido com Borba Gato.

Em segundo lugar, a notícia do achado das minas atraiu ao local milhares de pessoas, vindas de Portugal e doutros pontos do Brasil. Os paulistas tratavam com desprêzo êsses estranhos, chamando-os de *emboabas* (pintos calçudos), apelido indígena com que os ridicularizaram por causa das botas de cano alto que usavam.

Os emboabas, entretanto, logo se tornaram muito mais numerosos que os paulistas, aos quais não queriam submeter-se. Êsse estado de coisas acabou criando terrível inimizade, dando muitos conflitos. Em certo momento, não houve mais meio de se entenderem os paulistas e seus rivais. Organizaram-se dois verdadeiros exércitos, começando então a luta aberta. Logo no comêço, os emboabas levaram vantagem devido a seu número muito maior. Eram comandados pelo português *Manuel Nunes Viana,* que tinha a auxiliá-lo um desalmado chefe de bando, chamado Amaral Coutinho. Êste, à frente de mil homens conseguiu cercar, junto ao *rio das Mortes,* trezentos paulistas, obrigando-os a render-se. Depois de haver desarmado os vencidos, Amaral Coutinho mandou massacrá-los, e como as autoridades portuguêsas nada fizessem para punir tão monstruoso crime, os emboabas puderam considerar-se senhores absolutos de Minas Gerais.

Não se conformando com a derrota e a traição, os paulistas arregimentaram poderosa fôrça armada que conseguiu chegar ao rio das

Mortes. No momento, contudo, em que se esperava a batalha decisiva, correu a notícia de que tinham saído do Rio de Janeiro numerosas tropas, com ordem de pôr fim ao conflito. Ante a ameaça de ficarem presos entre dois fogos, os paulistas resolveram voltar à sua cidade, firmando-se, assim, o domínio dos emboabas na região. Êsses fatos passaram-se nos anos de 1709 e 1710 e, em 1720, foi criada a capitania de *Minas Gerais*.

Tinham perdido a partida, os bandeirantes, a quem se devera a descoberta das minas, e que até então haviam gozado de grande poder e consideração. Ao mesmo tempo, aumentara notàvelmente a autoridade dos funcionários portuguêses, que nessa guerra parece terem favorecido bastante os emboabas.

A GUERRA DOS MASCATES

Em Pernambuco houve também sérios conflitos, nessa ocasião, porque os senhores de engenho, filhos e netos dos chefes que tinham expulsado os holandeses, entraram em luta, por questões de mando, com gente havia pouco chegada de Portugal.

Embora não tivessem sido descobertas riquezas minerais no Nordeste, o *comércio* ali aumentara muito, graças ao desenvolvimento das cidades e das lavouras.

O Recife, antigamente um aldeamento de pescadores, transformara-se em próspera cidade, habitada principalmente por negociantes portuguêses, seus empregados e seus escravos.

Nos primeiros tempos da colônia, os poderosos donos de terras desprezavam os comerciantes que existiam no Brasil, pois êstes eram pequenos vendeiros sem fortuna ou pobres mercadores ambulantes. De 1700 em diante as coisas mudaram, e muitos homens de negócios se tornaram bastante ricos. Em Pernambuco, porém, os senhores de engenho continuaram a tratar com pouco caso todos os que viviam de comércio, chamando-os sistemàticamente de *mascates*.

Isso explica por que o Recife, cidade de negociantes, apesar de se ter tornado importante, obedecia à Câmara Municipal de Olinda, onde moravam as velhas famílias brasileiras. Os recifenses queriam ficar livres dêsse domínio, e por várias vêzes pediram ao rei de Portugal que lhes deixasse ter a sua própria câmara.

Quando foi atendida sua pretensão, os olindenses, vendo anulada uma de suas principais regalias, reagiram com desesperada violência, recorrendo à luta armada.

O governador *Castro Caldas,* que cumprira a determinação do rei, foi ferido por um tiro e, logo depois, resolveu embarcar para Portugal, pois um exército de milhares de homens, tendo à frente os senhores de engenho, tomou conta do Recife.

Um dos chefes vencedores, *Bernardo Vieira de Melo,* comportou-se com demasiada energia, e a indignação causada por seus excessos provocou inesperado levante que expulsou do Recife os olindenses. Logo se refizeram êstes, e numerosa tropa não tardou a pôr cêrco à cidade, onde ficaram encurralados os "mascates". Na ocasião, porém, chegou uma esquadra real, sob o comando do novo governador *Machado de Mendonça* que, com habilidade, conseguiu pôr fim ao conflito. Embora fazendo certas concessões a Olinda, manteve êle a Câmara Municipal do Recife. Mais uma vez, portanto, a vontade dos grandes proprietários de terras brasileiras tinha sido contrariada pelos portuguêses, com auxílio das autoridades aqui mandadas pelo rei. A "Guerra dos Mascates" desenrolou-se entre os anos de 1710 e 1711.

IMPORTANTES OCORRÊNCIAS NA VIDA DA COLÔNIA

Os acontecimentos que acabamos de descrever mostram como estavam surgindo motivos de queixa, da parte dos brasileiros, contra o govêrno português. De 1700 em diante, com poucas exceções, os cargos públicos importantes eram ocupados por pessoas nascidas em Portugal, chamadas os *reinóis.* Êstes também tinham em suas mãos todo o comércio. Os brasileiros donos das lavouras dependiam, pois, dos portuguêses, quer para vender os produtos da terra, quer para comprar aquilo de que necessitavam. Além disso, os funcionários vindos do Reino se mostravam cada vez mais autoritários e mais exigentes na cobrança dos impostos. Tudo contribuía para ir aumentando a prevenção da gente da terra contra as autoridades de Lisboa e contra os portuguêses em geral.

O BEQUIMÃO. — O govêrno português dava a certas *companhias de comércio* o direito de vender, elas sòmente, o bacalhau, e outras mercadorias. Graças a êsses *privilégios,* tais emprêsas, sem sofrer qualquer concorrência, podiam impor os preços à vontade, o que grandemente irritava os brasileiros.

Pouco depois de 1680, no Maranhão, os colonos começaram a dar sinais de revolta por diversas razões. Uma destas residia, justamente, nos privilégios concedidos à COMPANHIA DE COMÉRCIO DO MARANHÃO.

Quando já se achavam os ânimos bastante exaltados, chegaram ordens proibindo terminantemente a escravidão dos índios. Considerando-se prejudicados de tôdas as maneiras, os maranhenses promoveram um levante encabeçado por *Manuel Beckman,* vulgarmente chamado de *Bequimão* (1684). O movimento malogrou, sendo o seu chefe condenado à morte mas a companhia acabou perdendo algumas de suas regalias.

Quanto aos índios, ficaram sob a proteção dos jesuítas. Êstes, a quem os revoltosos tinham tentado expulsar, firmaram assim o seu prestígio no Norte da colônia.

A insurreição se tornou conhecida como a *Revolta do Bequimão,* devido ao nome da principal figura nela envolvida. Na Bahia, mais ou menos na mesma ocasião, verificaram-se tumultos contra as autoridades, e tais ocorrências mostram que, antes mesmo das guerras dos Emboabas e Mascates, já se vinham insurgindo os habitantes do Brasil contra certas medidas dos funcionários portuguêses, por êles consideradas prejudiciais e injustas.

OS QUILOMBOS. — Na Bahia e em todo o Nordeste, desde o fim das guerras holandesas, os trabalhadores eram, na quase totalidade, escravos negros, trazidos da África. Muitos dêsses infelizes, procurando a liberdade, abandonavam as plantações e escondiam-se nas matas, onde formavam espécies de acampamentos, chamados *quilombos.*

Diversas expedições destruíram, um por um, êsses aldeamentos, apesar da resistência desesperada do seus defensores, que quase não possuíam armas. O maior quilombo foi o de PALMARES, cuja tomada exigiu não pequenos esforços. Para vencê-lo houve necessidade de formar um exército comandado por um famoso sertanista de São

Paulo, *Domingos Jorge Velho,* e por *Bernardo Vieira de Melo,* que mais tarde teria parte saliente na guerra dos Mascates.

Após renhida luta, apoderaram-se os guerreiros brancos dos povoados de Palmares, submetendo a terríveis castigos os escravos fugidos, que lutavam pelo direito de viver livres.

CACAU, CAFÉ E ALGODÃO. — O açúcar foi perdendo sua importância, porque outras regiões, especialmente da América Central, estavam produzindo êsse artigo em grande quantidade, e vendiam-no por preço baixo. Em compensação, depois de 1750, passamos a produzir bastante *algodão e cacau,* que eram então muito procurados na Europa. O Maranhão e o Pará experimentaram notável prosperidade graças a êsses dois produtos, cuja cultura se estendeu, proveitosamente, a diversas outras partes do Brasil.

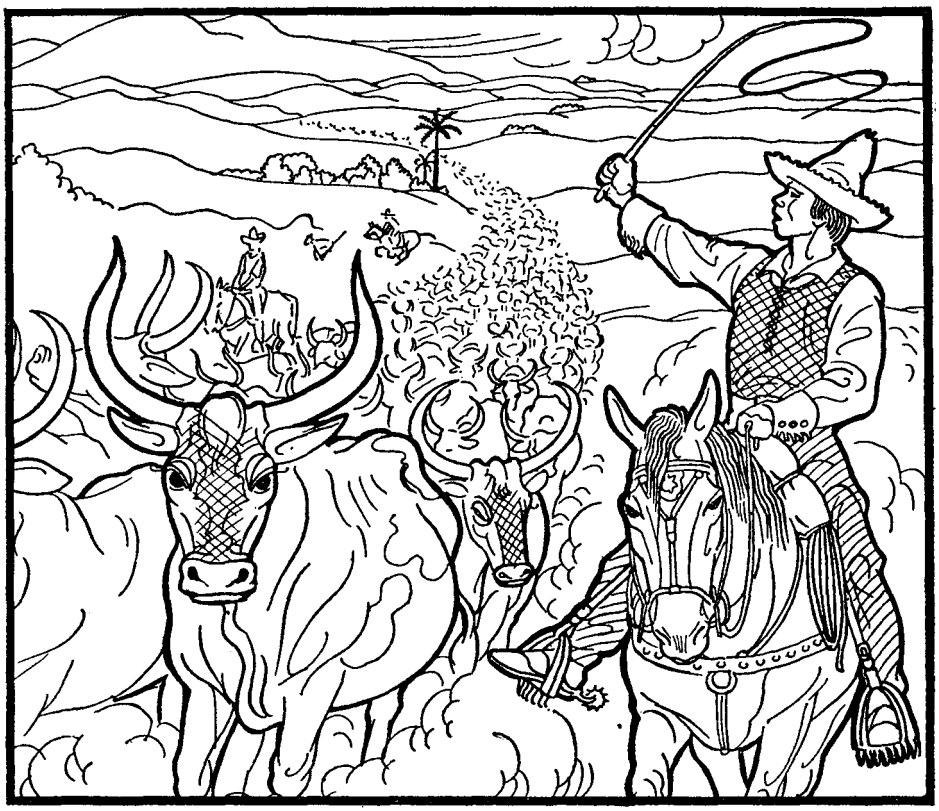
Na mesma época, começou a ser plantado em chácaras do Rio de Janeiro o CAFÉ, que primeiramente tinha sido introduzido no Pará. Por longos anos, entretanto, tiveram os cafèzais pouca importância na vida do país. Sòmente no século passado é que o café se tornou a principal riqueza nacional.

O RIO DE JANEIRO, CAPITAL DA COLÔNIA. — A partir da descoberta das minas, numerosos portuguêses tinham-se dirigido para o sul do Brasil, cujo progresso se devia sobretudo à exploração do ouro. Em 1763, foi transferida, definitivamente, para o Rio de Janeiro, a sede do govêrno da colônia. E dessa data em diante os governadores-gerais passaram a usar, sistemàticamente, o título de *vice-reis.*

O PAPEL DO GADO NA COLONIZAÇÃO DO BRASIL

Desde os primeiros tempos da colonização, numerosas cabeças de gado, trazidas de outras possessões portuguêsas, espalharam-se pelos campos, junto às praias brasileiras.

Na capitania de São Vicente os rebanhos se localizaram de preferência nas terras mais altas e frescas, em tôrno de São Paulo. No Nordeste, depois das guerras holandesas, o progresso das regiões



canavieiras e o aumento das populações levaram os criadores a procurar campos cada vez mais afastados do litoral. Deixavam que o gado fôsse procurando os pastos, limitando-se a seguir os animais. Assim penetraram os homens brancos, aos poucos, no interior da Bahia e de todos os atuais estados nordestinos, avançando com suas boiadas até o Piauí, e mesmo até o Maranhão.

Apenas uma vez ou outra era preciso recorrer à fôrça para repelir ataques dos índios. Tal se deu quando o conhecido guerreiro paulista Domingos Jorge Velho foi chamado, com seus homens, a auxiliar o "sertanista" *Domingos Sertão*. Aponta-se êste último como o dono de rebanhos que mais contribuiu para essa povoação pacífica de grande parte do Brasil.

AGRICULTURA E GADO NO RIO GRANDE DO SUL. — Desejava o govêrno português estender suas possessões até às margens do rio da Prata, e ali chegou a fundar uma povoação, chamada a *Colônia do Sacramento*. Ficava esta muito longe, porém, de outros lugares habitados por portuguêses. A fim de remediar êsse inconveniente, foi levantado, em 1737, junto à foz do rio Grande, um forte em redor do qual se estabeleceram famílias de agricultores vindos dos Açôres. Ao contrário do que acontecia no resto do Brasil, êsses colonos quase não recorreram ao trabalho dos escravos, e logo verificaram que a região se prestava esplêndidamente para a criação do gado.

Após intermináveis lutas, Portugal perdeu, afinal, a Colônia do Sacramento. Ficou em seu poder, contudo, o Rio Grande do Sul, que iria constituir um dos mais ricos estados do Brasil. Ali se desenvolveu, a princípio, a produção de couros, mais tarde suplantada pela de *charque* (ou carne sêca), cuja exportação acabou se estendendo a todo o litoral. Essa concorrência veio diminuir a importância das criações do Nordeste, bastante prejudicadas pelas sêcas.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A COLONIZAÇÃO DO AMAZONAS

A imensa região percorrida pelo Amazonas e seus afluentes foi colonizada, sobretudo, graças aos esforços de ordens religiosas que ali estabeleceram numerosas *missões,* na maioria pertencentes aos jesuítas.

Seguiram êstes, ali, o sistema que tinham adotado em tôda a América do Sul. Depois de converter os selvagens ao Catolicismo, agrupavam-nos em aldeamentos onde lhes ensinavam os trabalhos agrícolas. Várias cidades amazônicas de nossos dias tiveram sua origem nessas modestas povoações.

O MARQUÊS DE POMBAL. — Entre 1750 e 1777, os negócios de Portugal estiveram inteiramente nas mãos de um famoso ministro, o Marquês de Pombal, conhecido pela sua má vontade para com os jesuítas. Foram êstes expulsos das possessões portuguêsas e

as suas missões do Amazonas como as de outras ordens religiosas, depois de entregues a autoridades civis, entraram em rápida decadência.

Nem tôdas as medidas de Pombal foram prejudiciais ao Brasil. Afirma-se, por exemplo, que muito contribuiu êsse autoritário estadista para o progresso da cultura do algodão, e para a prosperidade que, durante o seu govêrno, experimentaram o Maranhão e o Pará.

OS PRIMEIROS ESFORÇOS EM PROL DA INDEPENDÊNCIA

O SACRIFÍCIO DE TIRADENTES

A revolta de Beckman, assim como as guerras dos Emboabas e dos Mascates nos mostraram como iam surgindo sérios desentendimentos entre os brasileiros e as autoridades portuguêsas. Estas, à medida que o tempo passava, tornavam-se mais exigentes e arrogantes, especialmente quando se tratava de cobrança dos impostos.

Acontece que em Minas Gerais, de 1780 em diante, as jazidas de ouro estavam produzindo muito menos que nos primeiros tempos. O govêrno de Portugal, que precisava de muito dinheiro, queria cobrar os mesmos impostos de antigamente, e contra isso se revoltavam os mineiros. Alguns dêsses tinham estudado na França, onde então se falava muito em *democracia,* isto é, em sistema de govêrno em que o poder é desempenhado por homens eleitos pelo próprio povo. É bom lembrar que, naquela época, em quase todo o mundo, as populações obedeciam aos reis, cujo poder era considerado alguma coisa de sagrado.

Aproveitando o descontentamento geral, os idealistas de Minas Gerais queriam implantar, no Brasil, um govêrno democrático, o que significava a independência ou extinção do domínio português. Dos cabeças do movimento destacavam-se os poetas *Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio de Alvarenga Peixoto* e outras pessoas cultas, como *José Álvares Maciel* e *Domingos Vidal Barbosa,* além de proprietários de minas e fazendas, sacerdotes e mesmo militares de alta patente.

A êles veio juntar-se o alferes [1] *Joaquim José da Silva Xavier,* que não tinha fortuna nem pertencia a nenhuma das famílias importantes do local. Exercera êsse homem, por algum tempo, a profissão de mercador ambulante, então muito comum. E, como os demais "mascates", ao visitar as fazendas, não só vendia tecidos e outros objetos, mas ainda oferecia receitas de remédios e prestava serviços próprios dos dentistas. Nesta última ocupação parece que Joaquim José da Silva Xavier adquiriu alguma fama, razão por que era geralmente conhecido pelo apelido de TIRADENTES.

Tornou-se êle um dos mais entusiastas conspiradores, muito trabalhando para espalhar idéias revolucionárias, não só na cidade de *Vila Rica* (hoje Ouro Prêto), onde residiam os principais chefes do movimento, mas em diversos outros pontos de Minas Gerais. Chegou a conseguir adeptos no Rio de Janeiro, com êles estabelecendo ligação.

A insurreição devia começar no dia marcado para a cobrança dos impostos em atraso. Assim poderiam os rebeldes contar com o auxílio de tôda a população, indignada por se ver obrigada a entregar tanto dinheiro aos portuguêses.

Confiavam ainda os insurretos em ter ao seu lado grande parte das tropas estacionadas em Minas. Para que isso acontecesse, entraram em entendimentos com vários oficiais. Um dêles, entretanto, o traidor *Joaquim Silvério dos Reis,* fingiu aderir ao movimento e, depois de conhecer os planos dos conjurados, denunciou-os ao Visconde de Barbacena, governador de Minas Gerais.

Em vista da denúncia, quando menos esperavam, foram presos os chefes da conspiração. O Govêrno, inteligentemente, teve o cuidado de suspender a *derrama,* isto é, a projetada cobrança de impostos, acalmando, assim, os ânimos. Malograra, pois, o movimento que, devido a essa traição, ficou conhecido, em nossa História, como a INCONFIDÊNCIA MINEIRA.

Tiradentes achava-se então em viagem, e, como se comprometera com suas palavras inflamadas, foi perseguido pela polícia e prêso no Rio de Janeiro. Isto se passou em 1789. Os conspiradores ficaram detidos, durante perto de dois anos, à espera de que decidissem a sua sorte.

---

(1) O pôsto de alferes não era muito elevado, no Exército.

Nem todos souberam portar-se, ante as autoridades, com determinação e coragem, e alguns procuraram até negar a sua participação nos acontecimentos. Tiradentes, entretanto, nada escondeu do que fizera ou pretendera fazer. Não recuou, não tentou desculpar-se, nem procurou acusar outras pessoas. Portou-se, enfim, como um verdadeiro idealista, como um homem capaz de lutar por aquilo que considera certo e justo.

Quando vieram as sentenças finais, sòmente êle foi condenado à morte. A pena de enforcamento, a princípio, se estendera aos demais conjurados, mas a rainha D. Maria, que então governava Portugal, transformou o castigo máximo em outros menos severos, tais como o *degrêdo*. Apenas para Tiradentes foi mantida a terrível decisão, e isso por três motivos:

1.º — tivera êle firme e desassombrada atitude em face dos juízes;

2.º — as autoridades sentiam a necessidade de um *castigo exemplar,* de uma condenação à morte, pelo menos;

3.º — era Tiradentes um homem do povo, cuja família não possuía prestígio, e cuja morte — assim acreditavam os dirigentes portuguêses — seria fàcilmente aceita como justa; para ser depois esquecida.

Tiradentes foi enforcado numa das principais praças públicas do Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1792, com muito aparato, perante grande multidão.

A todos os presentes impressionou a serenidade com que êsse brasileiro de origem humilde, sacrificado por haver desejado a liberdade da Pátria, soube enfrentar a morte. Na ocasião do suplício, certo orador advertiu o povo sôbre a sorte reservada aos que "mesmo em pensamento" tentassem revoltar-se contra o poder do soberano. As autoridades do Reino, com efeito, ante o insucesso da Insurreição Mineira, puderam acreditar que ainda por muito tempo, permaneceria o Brasil sob a dominação portuguêsa. No entanto, trinta anos apenas após a execução do heróico mineiro, era proclamada a independência de nossa terra.

O QUE FOI, PARA O BRASIL, O PERÍODO DE 1600 a 1800

(Resumo)

De 1600 em diante, os colonizadores, portuguêses ou descendentes de portuguêses, começaram a penetrar até muito longe no interior. Fizeram-no, primeiro para apresar índios, e depois para descobrir minas de ouro. As principais expedições, chamadas BANDEIRAS, partiram de São Paulo. No Nordeste, os criadores de gado, seguindo pacìficamente seus rebanhos, iam também ocupando novas terras, enquanto as missões religiosas fundavam muitas dezenas de florescentes povoações no Amazonas.

Os holandeses, que tentaram estabelecer-se em Pernambuco, foram repelidos, graças principalmente ao esfôrço da *PRÓPRIA GENTE DA TERRA;* no Rio Grande do Sul, os agricultores vindos dos Açôres, povoaram extensas campinas que, mais tarde, se enriqueceriam com a criação do gado.

Assim foi sendo ampliado o TERRITÓRIO BRASILEIRO que, em 1800, já era quase igual ao de nossos dias. E novas riquezas iam sendo exploradas. Os escravos negros, nas diversas lavouras, acabaram substituindo os índios prisioneiros. Quando a caça aos índios foi acabando, os bandeirantes descobriram ricas minas de ouro. Graças a estas, a parte sul da colônia tornou-se mais rica e importante, e a capital foi finalmente transferida para o Rio de Janeiro. No Nordeste, o açúcar, depois de dar lucros consideráveis, diminuiu de importância, porque outros países já estavam vendendo grandes quantidades do produto. A perda foi em parte compensada pela cultura do cacau, e, sobretudo, pela do algodão. O café sòmente no século seguinte iria tornar-se a principal riqueza do país.

De modo geral, de 1600 a 1800, o Brasil prosperou bastante e foi percorrido em tôdas as direções por exploradores de origem portuguêsa. A população aumentou, e com isso tornou-se mais importante o comércio. Êste se achava, contudo, nas mãos dos portuguêses. Continuávamos a viver sob regime de *monopólio,* pelo qual não podíamos comprar ou vender coisas senão em Portugal. As autoridades

vindas de Lisboa, além disso, tratavam quase só de arrecadar dinheiro para o tesouro real, e não cuidavam da cultura e do progresso da colônia.

Os brasileiros mais inteligentes compreendiam que sòmente nos prejudicava a dependência em que vivíamos. Daí a primeira tentativa de libertação, que fracassou, verificando-se o glorioso martírio de Tiradentes.

Não se sacrificou em vão o alferes mineiro, pois os próprios acontecimentos da Europa, dentro de breve tempo, viriam ajudar os brasileiros a proclamar a sua independência.

LEITURAS

ESMERALDAS!

Caíra a tarde. Vinham do crepúsculo melancolias suaves. Grande serenidade amaciava o sertão.

Terminara a tarefa.

Eis que, na doçura da tarde, um grito áspero estronda no ar. É grito louco, sacolejante. Grito desvairado de júbilo.

— Esmeraldas!

Os sertanejos estacam. Que é? E olham, surpresos; lá está, à beira d'água, os braços abertos, a figura impávida de Fernão Dias! O velho, com os cabelos brancos, as barbas brancas, trepidando ao vento, o aspecto revolucionado, formidável, gesticula:

— Esmeraldas! Esmeraldas!

Os sertanejos largam tudo. Correm, precipitados. Acercam-se do paulista numa algazarra bravia. Esmeraldas? Sim, esmeraldas! Fernão Dias, com o prático, aponta a descoberta, fulminado:

— Esmeraldas!

É um delírio! De bôca em bôca, embebedante, enlouquecedora, voa a palavra mágica:

— Esmeraldas! Esmeraldas!

O bandeirante não se contém. Ali, no sertão, diante dos caboclos emocionados, Fernão Dias Pais cai de joelhos. Silêncio súbito.

O herói, majestoso e belo, os largos braços erguidos para o céu, põe-se a bradar com retumbância:

— Deus seja louvado! Deus seja louvado! Foi Deus nosso Senhor que mandou as esmeraldas ao pobre velho...

Borba Gato arranca o trabuco: um tiro estruge no ar. Logo, enchendo o sertão, sacudindo a tarde — gritos, vivas, chapéus ao ar, algazarra infernizante, todo um brutal escachôo de júbilos:

— Esmeraldas! Esmeraldas!

A bandeira vive ali a sua hora. Enfim, as pedras! As pedras tão furiosamente ambicionadas! As pedras que custaram sangue e vida! Ali estavam elas, verdes!

— Esmeraldas!

PAULO SETÚBAL

ÍNDIOS, OURO E O NASCIMENTO DE UMA CIDADE

Em caminho, Pires de Campos ([1]) cruza com outro bandeirante, Pascoal Moreira, também saído à caça de índio. Conversam. Pires conta como lhe ocorreu a expedição e traça o roteiro. Há ainda lá os coxiponeses que êle não conseguiu matar nem capturar. Com um pouco de habilidade, Pascoal pode conseguir outra redada.

Separam-se. Pascoal segue o rumo indicado. Alcança o rio Coxipó, que sobe, margeando. Cruza outro rio a que dá o nome de rio do Peixe, em virtude da grande quantidade de peixe sêco encontrada na margem. Como o peixe não sai da água de moto próprio para secar-se em varais, o bandeirante conclui que chegara à zona dos índios visados.

Prossegue cauteloso no avanço. Mais um rio, — o Motuca — e esbarra numa defesa. Avisados da presença da "Civilização", os índios haviam erguido uma forte paliçada, detrás da qual rechaçam os assaltantes.

Mas enquanto os trabucos troam e as flechas assobiam, um homem da bandeira lembra-se de examinar o cascalho do Coxipó. Bateia-o em seu prato de ferro estanhado — e arregala o ôlho. Granetes amarelos! Ouro.

Naquele momento a cidade de Cuiabá nascia.

A descoberta do ouro mudou imediatamente os objetivos da bandeira. Pascoal desiste de caçar índios para catar ouro. O índio estava duro de roer e o ouro facílimo. Ninguém mais pensou noutra coisa.

A nova descoberta corre mundo. Chega a São Paulo, a Minas, ao Rio. E tôda gente começa a sonhar com a sorte grande. Ir a Cuiabá era voltar magnata. Cuiabá! Cuiabá! Cuiabá!

MONTEIRO LOBATO

---

(1) Pires de Campos voltara de uma expedição em que aprisionara muitos índios chamados "coxiponeses".

VERSOS DE UM INCONFIDENTE À SUA NOIVA (1)

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra
Ou dos cercos dos rios caudalosos
    Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
    No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras ainda novas,
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
    Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das sêcas fôlhas do cheiroso fumo,
Nem espremer as dentadas rodas
    Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos,
Ver-me-ás folhear os grandes livros
    E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fatos da sábia mestra história
    E os cantos da poesia.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

(1) Êsses versos foram dedicados pelo inconfidente Antônio Gonzaga, que era advogado, à sua noiva. Nêles resume o poeta as principais atividades econômicas de Minas Gerais, na sua época.

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

A

1 — A partir de 1580, de que país eram os reis que governaram Portugal?
2 — Por que desejavam os holandeses ocupar certas terras do Brasil?
3 — Que eram as companhias de comércio? Praticavam sòmente o comércio?
4 — Que companhia de comércio tentou apoderar-se de uma parte do Brasil?
5 — Por quanto tempo se tornaram os holandeses senhores da Bahia?
6 — Que são guerrilhas?
7 — Quem foi Francisco Padilha?
8 — Como se portou o bispo Dom Marcos Teixeira?
9 — Quais as duas importantes cidades tomadas pelos holandeses em 1630?
10 — Que era o Arraial do Bom Jesus?
11 — Como afirmam que morreu o almirante Adrião Jansen Pater?
12 — Por que foi enforcado Calabar?
13 — Foi proveitoso para o Recife o govêrno de Maurício de Nassau?
14 — Maurício de Nassau perseguia os católicos?
15 — Maurício de Nassau tratou bem os brasileiros?
16 — Continuou a haver concórdia entre brasileiros e holandeses, em Pernambuco, após a saída de Maurício de Nassau?
17 — Quais os dois principais chefes do levante pernambucano contra os holandeses?
18 — Quem foi Henrique Dias? Quem foi Camarão?
19 — Quais as duas batalhas decisivas da guerra contra os holandeses?
20 — Foram apenas soldados portuguêses que expulsaram os holandeses?

B

21 — Que eram os corsários?
22 — Qual a diferença entre piratas e corsários?
23 — Quem foram Lancaster e Cavendish?
24 — De que países eram os corsários que atacavam o Brasil?
25 — Quem foi Duclerc?
26 — Qual a maior façanha praticada por um dos corsários, no Brasil?

C

27 — De que parte do Brasil partiram as mais famosas expedições de caça aos índios?
28 — Que eram as bandeiras?
29 — As bandeiras respeitavam sempre a linha de Tordesilhas?
30 — Quem foi Antônio Rapôso Tavares?

31 — Por que os bandeirantes paulistas nem sempre respeitavam as missões jesuíticas?
32 — Que coisas fantásticas se contavam da "Serra das Esmeraldas"?
33 — Que grande bandeira levou anos procurando a "Serra das Esmeraldas"?
34 — Fernão Dias Pais encontrou esmeraldas?
35 — Quais os verdadeiros resultados da bandeira de Fernão Dias Pais?
36 — Que grande riqueza foi encontrada perto das regiões exploradas por Fernão Dias Pais?
37 — Que eram os "quintos", no tempo da colônia?
38 — Por que Borba Gato ficou por longo tempo nos sertões de Minas e Goiás?
39 — Com que estratagema o "Anhangüera" enganou os índios?
40 — De que maneira contribuíram as bandeiras para tornar maior o território do Brasil?
41 — A quem chamavam os paulistas de "emboabas"?
42 — Por que havia rivalidade, em Minas Gerais, entre os paulistas e "emboabas"?
43 — Eram mais numerosos os "emboabas" ou os paulistas, quando começou a guerra entre ambos êsses grupos?
44 — Que se passou, no capão da Traição?
45 — Conseguiram os paulistas vencer decisivamente os "emboabas"?
46 — Por que os olindenses chamavam de "Mascates" aos habitantes do Recife?
47 — Conseguiu o rei de Portugal que Recife tivesse a sua própria câmara municipal?
48 — Que aconteceu ao governador Castro Caldas?
49 — Chegaram os olindenses a tomar Recife?
50 — Qual foi o resultado dos excessos de Bernardo Vieira de Melo?
51 — Ficou Recife, afinal, com a sua própria câmara?

D

52 — Por que não era bem vista, no Norte da colônia, a Companhia de Comércio do Maranhão?
53 — Por que se revoltaram os maranhenses contra a proibição de escravizar os índios?
54 — Quem comandou a revolta dos maranhenses em 1684?
55 — Que aconteceu, finalmente, a Manuel Beckman?
56 — Quem ficou, finalmente, encarregado de proteger os índios, no Norte do Brasil?
57 — Que eram os "quilombos"?
58 — Que façanha se deve a Domingos Jorge Velho e Bernardo Vieira de Melo?
59 — Por que foi o açúcar perdendo, aos poucos, a sua importância?

60 — Citar dois produtos que trouxeram prosperidade ao Maranhão e ao Pará, nos últimos tempos da colônia.
61 — Era o café um produto muito importante, no Brasil, antes de 1800?
62 — Que cidade, em 1763, se tornou capital da colônia?
63 — Por que o gado teve grande importância na colonização do Nordeste?
64 — Quem foi Domingos Sertão?
65 — Onde ficava a Colônia do Sacramento?
66 — Portugal ficou, finalmente, com a Colônia do Sacramento?
67 — Que parte do Brasil foi colonizada graças à vizinhança da Colônia do Sacramento?
68 — Em que parte do Brasil mais se desenvolveu a produção do charque?
69 — A quem se deve, principalmente, a colonização do Amazonas?
70 — Quem expulsou os jesuítas de Portugal e do Brasil?
71 — Como influiu a expulsão dos jesuítas na colonização do Amazonas?

E

72 — Que são governos democráticos?
73 — Existiam muitos governos democráticos antes de 1789?
74 — Por que havia descontentamento dos mineiros contra as autoridades portuguêsas, no tempo de Tiradentes?
75 — Em que país da Europa aprenderam diversos conspiradores mineiros as idéias democráticas?
76 — Que pretendiam os conspiradores mineiros?
77 — Quem era Tiradentes?
78 — Por que era assim chamado?
79 — Por que não chegou a começar a revolução planejada pelos conspiradores mineiros?
80 — Como se portou Tiradentes perante os juízes?
81 — Como morreu Tiradentes?
82 — Quantos anos, depois da morte de Tiradentes, foi proclamada a independência do Brasil?

Capítulo IV

A INDEPENDÊNCIA

NAPOLEÃO E O BLOQUEIO CONTINENTAL

Logo depois de haver sido aqui descoberta a Conspiração Mineira, fatos muito graves se deram na Europa. Na França, uma revolução acabou expulsando os reis todo-poderosos, substituindo-os por um govêrno democrático, ou eleito pelo povo.

Os outros reis da Europa, temendo que seus povos imitassem o perigoso exemplo da França, atacaram êsse país, mas foram derrotados. Nas campanhas então realizadas, distinguiu-se muito o general Napoleão Bonaparte, que assumiu o govêrno francês, tornando-se verdadeiro ditador.

Depois de ter subido ao poder, Bonaparte continuou a provocar seguidas guerras, e passou a dominar a maior parte da Europa. Apenas a Inglaterra ficou livre, porque sua esquadra era a melhor do mundo, e para entrar no seu território teria sido preciso atravessar o mar, coisa que os exércitos franceses não conseguiram fazer. Napoleão Bonaparte, (então já tinha o título de imperador) não desanimou, e imaginou um plano para prejudicar o seu mais poderoso inimigo. A riqueza da Inglaterra era devida à indústria e ao comércio. Os inglêses fabricavam a preços baixos objetos que eram vendidos em tôda a Europa, e seus numerosos navios transportavam mercadorias de tôdas as partes do mundo, conseguindo com isso grandes lucros.

Napoleão obrigou as demais nações européias a assinar, em Berlim, um tratado pelo qual se comprometiam a *não comprar coisa alguma da Inglaterra, nem vender-lhe o que quer que fôsse.* Ficou combinado que *nenhuma embarcação inglêsa* poderia tocar nos portos do continente europeu. A êste esfôrço para isolar os inglêses na sua própria ilha, deu-se o nome de BLOQUEIO CONTINENTAL. Acreditava Napoleão que assim conseguiria a ruína e o enfraquecimento da Inglaterra.

A TRANSFERÊNCIA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUÊSA PARA O BRASIL

Portugal, nessa época, era governado pelo príncipe regente D. João, pois a mãe dêste, a rainha D. Maria I, estava gravemente enfêrma. Quando Napoleão quis obrigá-lo a aderir ao Bloqueio Continental, D. João se viu em terríveis dificuldades.

De um lado, junto às fronteiras, havia tropas francesas, e de outro, no pôrto de Lisboa, encontrava-se uma esquadra de guerra britânica. Entre as duas fôrças, não sabia o govêrno português a quem atender.

Enquanto D. João hesitava, os exércitos de Napoleão invadiram o seu reino e, em marchas forçadas, sem encontrar resistência, aproximaram-se de Lisboa.

Só havia um recurso: a fuga. Os inglêses, imediatamente, ofereceram seus navios onde, às pressas, embarcou tôda a família real, rumo ao Brasil. Quando os primeiros soldados franceses entraram em Lisboa, ainda puderam avistar, ao longe, a esquadra que se dirigia para a América.

O FIM DO MONOPÓLIO

Aproveitando-se da ocasião, os inglêses convenceram D. João a tomar uma medida que era vantajosa para o seu comércio e importantíssima para o Brasil.

O primeiro ato do príncipe regente, com efeito, ao chegar à Bahia, foi ABRIR OS PORTOS BRASILEIROS A TÔDAS AS NAÇÕES AMIGAS, (28 de janeiro de 1808).

Isso significava que, daquele momento em diante, estava terminado o REGIME DO COMÉRCIO DO MONOPÓLIO. Já não precisavam os brasileiros vender os seus produtos, ùnicamente, aos negociantes de Portugal. Já podíamos, também, comprar *diretamente,* nos outros países da Europa, na América do Norte, ou em qualquer parte do mundo, as mercadorias que desejássemos.

A princípio muito aproveitou aos inglêses a abertura dos portos, porque suas esquadras dominavam os mares e, como represália ao Bloqueio Continental, não permitiam êles que navios de outras nações européias viessem aos portos da América do Sul. Com a *abolição do monopólio* podia a Inglaterra, enfim, vender os seus artigos no Brasil, sem intermediários.

Alguns anos depois da fuga da FAMÍLIA REAL, em 1815, Napoleão foi definitivamente vencido. Daí por diante, navios de todos os países puderam entrar livremente em nossos portos. É fácil compreender como tudo isso concorreu para trazer prosperidade e bem-estar a inúmeros brasileiros.

O REINO UNIDO

A transferência da família real teve outras importantes conseqüências. Quando ela veio ter aqui, o Rio de Janeiro se tornou a capital provisória do Reino, passando êste a ter o nome de *Portugal, Brasil e Algarves.* Já não éramos, portanto, uma simples colônia; os brasileiros, perante o rei e perante as leis, já tinham exatamente os mesmos direitos que os portuguêses possuíam.

O príncipe D. João promoveu, na nova capital, grandes melhoramentos. Não só cuidou das ruas e dos prédios, mas fundou o primeiro *Banco do Brasil,* a *Biblioteca Real,* o *Jardim Botânico,* e a *Imprensa,* que sòmente então foi introduzida no Brasil. E muitas outras realizações deve o Rio de Janeiro a êsse soberano.

A CISPLATINA E AS GUIANAS. — Como Portugal estivesse em guerra contra a França, D. João mandou uma tropa ocupar a Guiana Francesa (mais tarde devolvida). Outro feito militar de grande importância, durante a estada do monarca no Brasil, foi a conquista da BANDA ORIENTAL, o Uruguai de nossos dias. A região passou a fazer parte dos domínios portuguêses, sob o nome de *Província Cisplatina.*

A REVOLUÇÃO DE 1817 EM PERNAMBUCO. — Diversos brasileiros não se contentavam com o fato de ter o nosso país deixado de ser uma colônia e ansiavam por torná-lo inteiramente independente de Portugal. Em Pernambuco eram bastante numerosos os que assim pensavam. E no ano de 1817 rebentou no Recife um movimento que visava proclamar a REPÚBLICA em nosso território.

Chefiavam a insurreição *Domingos Teotônio Jorge, José de Barros Lima, Domingos José Martins, Luís de Mendonça* e o *Padre João Ribeiro Pessoa.* As tropas reais derrotaram os rebeldes com bastante facilidade, e oito dos cabeças foram executados, além do *Padre Roma,* que foi fuzilado na Bahia.

A VOLTA DE D. JOÃO VI A PORTUGAL

Por morte de D. Maria I, o príncipe regente tornou-se *rei* com o nome de D. João VI. Embora a situação se tivesse restabelecido em Portugal, D. João VI não parecia disposto a deixar o Brasil, pois gostava muito de nossa terra e aqui se sentia à vontade. Em 1820, entretanto, houve em Portugal uma revolução vitoriosa, que entregou o poder nas mãos de uma "Assembléia Constituinte" (1), formada por deputados eleitos pelo povo. Alguns dêsses deputados eram brasileiros, mas os portuguêses estavam em maioria, e começaram a esforçar-se para que o comércio do Brasil dependesse, de novo, de Portugal. Conseguiram que D. João VI voltasse a Lisboa, e quiseram tomar outras medidas prejudiciais aos brasileiros.

D. João VI, antes de embarcar, deixou aqui como *regente* seu filho D. Pedro. Dizem que, ao despedir-se, o soberano recomendou ao jovem príncipe que se declarasse rei do Brasil, "antes de que algum aventureiro o fizesse".

D. PEDRO E O "FICO"

Partiu D. João VI em 1821, e logo se tornou bastante grave a situação. Os deputados brasileiros precisaram sair de Lisboa, tal a má vontade com que eram tratados, enquanto os deputados portuguêses insistiam em transformar o Brasil, novamente, numa espécie de colônia.

Tudo isso fêz que fôsse crescendo, aqui, a indignação, e se firmasse a idéia da *independência*. Muitos cidadãos cultos e influentes começaram a reunir-se e a estudar os meios de libertar o Brasil, totalmente, do domínio português. Alguns dêles conseguiram aproximar-se do príncipe D. Pedro, convencendo-o a tomar o partido dos libertadores e a desobedecer às ordens da Assembléia de Lisboa.

---

(1) Dá-se o nome de "Assembléia Constituinte" ao conjunto de deputados, eleitos pelo povo, a fim de estabelecer as *leis* a que obedecerá um novo govêrno. No Brasil, mais tarde, houve diversas "Assembléias Constituintes" semelhantes à de Lisboa.

Os deputados portuguêses, percebendo o perigo, decidiram que D. Pedro devesse deixar o Brasil sem demora. Os partidários da independência, entretanto, promoveram manifestações em diversos pontos do país, e dirigiram-se ao príncipe, pedindo-lhe que não embarcasse. Depois de curta reflexão, D. Pedro colocou-se decididamente ao lado dos brasileiros, e pronunciou a sua famosa resposta:

> "Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que FICO".

Isso se passou em 9 de fevereiro de 1822, data que se tornou conhecida, em nossa história, como o "Dia do FICO".

AS AMEAÇAS PORTUGUÊSAS. — Achava-se no Rio um destacamento do exército português, de dois mil homens, sob o comando do general *Avilez*. Logo que souberam da recusa do príncipe, êsses soldados saíram dos seus quartéis, ocuparam o Morro do Castelo, e ameaçaram bombardear a cidade.

Não contavam, porém, com a coragem e a resolução do povo brasileiro. Milhares de cidadãos, longe de mostrar temor ou fraqueza, correram a reunir-se no antigo Campo de Sant'Ana (hoje Praça da República), aprontando-se para enfrentar o inimigo. Embora não dispusessem de armamento suficiente, deram provas de tal disposição para a luta que o general Avilez resolveu retirar-se com suas tropas.

A primeira ameaça de violência, pois, sòmente servira para fortalecer a posição dos que se batiam pela independência. E a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no entusiasmo da vitória, ofereceu a D. Pedro o título de "Defensor Perpétuo do Brasil".

O GRITO DO IPIRANGA

Brasileiros de valor, ao lado de alguns portuguêses inteligentes e progressistas, chefiavam o movimento de libertação, dentre êles destacando-se *José Clemente Pereira, Joaquim Gonçalves Ledo, Januário da Cunha Barbosa, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro* e os irmãos *Andrada,* de São Paulo. Um dêstes últimos, *José Bonifácio de Andrada e Silva,* impressionou profundamente D. Pedro pela sua inteligência, sua cultura e seu conhecimento de política. Fi-

cou sendo o principal conselheiro do príncipe regente, e soube encaminhar as coisas para que conseguíssemos a independência completa.

Um dos seus maiores méritos consiste em haver tomado tôdas as providências para que o movimento se estendesse ao PAÍS INTEIRO e para que êste, ao libertar-se, obedecesse a um govêrno único.

Seus esforços foram bem sucedidos, e hoje o Brasil cultua a sua memória, sendo êle considerado a principal figura do movimento emancipador, o PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA.

Na verdade, a partir do dia do "Fico", comportava-se D. Pedro como se estivesse à frente de um govêrno inteiramente livre, não disposto a receber mais ordem alguma de Portugal. Chegou êsse

príncipe, em agôsto de 1822, a convocar uma *Assembléia Constituinte,* destinada a criar leis próprias para o Brasil.

A Assembléia de Lisboa (também conhecida sob o nome de "Côrtes") em vez de agir com habilidade, recorreu a pesadas ameaças, que tiveram por único efeito irritar D. Pedro, homem decidido e às vêzes, até, violento.

Em setembro de 1822, fôra êle visitar São Paulo, cujos habitantes lhe proporcionaram carinhosa recepção. Quando, seguido de numerosa comitiva, voltava a cavalo de uma visita a Santos, galopou a seu encontro um mensageiro trazendo novas ordens humilhantes de Lisboa.

Ao ter conhecimento daquelas ordens, não se conteve D. Pedro e pronunciou, em voz alta, as palavras que iam colocar definitivamente o Brasil entre as nações livres: "INDEPENDÊNCIA OU MORTE!"

Ao proferir êsse grito encontrava-se o príncipe junto ao riacho *Ipiranga,* nas proximidades de São Paulo, donde dizer-se o "Grito do Ipiranga". A cidade recebeu-o sob aclamações delirantes, e ràpidamente se espalhou por todo o Brasil a boa notícia.

A proclamação da independência verificou-se, pois, em terras paulistas, a 7 de setembro de 1822. Poucas semanas depois, era D. Pedro solenemente coroado "IMPERADOR DO BRASIL", no Rio de Janeiro.

AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA

Imediatamente após o *Fico* tinham sido organizadas fôrças de terra e mar, para combater as tropas fiéis ao govêrno português. Às pressas se formou uma esquadra brasileira, sendo contratado, para dirigi-la, o almirante inglês Lorde Alexandre Tomás Cochrane. E sem demora também foi armado um exército, cujo comando coube ao general francês *Pierre Labatut,* depois substituído pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Seguiram os navios e soldados para a Bahia, onde o general português *Madeira* acreditava poder resistir ao govêrno formado no Rio de Janeiro. Os patriotas baianos, vencidos na cidade, recuaram para o interior, e foram juntar-se ao exército vindo do sul. A esquadra de Cochrane atacou pelo lado do mar e, a 2 de julho

de 1823, Madeira e suas fôrças viram-se obrigados a capitular, embarcando para Portugal.

No Maranhão, o almirante Cochrane obteve, com facilidade, a rendição dos portuguêses, e um de seus oficiais, *Grenfell,* venceu as resistências que encontrou no Pará. Em 1824, depois da capitulação de *Montevidéu,* o Brasil estava livre de tropas da metrópole, e podia considerar assegurada a sua independência.

LEITURA

A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Na altura do Ipiranga, nova parada... O príncipe apeou-se perto da estância. Um cavaleiro, que a tôda brida corria, encontrou-o aí, em companhia do padre Belchior. O correio da Côrte. D. Pedro empalideceu: era Paulo Bregaro, o melhor correio do Paço.

Balbuciando, o estafeta de sua alteza contou que arrebentara vários cavalos para lhe trazer, da parte da princesa e do govêrno, papéis importantíssimos. E tirou do fundo do seu capote de três cabeções o maço de despachos. A mão do correio tremia; o príncipe, mau grado seu, treme também. Foi numa aflição que desembrulhou os documentos, devorou-os com a vista acesa, as faces vivamente coloridas. O padre Belchior recebeu-lhe, palpitantes, à medida que lia, as impressões violentas: chegara a hora. As Côrtes de Lisboa tratavam-no como inimigo. José Bonifácio e D. Leopoldina, em razão disto, suplicavam-lhe que proclamasse o Brasil independente... D. Pedro, seguido do eclesiástico e do correio, deu alguns passos, enterrando na relva as botas à prussiana. A meditação, como um fardo, dobrava-lhe para o chão a cabeça pensativa. A sua mão direita, raivosamente, machucava os papéis: a esquerda caíra, aberta, sôbre o punho do sabre. Aquêle breve momento de reflexão foi o mais grave de quantos êle viveu. Os homens podem, em certos instantes, resumir num só olhar penetrante e interior o seu passado e decidir, como o jogador numa banca de cartas, do seu futuro. Às quatro horas da tarde de 7 de setembro de 1822, na suave lombada do Ipiranga, achou-se D. Pedro de Alcântara nesta tremenda conjuntura. Recuar? Continuar?...

Montou, quase sem dar por isto. Não parecia disposto a prosseguir. Do alto da sela, o busto direito, amarrotando numa das mãos os papéis políticos, destacava-se no fundo azul desnublado do céu como uma estátua guerreira a quem o pensamento imobilizara, no meio dos campos amplos e calados. Os soldados da Guarda de Honra aproximaram-se. De súbito, como numa explosão, êle se transfigurou. Os papéis caíram-lhe da mão. Esporeou a montada, que saltou, desembainhou, num gesto solene, o sabre, e quando os companheiros o rodearam, bradou, num grito estridente e feroz, que lhe arrancava da alma o despeito, o entusiasmo, o desafio, o sonho: "Independência ou Morte!"

PEDRO CALMON

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

1 — Que grande mudança se verificou no govêrno da França, em 1789?
2 — Por que vários reis da Europa atacaram a França, pouco depois de 1789?
3 — Que general francês mais se distinguiu nas guerras em que a França venceu, então, os principais exércitos europeus?
4 — Conseguiu Napoleão dominar a Inglaterra?
5 — Que foi o Bloqueio Continental?
6 — Portugal fechou seus portos à Inglaterra?
7 — Por que Napoleão invadiu Portugal?
8 — Que decisão tomou D. João, quando os franceses se aproximaram de Lisboa?
9 — Quem garantiu a fuga da família real para o Brasil?
10 — Qual o primeiro ato do príncipe D. João, ao chegar ao Brasil?
11 — Por que tem tanta importância a abertura dos portos brasileiros a tôdas as nações amigas?
12 — Por que interessava à Inglaterra o fim do regime do monopólio, no Brasil?
13 — Para onde transferiu D. João a capital do Reino de Portugal?
14 — Citar alguns dos melhoramentos introduzidos por D. João, no Rio de Janeiro.
15 — Como se chama, hoje, a região antigamente conhecida como "Cisplatina"?
16 — As terras do Uruguai já pertenceram ao Brasil?
17 — Que aconteceu em Pernambuco, em 1817?
18 — Onde se verificou o Movimento Republicano de 1817?
19 — Que aconteceu de muito importante, em 1820, em Portugal?

20 — Quando regressou D. João VI a Portugal, e por quê?
21 — Como foram tratados os deputados brasileiros à Assembléia Constituinte Portuguêsa?
22 — Quem ficou governando o Brasil, quando D. João VI voltou a Portugal?
23 — Quais as intenções dos deputados portuguêses quanto ao Brasil?
24 — Que ordem foi enviada pela Constituinte Portuguêsa ao príncipe D. Pedro?
25 — Qual foi a resposta do príncipe D. Pedro?
26 — Por que se retirou do Rio o general Avilez?
27 — Citar alguns chefes do movimento pela independência do Brasil.
28 — Quem é chamado o Patriarca da Independência?
29 — Em que data e em que lugar D. Pedro pronunciou as palavras: "Independência ou Morte"?
30 — Que título recebeu D. Pedro, logo após a proclamação da independência?
31 — Que papel teve o inglês lorde Cocrane, nas lutas pela independência?
32 — Quem foi o general Labatut?
33 — Que foi obrigado a fazer o general português Madeira, na Bahia?
34 — Quem completou a libertação do Maranhão?
35 — Quem obteve a rendição das fôrças portuguêsas, no Pará?

Capítulo V

O PRIMEIRO REINADO

Como sempre acontece, quando se forma uma nova nação, houve certas dificuldades nos primeiros tempos de nossa vida independente. Tivemos, nós também, uma Assembléia Constituinte que logo entrou em conflito com o imperador. Êste a dissolveu e mandou publicar, logo a seguir, em 1824, uma CONSTITUIÇÃO, isto é, uma lei fundamental que estabelece a maneira de governar. De acôrdo com essa constituição, não podia o imperador fazer o que bem entendesse, precisando ouvir os *representantes do povo,* livremente eleitos por êste.

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR. — Era D. Pedro I bem intencionado, mas muito autoritário, e isso contribuiu para criar contrariedades e ressentimentos. Os irmãos Andrada, que tinham sido seus melhores colaboradores, passaram a combatê-lo.

Com tudo isso, o descontentamento foi aumentando, e, em Pernambuco, se verificou, em 1824, novo levante, chefiado por *Manuel Carvalho Pais de Andrade,* que ali proclamou uma espécie de estado republicano, chamado a *Confederação do Equador.* Contra os rebeldes, que tinham conseguido partidários nas províncias vizinhas, seguiram tropas de terra e mar, sob o comando do general Lima e Silva e de Lorde Cochrane.

Não houve dificuldade em subjugar a insurreição, cujo principal cabeça conseguiu refugiar-se a bordo de um navio inglês. Por terem feito propaganda do movimento, foram condenados e mortos no Rio, Guilherme Ratclif e, no Recife, *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.*

A GUERRA CISPLATINA. — Outro acontecimento importante do govêrno de D. Pedro I foi a *Guerra Cisplatina.* Já vimos que D. João VI conquistara, para o Brasil, as regiões do Uruguai

atual, que passaram a formar a *Província Cisplatina.* Ali rompeu, em 1825, séria revolução, cujos chefes organizaram um govêrno independente. A República Argentina tomou o partido dos rebeldes, e as tropas do govêrno brasileiro foram derrotadas em *Sarandi.* Depois da batalha indecisa de ITUZAINGO (1827) e de alguns combates navais junto à foz do rio da Prata, foi finalmente reconhecida a independência da *República Oriental do Uruguai* (1828), hoje uma das mais prósperas nações do continente, onde os brasileiros gozam de grandes simpatias.

A ABDICAÇÃO. — A guerra Cisplatina e outros fatos desagradáveis iam diminuindo a popularidade do imperador, ao qual se acusava de desprezar os negócios do Brasil. Realmente, era grande a sua preocupação com os acontecimentos de Portugal, pois ali falecera D. João VI e se estavam desenrolando complicadas agitações políticas.

Em 1831, verificaram-se fortes manifestações contra D. Pedro I, e, quando êle percebeu que o próprio exército não lhe era simpático, resolveu abdicar ([1]), — deixando o trono a seu filho, o príncipe D. Pedro de Alcântara, depois D. Pedro II.

A SITUAÇÃO DO BRASIL EM 1831

Durante o reinado de D. Pedro I, pouco se modificaram as condições do país. O dinheiro necessário aos gastos do govêrno foi conseguido mediante *empréstimos* de banqueiros europeus, principalmente inglêses. Quase não havia indústrias e precisávamos comprar no estrangeiro grandes quantidades de tecidos e outros objetos manufaturados. O dinheiro que entrava no Brasil, como até então acontecera, *provinha da exportação de produtos agrícolas.* Saíam êstes das fazendas, cujos donos, ricos e prestigiosos, dominavam a política.

A criação do gado se desenvolvera bastante. As minas de ouro se achavam quase inteiramente esgotadas. O CAFÉ, entretanto, começava a tornar-se uma fonte de riqueza muito importante.

---

(1) A data exata da renúncia de D. Pedro I ao trono brasileiro foi 7 de abril de 1831.

L E I T U R A

O CASAMENTO DE D. PEDRO E D. LEOPOLDINA

À noite, a cidade iluminou-se magnìficamente. As ruas foram cobertas de camadas de areia e fôlhas de canela.

Em frente do Arsenal de Marinha, da igreja da Cruz dos Militares e da Rua do Sabão, erguiam-se arcos pomposos.

No dia seguinte, pela manhã, a tropa formou para o desembarque da princesa.

Eram duas horas da tarde, quando esta chegou à terra pela mão de D. Pedro, saltando no Arsenal de Marinha, onde a esperava tôda a família real.

O préstito desfilou pela Rua Direita até a real capela, ao repique dos sinos, ao som de músicas, enquanto os canhões das fortalezas e dos navios troavam. Em tôda a extensão da rua a futura imperatriz só pisou em flores que o povo lhe atirava.

D. Pedro e D. Leopoldina foram, pelo rei e pela rainha, apresentados ao bispo capelão-mor. Os esposos ajoelharam-se e a bênção nupcial lhes foi lançada. Logo após o "Te-Deum Laudamus", cantado pelos músicos da real capela, salvaram as fortalezas e os navios. Eram cinco horas da tarde.

A família real seguiu para o paço e, das janelas, assistiu ao desfilar das tropas.

Mais tarde, o jantar com tôda a pompa da Côrte.

VIRIATO CORREIA

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

1 — Que aconteceu à primeira Assembléia Constituinte formada no Brasil?
2 — Que é uma constituição?
3 — Quando teve o Brasil a sua primeira constituição?
4 — Que importante acontecimento se verificou em 1824, em Pernambuco?
5 — Que aconteceu a Ratcliff e a Frei Caneca?
6 — Quando foi reconhecida a independência do Uruguai?

7 — Como é chamada a guerra em que os uruguaios obtiveram sua independência?
8 — Quais são, hoje, as relações entre o Uruguai e o Brasil?
9 — Depois da Guerra Cisplatina, continuou D. Pedro I a ser muito popular, no Brasil?
10 — Que importante decisão tomou D. Pedro I, em 1831?
11 — Quem emprestou ao govêrno brasileiro, nos primeiros tempos, o dinheiro de que êle precisava?
12 — As minas de ouro continuavam a ser muito ricas, em 1831?
13 — Quem fazia quase todo o trabalho, nas fazendas brasileiras, no tempo da independência e de D. Pedro I?
14 — Tinham os fazendeiros grande prestígio, nos tempos do Império?
15 — Que produto agrícola foi crescendo de importância, no Brasil, logo após a independência?

Capítulo VI

O SEGUNDO REINADO

A REGÊNCIA

Quando D. Pedro I resolveu voltar a Portugal, deixando o trono a seu filho D. Pedro II, era êste um menino e não podia assumir a chefia do govêrno. Foram indicados, então, para dirigir os negócios do país três pessoas que deveriam agir de comum acôrdo.

A essa forma de govêrno deu-se o nome de REGÊNCIA TRINA. Houve, a princípio, uma *Regência Trina Provisória* (1), aclamada pelo povo, e, logo a seguir, uma *Regência Trina Permanente* (2), eleita pelos deputados.

Não foi nada fácil o trabalho dos novos dirigentes, pois diversas insurreições irromperam na capital, assim como em outros pontos do país. Entre os habitantes de algumas cidades era grande o ódio aos portuguêses, e como o govêrno reprimisse as violências de certos exaltados, foi acusado de favorecer os estrangeiros, em prejuízo do povo. Em certos lugares, os descontentes mostravam má vontade, não só contra os portuguêses, mas contra as autoridades. E vários conflitos se sucederam.

Por iniciativa do *Padre Diogo Antônio Feijó,* homem muito enérgico e ativo, foi criada a GUARDA NACIONAL, fôrça armada composta de *voluntários* pertencentes, quase todos, às famílias dos proprietários, dos funcionários e dos comerciantes. Esta nova tropa bastante concorreu para o restabelecimento da ordem, especialmente no Rio.

---

(1) Compunham a Regência Trina Provisória o Marquês de Caravelas (José Joaquim Carneiro de Campos), o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e o senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro.

(2) A Regência Trina Permanente era formada pelo Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o deputado José da Costa Carvalho e o deputado João Bráulio Muniz.

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA. — Ao lado de numerosos distúrbios de rua, promovidos por manifestantes mal dirigidos, houve levantes mais sérios, à cuja frente se puseram pessoas de fortuna e posição. Algumas destas eram partidárias da REPÚBLICA, outras desejavam que as *províncias* (1) dependessem menos do govêrno do Rio de Janeiro.

O principal dêsses grandes movimentos foi a REVOLUÇÃO FARROUPILHA, que teve início em 1835, no Rio Grande do Sul. Após alguns combates, proclamaram os insurretos a REPÚBLICA DE PIRATINIM. Ótimos cavaleiros e exímios atiradores, conhecendo perfeitamente a região em que combatiam, os revoltosos gaúchos resistiram, durante dez anos, aos exércitos imperiais. Foram finalmente vencidos, em 1845, graças em grande parte ao talento militar e à habilidade do general Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias (2). E muito se esforçou êste, após a vitória, para acalmar os ânimos. A campanha é também conhecida como a GUERRA DOS FARRAPOS, e foram seus principais chefes *Bento Gonçalves* e *Canabarro.*

A REGÊNCIA UNA. — Nos primeiros anos da regência, outras lutas civis ensangüentaram vários pontos do país, criando terríveis dificuldades ao govêrno. Em 1835, ficou resolvido que, em vez de três regentes, haveria um só, pensando-se que assim seria mais fácil restabelecer a ordem. Foi escolhido, pois, para regente único, o *Padre Feijó,* em vista da energia que soubera demonstrar. Teve êle desavenças, entretanto, com os demais políticos e retirou-se, anos depois, sendo substituído por ARAÚJO LIMA. Dentre os levantes da época destacam-se a *Sabinada,* na Bahia, e a *Balaiada,* no Maranhão. Êsses movimentos populares foram subjugados, não sem alguma dificuldade, pelas fôrças imperiais.

A MAIORIDADE. — O regente Araújo Lima também lutou com grandes contrariedades, e, em 1840, um grupo de políticos propôs que fôsse considerado maior de idade o imperador D. Pedro II, embora tivesse êste quinze anos apenas. Acreditava-

(1) As *províncias* eram as divisões administrativas do Brasil, correspondentes aos *estados* de nossos dias.

(2) Era, então, *Barão de Caxias.*

se que, com a autoridade ligada à pessoa do soberano, se tornaria possível melhorar a situação. A idéia foi bem acolhida, e logo se verificou a proclamação da MAIORIDADE, assumindo o jovem D. Pedro II a direção do govêrno (1840).

O GOVÊRNO DE D. PEDRO II

Ainda decorreriam alguns anos antes de ficar inteiramente apaziguado o país. Em 1842, houve em São Paulo, um levante encabeçado pelo *Brigadeiro Tobias de Aguiar,* e pelo *Padre Feijó,* que se indispusera com o govêrno. O general Luís Alves de Lima e Silva abafou prontamente êsse movimento, assim como outro tentado, em Minas, sob a chefia de *Teófilo Ottoni.* Em 1845 foi definitivamente reprimida a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul. De 1847 a 1848 houve em Pernambuco sangrenta agitação conhecida como a *Revolução Praieira.* Os revoltosos foram finalmente batidos, e, daí por diante, atravessou o Brasil um período de paz e prosperidade.

D. Pedro II procurou governar conscienciosamente, exigindo dedicação e honestidade dos homens que ocupavam altos cargos. Escolhia os ministros e auxiliares do govêrno, de preferência, na classe dos proprietários de terras, então a mais rica e prestigiosa da população.

A INSTRUÇÃO PÚBLICA. — Era D. Pedro II entusiasta das letras e das artes, e fazia questão de manter-se em contato com o que de melhor existia no mundo intelectual europeu. Uma das suas preocupações era desenvolver o ensino, em geral. Sob D. Pedro I tinham sido criadas as Faculdades de Direito de São Paulo e Pernambuco e a Faculdade de Medicina da Bahia. Sob D. Pedro II apareceram no Rio de Janeiro a Faculdade de Medicina, a Escola de Engenharia, o Colégio D. Pedro II, e, nas províncias, diversos estabelecimentos de ensino secundário.

DESENVOLVIMENTO CULTURAL. — O incremento da instrução pública muito contribuiu para o desenvolvimento da nossa literatura. E para isso, igualmente, concorreu bastante a *liberdade de pensamento,* isto é, a liberdade de cada qual adquirir os livros do seu agrado e publicar os escritos que bem entender.

Surgiram, no tempo do império, os grandes poetas *Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Castro Alves* e *Fagundes Varela,* e bons prosadores, dentre os quais se destacaram *José de Alencar, Machado de Assis* e o *Visconde de Taunay.* Também tivemos autores musicais de valor, como o Padre *José Maurício* e o compositor *Carlos Gomes,* de fama mundial. Dos melhores artistas na pintura merecem ser lembrados *Pedro Américo* e *Vítor Meireles.*

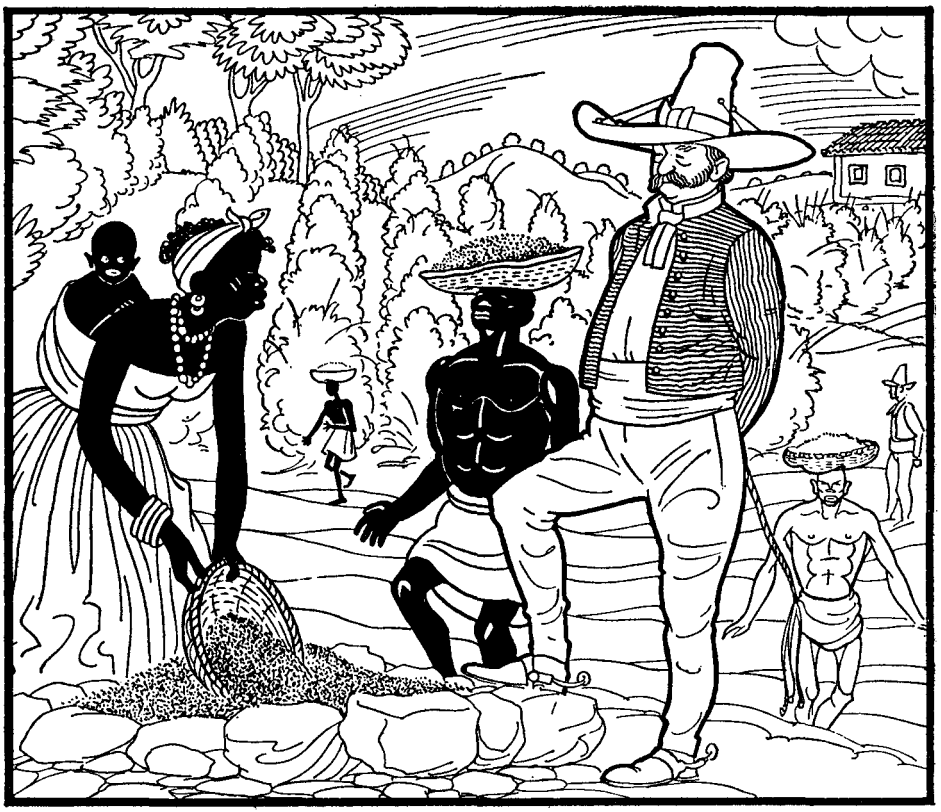
Muitos outros nomes poderíamos acrescentar a esta lista, que apenas serve para dar uma idéia de quanto se adiantou a cultura brasileira durante o império.

O CAFÉ

A prosperidade do Brasil no século passado foi devida principalmente ao CAFÉ. Chegou o momento, pois, de falarmos melhor a respeito dessa planta, que tanta importância teve e ainda tem na vida do país. As primeiras sementes, trazidas da Guiana Francesa, em 1723, por Francisco de Melo Palhêta, deram bons resultados no Pará, e apareceram algumas mudas, em 1770, no Rio de Janeiro. Verificou-se que os arbustos cresciam ali com facilidade, e logo se cobriram de plantações os morros vizinhos, especialmente junto às matas da Tijuca.

Em outras regiões do Brasil foram experimentados com êxito os cafeeiros, mas, na época da independência, ainda era pequena a produção. O café, com efeito, exige mais trabalho que outras culturas de lugares quentes, e só começa a dar resultados financeiros quatro ou cinco anos depois da plantação. Talvez por isso houvesse algum receio em substituir por essa rubiácea o fumo, o algodão ou a cana-de-açúcar. Quando se percebeu, porém, que, apesar da demora, os cafeeiros davam lucros fartos e certos, o seu número foi crescendo ràpidamente.

Estenderam-se os cafèzais, nos primeiros anos do império, pela província do Rio de Janeiro, alcançando o Vale do Paraíba e as regiões próximas de Minas e Espírito Santo. Logo atingiram as zonas chamadas do "Norte de São Paulo" onde, graças a essa esplêndida fonte de riqueza, diversas cidades experimentaram acentuado progresso.



Em alguns outros pontos do país, como a Bahia, Espírito Santo, Ceará e Pará também surgiram cafèzais. Em parte alguma, contudo, rendiam êstes tanto como nas imediações do Rio e, notadamente, em São Paulo, que se tornou a mais rica e importante de tôdas as províncias.

Quando D. Pedro II foi declarado maior, já ocupava o Brasil o pôsto de primeiro produtor de café, no mundo inteiro. Havia tão grande procura dêsse produto, que tudo quanto aqui se colhesse era prontamente vendido no estrangeiro.

Dentro de breve os cafèzais fluminenses e os do Vale do Paraíba, em São Paulo, eram insuficientes para a exportação, e os fazendeiros começaram a instalar-se no OESTE PAULISTA, isto é, nas terras

situadas dos lados de Campinas. Foram muito além dessa cidade e estenderam suas plantações por novas regiões, tais como Ribeirão Prêto e Jaú, que se tornaram riquíssimas.

OUTROS PRODUTOS NACIONAIS. — Chegaram em boa hora os reconfortadores resultados da lavoura do café. Já vimos que estavam rendendo pouco os canaviais, devido à concorrência de outros países. E a situação piorou ainda depois das guerras de Napoleão, durante as quais os europeus aprenderam a extrair o açúcar da *beterraba,* planta esta muito abundante em climas frios e temperados.

Convém lembrar que nossas minas de ouro tinham perdido quase todo o seu valor. O *cacau,* o *algodão* e o *fumo,* assim como os *couros,* proporcionavam alguns lucros. Muito mais importância tinha, porém, o café, que, vendido no estrangeiro em quantidades enormes, fazia afluir ao Brasil elevadas quantias. Graças aos ganhos que estavam conseguindo, podiam os fazendeiros comprar, na Europa, roupas e objetos diversos dos mais luxuosos. Inúmeros proprietários, além de suas "casas grandes", entre os cafèzais, passaram a manter suntuosas residências nas cidades onde se multiplicaram as reuniões, as festas, os bailes e os espetáculos teatrais. O comércio, com tudo isso, se desenvolveu bastante, especialmente nas regiões do Rio e de São Paulo.

AS FAZENDAS. — As fazendas de café, então, tinham aspecto um pouco diferente do que hoje apresentam. As mesmas fileiras de arbustos se estendiam, em longas linhas retas, pelas colinas. Numa posição central, se erguia a casa de morada, tendo quase sempre, à frente, uma varanda, onde o fazendeiro podia avistar boa parte de sua propriedade. Ao lado dessa "casa grande" ou, às vêzes, nos próprios porões, ficava a *senzala* onde, em precárias condições de higiene, dormiam os escravos. Durante o dia, trabalhavam êstes sob as ordens de feitôres.

Ao contrário do que se poderia pensar, nem sempre eram os escravos tratados com desumanidade, e muitos fazendeiros lhes davam bom trato.

A ABOLIÇÃO DO TRÁFICO AFRICANO

Desde a época de nossa independência vinha a Inglaterra se batendo pela abolição do TRÁFICO, isto é, do transporte de escravos africanos pelo mar. Muitos aborrecimentos causou ao Brasil essa campanha, até que o govêrno imperial, em 1850, conseguiu vencer a resistência dos traficantes, e proibiu definitivamente o desembarque de cativos em nossas costas.

Grandes quantias eram gastas com a compra de tais infelizes, na África, e com o seu transporte através do oceano. Findo o tráfico, todo êsse dinheiro pôde ser aplicado em outras emprêsas, o que concorreu bastante para o nosso progresso.

MAUÁ E OS GRANDES EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS

Dentre essas emprêsas destacam-se as ESTRADAS DE FERRO, para cuja introdução, em nosso país, muito contribuiu um patriota ativo, empreendedor e de grande visão: *Irineu Evangelista de Sousa,* mais conhecido como o *Barão de Mauá.* À sua iniciativa se deve a construção, em 1852, da primeira via férrea brasileira, que ligou a baía de Guanabara à Raiz da Serra, no caminho de Petrópolis. Logo surgiram novas linhas, dentre elas destacando-se a denominada "D. Pedro II" (hoje "Central do Brasil"). As províncias de Pernambuco, Bahia, e outras regiões não tardaram a contar com êsse melhoramento. Em 1885 foi terminada a estrada de ferro Paranaguá a Curitiba, obra-prima de engenharia, devida ao brasileiro *André Rebouças.* Já se achava então funcionando a linha de São Paulo a Santos, cuja importância até hoje é das maiores. E pouco depois era completada a ligação ferroviária entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

O novo meio de transporte veio aumentar a prosperidade das províncias cafeeiras, facilitando o aproveitamento de terras afastadas do litoral, principalmente em São Paulo.

Mauá foi o grande animador da construção dessas estradas de ferro. Deve-lhe o Brasil, ainda, outras iniciativas, dentre as quais a

fundação de bancos, a introdução, no Rio, de bondes puxados a burro, a criação de algumas fábricas e diversas companhias.

A atividade dêsse homem, que visava o progresso industrial e comercial do Brasil, merece ser lembrada aos jovens como um belo exemplo de verdadeiro patriotismo e de trabalho realizador.

AS GUERRAS DO PRATA (1)

Em 1851 governava a Argentina o ditador *João Manuel Rosas,* famoso pela violência com que tratava os seus adversários políticos. Êsse chefe, que no próprio país mantinha verdadeiro regime de terror, quis intervir no Uruguai, cuja independência o govêrno imperial tomara o compromisso de defender.

Como a cidade de Montevidéu estivesse cercada por tropas do ditador, para lá foi mandado um exército brasileiro que, sob as ordens de *Caxias,* derrotou os atacantes. Logo após, as fôrças imperiais, unidas às do general argentino Urquiza, contribuíram para a derrota final de Rosas, na batalha de *Monte Caseros* (1852). Crescia, pois, a influência brasileira no Prata. No Uruguai, entretanto, continuavam a ser travadas lutas políticas que tiravam o sossêgo dos brasileiros da fronteira e às vêzes causavam-lhes prejuízos. Em 1865 verificou-se nova intervenção de tropas nossas, que auxiliaram o general Flores a apoderar-se de Montevidéu e do govêrno uruguaio.

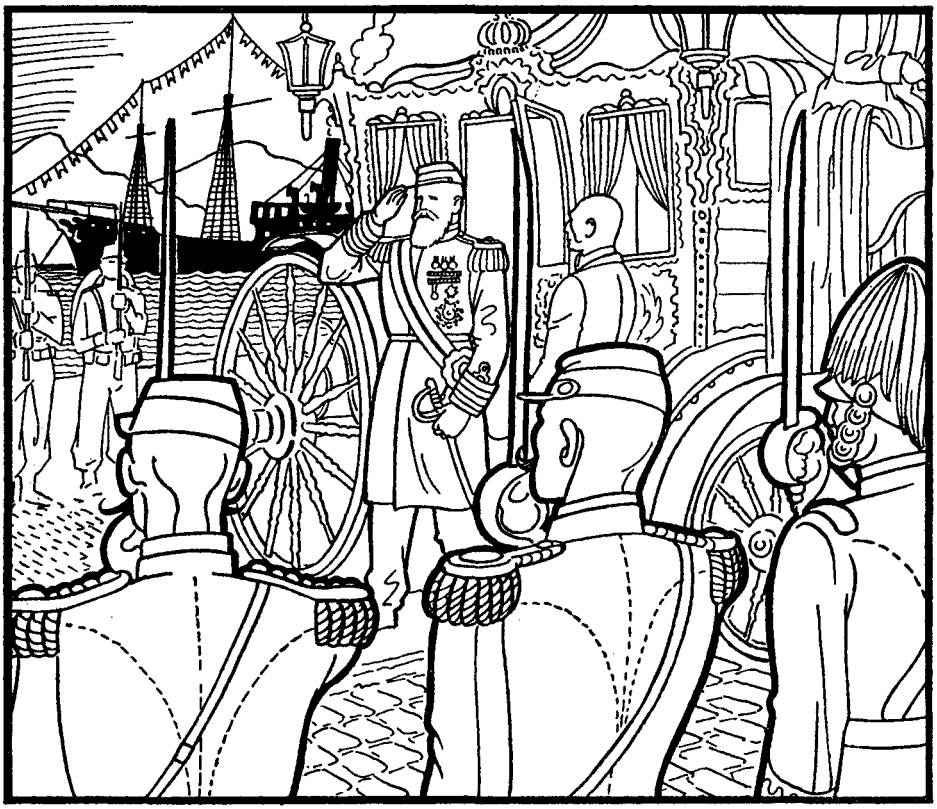
A GUERRA DO PARAGUAI

Quando o govêrno imperial, ainda em 1864, resolveu intervir no Uruguai, o general *Francisco Solano Lopez,* ditador do Paraguai, declarou que a sua pátria estava em perigo. Isto porque os paraguaios, que não tinham saída para o mar, esperavam instalar-se no rio da Prata. Êste sonho parecia muito difícil de se realizar, agora que o Brasil tinha tanta influência naquela região.

O ditador Lopez, por sinal, achava-se preparado para a luta, contando com um exército de muitos milhares de homens bem armados e disciplinados.

---

(1) O "Prata", ou "Rio da Prata", é o nome dado a tôda a região próxima das cidades de Buenos Aires e Montevidéu, banhadas pelo estuário conjunto do rio Paraná e Paraguai.



Lopez, em vez de declarar a guerra, apoderou-se de uma embarcação fluvial brasileira, o *Marquês de Olinda,* aprisionando o C.el Carneiro de Campos, novo presidente de Mato Grosso, e mandou um exército invadir, de surprêsa, a província de Mato Grosso.

Começaram, assim, as hostilidades. Ao Brasil não tardaram a se aliar as Repúblicas da Argentina e do Uruguai, em 1865. Os exércitos das três nações, sob o comando do próprio D. Pedro II, imediatamente derrotaram, em *Uruguaiana,* os paraguaios que tentavam avançar. No dia 11 de junho do mesmo ano, a esquadra brasileira, sob a direção do *Almirante Barroso,* destruiu na batalha do *Riachuelo,* a frota inimiga.

De 1866 em diante, os brasileiros e seus aliados tomaram a ofensiva, batendo o inimigo, sucessivamente, em *Curuzu, Curupaiti* e

Humaitá. As dificuldades eram enormes, pois, além de os paraguaios resistirem enèrgicamente, as moléstias vitimaram não poucos dos nossos homens. A partir da última dessas batalhas (a de Humaitá), em 1868, já não podia, contudo, haver dúvidas sôbre o triunfo definitivo.

A guerra continuou, estando à frente dos brasileiros o Duque de Caxias, que aniquilou o inimigo em *Avaí* e *Lomas Valentinas.* A cidade de Assunção foi tomada, mas Lopez prolongou sua inútil resistência, tendo sido, afinal, alcançado e morto nas margens do Aquidabã, em 1870.

Assim terminou a guerra, que arruinara totalmente o Paraguai e não pequenos sacrifícios custara ao Brasil.

GRANDES FIGURAS MILITARES

Durante o longo conflito muitos atos de heroísmo foram praticados por soldados brasileiros, e nêle se revelaram grandes vultos de nossa História Militar.

É justo salientar a figura de *Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.* Êsse general vinha prestando ao govêrno os melhores serviços, desde os tempos da Regência. Concorrera para a derrota dos rebeldes sul-rio-grandenses, na Guerra dos Farrapos, subjugara os levantes de 1842, em Minas e São Paulo, e restabelecera a ordem em outros pontos do país. Em tôdas essas ocasiões mostrou não só capacidade de comando e organização, como bastante moderação no tratamento dispensado aos insurretos brasileiros vencidos. Sempre se esforçou, e nisso foi bem sucedido, por evitar, na medida do possível, que as lutas internas deixassem ódios e ressentimentos.

Comandou as fôrças que, em 1851, levantaram o cêrco de Montevidéu e provocaram, ao lado de militares uruguaios e argentinos, a queda do ditador Rosas. Na Guerra do Paraguai foi, na parte decisiva da luta, o nosso principal chefe.

Outro grande cabo de guerra foi o *General Osório* a quem devemos brilhantes triunfos.

Nas lutas navais, os almirantes *Tamandaré* e *Barroso* contribuíram decisivamente para o aniquilamento das fôrças para-

guaias. E muitos outros soldados e marinheiros de valor se notabilizaram por seus feitos.

Precisamos ainda assinalar a energia demonstrada por um grupo de bravos, que, dos lados de Mato Grosso, para não cair nas mãos dos inimigos, empreenderam, em terríveis condições, a famosa RETIRADA DA LAGUNA.

OS ÚLTIMOS ANOS DO IMPÉRIO

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

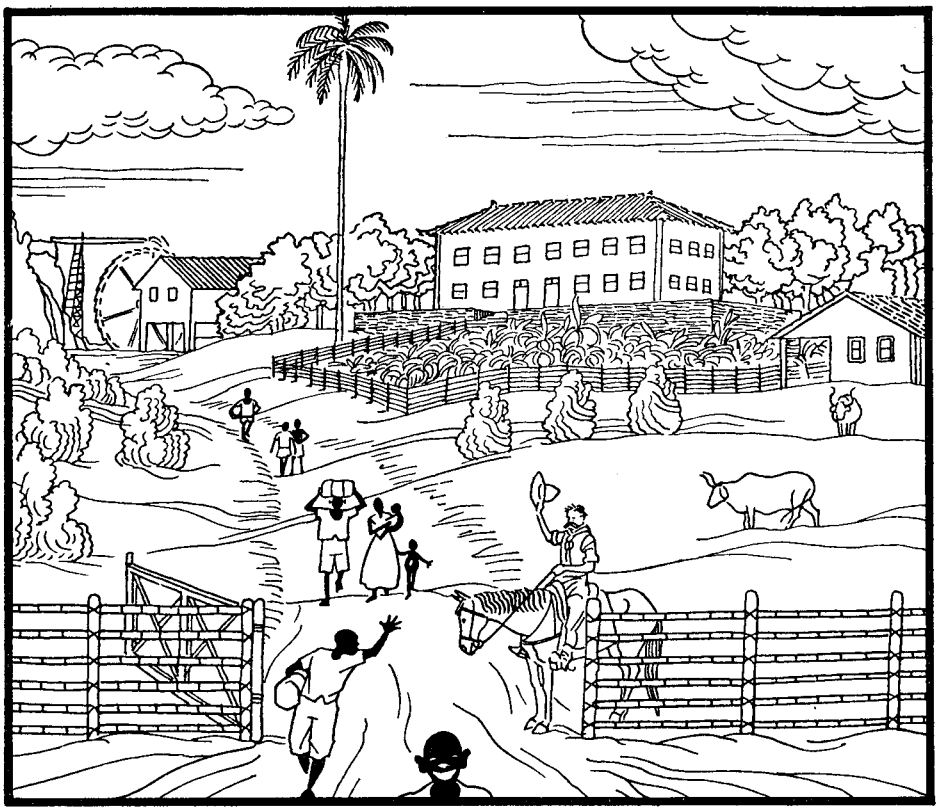
A prosperidade do Brasil, durante o império, baseava-se na *agricultura,* e esta, por sua vez, com algumas exceções, dependia do trabalho dos escravos. Muita gente não se conformava com tal estado de coisas, mas a escravidão *era considerada necessária.* Diziam os seus defensores: se tirarmos os escravos das fazendas quem irá substituí-los? Afirmava-se que só os cativos, todos êles de origem africana, eram capazes de trabalhar em nosso clima e que, se fôssem libertados, as plantações ficariam abandonadas.

Alegando os fazendeiros semelhantes motivos, até a ocasião da Guerra do Paraguai, conseguiram impedir que se desenvolvesse qualquer movimento em favor da abolição do cativeiro. O Brasil permanecia um dos poucos países do mundo onde ainda se empregava tão desumano sistema de trabalho.

D. Pedro II era, pessoalmente, favorável à *Abolição,* mas não queria desagradar aos grandes proprietários de terra, que constituíam a principal classe do Brasil, e dominavam a política.

A partir das iniciativas de Mauá, entretanto, já havia, em nosso meio, muitos comerciantes, banqueiros, engenheiros e mesmo alguns industriais ricos e de grande prestígio que, não precisando de escravos, se mostravam francamente partidários da ABOLIÇÃO. A população das cidades, na sua maioria, também, desejava que se acabasse com o cativeiro.

Alguns fazendeiros inteligentes e progressistas, pouco antes da Guerra do Paraguai, tiveram a idéia de cultivar suas terras com *colonos* trazidos da Europa. As primeiras experiências se fizeram em São Paulo e produziram resultados animadores. Começaram a



ser chamados, então, de diversos países europeus, *imigrantes* para trabalhar em nossos campos. Durante muito tempo poucas foram as fazendas a utilizarem os trabalhadores livres, mas já estava provado que era possível aproveitar a terra sem o regime da escravidão. Isso veio animar os inimigos do cativeiro, chamados *abolicionistas,* que tornaram mais forte a sua campanha.

A Guerra do Paraguai, exigindo a união de todos os brasileiros, atrasou um pouco a vitória do movimento abolicionista. Mal terminou o conflito, porém, tomou vulto o combate à escravatura.

A LEI DO VISCONDE DO RIO BRANCO. — Era intenção de D. Pedro II ir fazendo desaparecer aos poucos a escravidão. Em 1871, por iniciativa do *Visconde de Rio Branco,* foi promulgada

uma lei, pela qual todos os filhos de escravos que nascessem de então em diante, seriam considerados livres.

A ABOLIÇÃO. — Esta lei não satisfez, entretanto, aos abolicionistas, entre os quais se contavam jornalistas, poetas, escritores e oradores de valor. Os versos inflamados de *Castro Alves* eram por tôda parte declamados, e numerosos discursos e artigos exigiam a extinção completa do cativeiro.

Grupos de entusiastas ajudavam os escravos a fugir dos seus senhores, aparecendo em muitos lugares acampamentos de negros, assim libertados. O Exército, solicitado a perseguir os fugitivos, negara-se a fazê-lo, enquanto muitos fazendeiros por sua própria vontade davam alforria aos escravos.

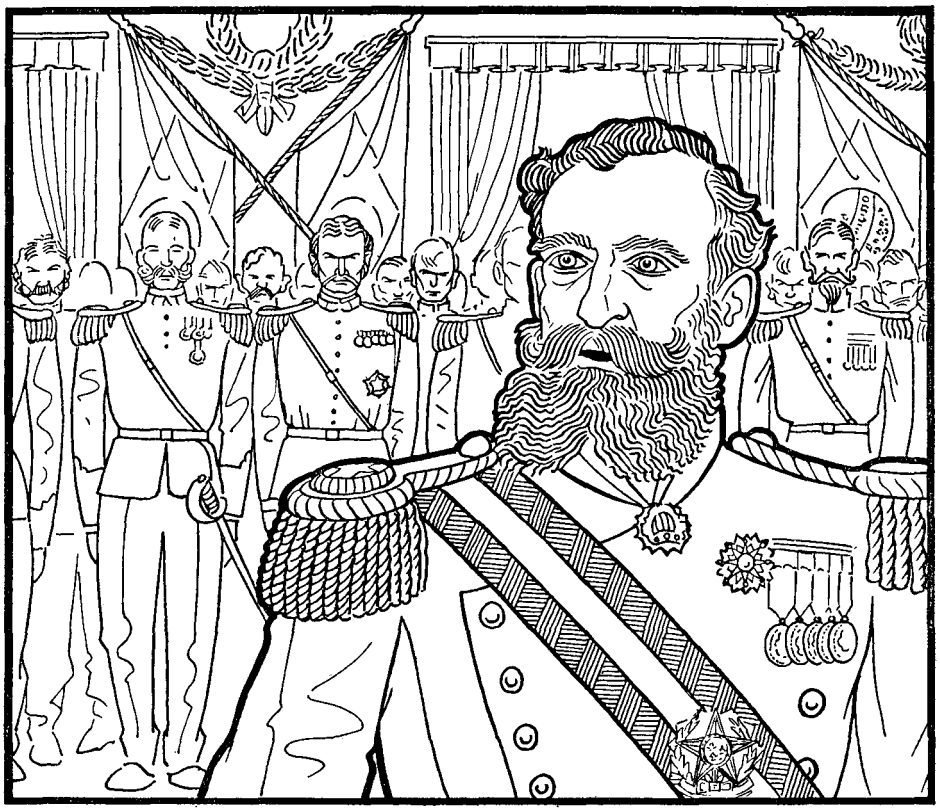
Em 1884, as províncias do Ceará e do Amazonas promoveram a *Abolição* dentro dos respectivos territórios. Em 1885, em todo o império, era posta em vigor a *Lei dos Sexagenários,* que declarava livres os escravos de mais de sessenta anos.

O imperador ainda hesitava, receando tomar a decisão definitiva. Achando-se êle ausente, a *Princesa Isabel,* que então estava à testa do govêrno, assinou, afinal, em 13 de maio de 1888, o ato que extinguia para sempre e inteiramente a escravidão no Brasil.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Logo após a conclusão da Guerra do Paraguai, aparecera um *Partido Republicano,* de que faziam parte numerosos militares. Muitos dos seus membros tomaram parte ativa na campanha da Abolição, tornando-se conhecidos e adquirindo prestígio perante o povo. Ao mesmo tempo diminuía a popularidade de D. Pedro II, devido principalmente às hesitações dêsse monarca ante o movimento de libertação dos escravos.

O número dos partidários da república, em conseqüência, foi aumentando. Nos meios do exército começaram alguns oficiais a falar abertamente na queda da monarquia, dentre êles se distinguindo *Benjamim Constant,* cujos ensinamentos despertavam, nos jovens militares, ardente entusiasmo pelos ideais republicanos.



Um grupo de fazendeiros de São Paulo também se declarou favorável à mudança do regime. E um movimento militar levado a efeito no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1889, acabou proclamando a república, sem encontrar qualquer resistência séria.

D. Pedro foi exilado para a Europa, onde faleceu em 1891.

O IMPÉRIO NA HISTÓRIA DO BRASIL

Até 1822 o Brasil era um país colonial, que dependia das autoridades portuguêsas, e vivia do produto de suas minas e fazendas.

Nos 67 anos de monarquia instalaram-se repartições públicas, criaram-se bancos, emprêsas comerciais, escolas secundárias e su-

periores, construíram-se estradas de ferro e de rodagem, formou-se uma esquadra e um exército.

Tudo isso estêve a cargo do govêrno imperial que encontrou, como era de prever, muitas dificuldades para cumprir tão pesada tarefa. Ao ser estabelecida aqui a república, porém, já não existiam escravos e longas vias férreas cortavam o nosso território. Numerosos bancos e companhias de tôda ordem animavam e facilitavam o comércio, e muitas cidades experimentavam notável prosperidade. Nossas escolas superiores preparavam, anualmente, centenas de advogados, médicos e engenheiros, e já podíamos orgulhar-nos de uma rica literatura nacional. O Brasil, em resumo, tinha passado por grande transformação, e desenvolvera-se bastante sob todos os pontos de vista.

Fôra essa a obra do IMPÉRIO, obra para a qual muito concorreram os esforços de homens de valor e, também, a prosperidade da agricultura, especialmente do café.

L E I T U R A S

OS ESTUDOS DE D. PEDRO II

Em 1838 (1) fala-se que o imperador fizera grandes progressos em latim e literatura, mostrando decidido amor pela História e pelos assuntos históricos. E estudava com prodigioso afinco...

Em 1839 começa o imperador com Schuch, o estudo do alemão, e Araújo Viana, nomeado seu professor de literatura e ciências, dá, do seu saber, as mais lisonjeiras informações. Em latim, verte prosa com facilidade, compõe sem erros, traduz versos com desembaraço. Prepara-se para o estudo da História, lê, traduz e fala fàcilmente o francês e o inglês; adianta-se no alemão, progride na música, no desenho e já mostra firmeza e agilidade na esgrima, em que o dirige o futuro Duque de Caxias. Revela enorme desejo de saber, docilidade e talento.

Em julho de 1840, como todos sabem, ficava D. Pedro II maior. Continuou, porém, fervorosíssimo amigo dos livros, a ponto de adquirir a mais vasta ilustração geral.

AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

(1) D. Pedro II tinha, então, 13 anos.

A RETIRADA DA LAGUNA

Os soldados caminhavam silenciosos sob a soalheira causticante, extenuados de cansaço, de fome e de sêde, repelindo a cada passo as emboscadas das patrulhas inimigas. De outras vêzes, as chuvas torrenciais molhavam-nos até os ossos ou a fumaceira da macega incendiada os queimava. E iam arrastando os seus canhões, carregando às costas as bagagens...

Depois a cólera apareceu entre os soldados, dizimando-os de maneira horrorosa. Mal se podiam fazer por dia três quartos de légua, com os mais atrozes sofrimentos. O coronel Camisão e o tenente-coronel Juvêncio, atingidos pela epidemia, morreram resignadamente, dando as últimas ordens. Pelo caminho, abandonaram-se bandos de coléricos à lança cruel dos batedores paraguaios. O próprio guia Lopez pereceu antes de chegar às terras de sua propriedade. Assumiu o comando o major Tomás Gonçalves, que conseguiu atingir com os restos da expedição, no dia 11 de junho o pôrto de Canuto, à margem esquerda do Aquidauana. No dia 12, resumindo aquela epopéia, êle dizia em ordem do dia aos seus bravos comandados: "Soldados, honra à vossa constância que conservou ao Império os nossos canhões e nossas bandeiras!"

GUSTAVO BARROSO

DOIS EPISÓDIOS DA ABOLIÇÃO

Paulino José Soares de Sousa, chefe dos conservadores contrários à abolição da escravatura, decidiu receber o golpe mortal com elegância... D. Isabel descera de Petrópolis para não retardar de um minuto sequer o momento da liberdade dos cativos. Paulino subiu à tribuna do Senado e pronunciou um discurso curto, impressionante pela sua gravidade: "Sua Alteza Sereníssima a Princesa Imperial Regente desceu de Petrópolis e a uma hora estará no Paço da Cidade à espera da deputação desta casa a fim de sancionar e imediatamente promulgar a lei... Quanto me permitiram as circunstân-

cias, cumpri meu dever como senador. Agora vou cumprir meu dever de cavalheiro, não fazendo esperar uma senhora de tão alta hierarquia."

O barão de Cotegipe tinha resistido até as últimas... Chamou-o a Princesa Regente, e, mostrando-lhe o entusiasmo geral provocado pela lei da Abolição, lhe perguntou se não fôra acertado votá-la. "Vossa Alteza redimiu uma raça, mas perdeu seu trono" — foi a profética resposta. Anos depois, a nobre senhora teve a energia de afirmar: "Mesmo se nesse tempo eu tivesse podido adivinhar o que iria acontecer, teria agido do mesmo modo."

CALÓGERAS

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

A

1 — Por que não podia D. Pedro II assumir a chefia do govêrno em 1831?
2 — Como se chamou o conjunto de três pessoas então nomeadas para dirigir o país?
3 — Quem escolheu os membros da Regência Trina Permanente?
4 — Por que lutaram todos os regentes com graves dificuldades?
5 — Que era a Guarda Nacional criada pelo Padre Feijó?
6 — Qual foi o principal movimento revolucionário iniciado durante a Regência?
7 — Que militar mais contribuiu para pôr fim aos movimentos revolucionários da Regência?
8 — Que foi a *Sabinada?* Que foi a *Balaiada?*
9 — Que idade tinha D. Pedro II, quando foi proclamada sua maioridade?

B

10 — Quais os principais chefes do levante paulista de 1842?
11 — Onde se desenrolou a Revolução Praieira?
12 — Citar um dos estabelecimentos de ensino criados por D. Pedro II.
13 — Citar alguns poetas brasileiros que viveram sob o govêrno de D. Pedro II.
14 — Citar um grande músico brasileiro do século passado.
15 — Que produto agrícola trouxe maiores lucros ao Brasil, no século passado?
16 — Em que região do Brasil mais prosperou a cultura do café?
17 — Que invenção, verificada na Europa, veio prejudicar bastante o açúcar brasileiro?

18 — Que eram as senzalas?
19 — Quem eram os feitôres?
20 — Por que nome era conhecido o comércio e o transporte marítimo dos escravos?
21 — Que país europeu lutava enèrgicamente contra o tráfico?
22 — Quando foi o tráfico definitivamente extinto no Brasil?
23 — Qual o mais famoso homem de negócios do império?
24 — Qual a primeira estrada de ferro construída no Brasil?
25 — Quem foi André Rebouças?
26 — Que general comandou as tropas brasileiras, quando estas ajudaram a levantar o cêrco de Montevidéu?
27 — Que ditador foi definitivamente derrotado na batalha de Monte Caseros?
28 — Que político uruguaio foi levado ao poder, em 1865, com o auxílio dos brasileiros?
29 — Possui o Paraguai saída para o mar?
30 — Quem foi Francisco Solano Lopez?
31 — Que aconteceu ao navio brasileiro "Marquês de Olinda"?
32 — Quais os vencidos e os vencedores na batalha de Uruguaiana?
33 — Quem comandou os brasileiros na batalha do Riachuelo?
34 — Que resultado teve a batalha do Riachuelo?
35 — Em que ano se verificou a batalha de Humaitá?
36 — Em que ano terminou a Guerra do Paraguai?
37 — Que general comandou os brasileiros na fase decisiva da Guerra do Paraguai?
38 — Citar dois grandes almirantes brasileiros que combateram na Guerra do Paraguai.

C

39 — Quem trabalhava a terra, nas fazendas brasileiras, no comêço do século passado?
40 — Que alegavam os partidários da escravidão contra a libertação dos cativos?
41 — Em que parte do Brasil começaram os fazendeiros a substituir os escravos por imigrantes europeus?
42 — Por que era muito importante a Lei do Visconde do Rio Branco, em 1871?
43 — Satisfez essa lei aos abolicionistas?
44 — Qual foi o poeta que mais ardentemente se bateu contra a escravidão?
45 — Quais as duas primeiras províncias a abolir a escravidão?
46 — Em que data foi definitivamente abolida a escravidão em todo o Brasil?
47 — Progediu muito o Brasil, durante o império?

Capítulo VII

A REPÚBLICA

OS PRIMEIROS ANOS DE REPÚBLICA

Ao ser proclamada a república, formou-se um "govêrno provisório" tendo à frente o *Marechal Deodoro da Fonseca.* Foram tomadas, sem demora, importantes medidas, tais como a criação de nova bandeira nacional, a separação entre a Igreja e o Estado, e a convocação de uma *Assembléia Constituinte* (1), que elegeu o Marechal Deodoro primeiro presidente do Brasil.

Não se entendeu bem o Marechal Deodoro com os deputados, e acabou dissolvendo a Assembléia, tendo logo renunciado a seu cargo. Sucedeu-lhe, em 1891, o Marechal Floriano Peixoto.

A constituição, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, determinava que os presidentes fôssem eleitos de quatro em quatro anos, sendo as leis votadas por um congresso nacional, composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. As antigas províncias passaram a ser chamadas *estados,* cada qual com govêrno próprio; o conjunto teria o nome de ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

O govêrno de Floriano Peixoto foi cheio de lutas, pois a marinha de guerra, sob as ordens de *Custódio de Melo* e *Saldanha da Gama,* revoltou-se, seguindo-se verdadeira guerra civil. Os rebeldes, aos quais se juntaram descontentes do Rio Grande do Sul, foram enfim derrotados. Nessa campanha demonstrou extraordinária energia o Presidente Floriano, apelidado por seus partidários o *Marechal de Ferro.*

O GOVÊRNO DE PRUDENTE DE MORAIS E O DE CAMPOS SALES. — Tôdas essas lutas e alguns erros cometidos, logo nos

(1) Convém lembrar que esta assembléia, como tôdas do mesmo nome, se destinava a dar ao país a sua lei fundamental ou carta de organização política.

começos da república, tornaram pior a situação financeira. Esta se agravou no período do terceiro presidente, PRUDENTE DE MORAIS (1894-98), que precisou subjugar uma revolta de fanáticos sertanejos da Bahia *(a Guerra dos Canudos).*

Quando Campos Sales subiu ao poder, em 1898, tratou principalmente de *restabelecer as finanças.* Procedeu com tanto acêrto e energia que conseguiu êsse intento e, quando terminou seu govêrno, em 1902, estava o país em condições bem melhores. Êsse presidente favoreceu a instalação, em nosso território, de emprêsas estrangeiras, que passaram a dirigir importantes estradas de ferro e serviços públicos.

ANTIGAS E NOVAS FONTES DE RIQUEZA

A tarefa de Campos Sales foi bastante facilitada pela prosperidade de diversas regiões do país. O *café* continuava a ser o nosso principal produto, e os fazendeiros, após terem experimentado algumas dificuldades com a extinção da escravatura, estavam novamente conseguindo lucros compensadores. Graças ao incremento da IMIGRAÇÃO, as fazendas iam-se enchendo de trabalhadores europeus, na maioria italianos. Davam os últimos preferência às terras férteis do Estado de São Paulo.

A BORRACHA. — O Amazonas passou também por uma fase de febril prosperidade, nos primeiros anos dêste século, pois chegou a exportar enormes quantidades de *borracha,* artigo cuja procura ia crescendo devido à difusão dos automóveis e bicicletas pelo mundo inteiro. Manaus tornou-se uma cidade rica e movimentada, ali tendo sido construído um dos mais luxuosos teatros do Brasil.

Mais tarde, infelizmente, a borracha amazônica não suportou a concorrência das plantações feitas pelos inglêses em suas colônias, para onde as *seringueiras* haviam sido transplantadas e cultivadas com especial carinho. Os preços baixaram enormemente e a exportação dêsse produto, pelo Brasil, acabou tornando-se insignificante. A região do Amazonas, até hoje, não se refez completamente do abalo sofrido com a decadência de sua principal fonte de riqueza.

O CACAU E OUTROS PRODUTOS. — Na época de Campos Sales, também, estavam se estendendo pela Bahia as plantações de CACAU, de que o Brasil chegou a ser o primeiro produtor do mundo. Entretanto, os lucros proporcionados por êste produto sempre foram inferiores aos que nos trouxe o café. Hoje ocupamos no mundo o segundo pôsto na produção geral do cacau.

No início da era republicana desenvolveu-se a exploração da *erva-mate,* muito procurada nas repúblicas do Prata. O *fumo,* que conta com grande consumo interno e regular exportação, auxiliava a economia nacional. O ALGODÃO nunca deixou de ter importância, mas a sua procura, como até hoje acontece, sofria constantemente altos e baixos.

Na época de Campos Sales já estavam florescendo algumas indústrias. E o Rio Grande do Sul, onde prosperavam a criação do gado e a cultura de cereais, experimentava sólido progresso, que se vem acentuando até os nossos dias.

A REPÚBLICA ATÉ 1930

Os presidentes, que vieram depois de Campos Sales, até 1930, foram:

Rodrigues Alves	1902-1906
Afonso Pena	1906-1909
Nilo Peçanha	1909-1910
Marechal Hermes da Fonseca	1910-1914
Venceslau Brás	1914-1918
Epitácio Pessoa	1919-1922
Artur Bernardes	1922-1926
Washington Luís	1926-1930

A GUERRA DE 1914-1918 E AS INDÚSTRIAS. — Em agôsto de 1914 teve início, na Europa, um conflito armado que acabou envolvendo todos os continentes. Governava então o Brasil o presidente *Venceslau Brás* (1914-1918) que chegou a declarar guerra à Alemanha, por haverem os submarinos dêsse país torpedeado navios nossos.

Devido à luta nos mares, os produtos da Europa então difìcilmente atingiam o Brasil, e isso muito concorreu para a instalação de novas indústrias, especialmente no ESTADO DE SÃO PAULO. Finda a guerra, essas indústrias puderam desenvolver-se ainda mais, porque o govêrno passou a cobrar *taxas* muito altas, para dificultar a entrada em nossos portos de coisas fabricadas no estrangeiro.

REVOLUÇÕES de 1922, 1924 e 1930. — Durante os governos de *Epitácio da Silva Pessoa* (1919-22) e *Artur da Silva Bernardes* (1923-26) houve levantes militares bastante sérios, mas que foram reprimidos. Em 1930, pouco antes de terminar o mandato de *Washington Luís Pereira de Sousa,* verificou-se um movimento de grandes proporções, em virtude das dúvidas sôbre os resultados das eleições para presidente da República, e nas quais foram candidatos Júlio Prestes e Getúlio Dornelas Vargas. Vitoriosa a revolução, foi o govêrno entregue a Getúlio Vargas.

ALGUNS GRANDES BRASILEIROS

Nos vinte primeiros anos da república, diversos brasileiros se tornaram famosos, em todo o mundo, pela sua sabedoria e capacidade de trabalho. Dentre êsses grandes homens, é justo destacar o BARÃO DO RIO BRANCO, cujo nome é admirado em todos os países da América.

Outro brasileiro que se tornou conhecido na Europa, por sua cultura, foi RUI BARBOSA. Representou êle o Brasil na "Conferência da Paz", realizada em 1903, em Haia, na Holanda. Nessa assembléia, assombrou os enviados de todos os países civilizados, com a sua sabedoria e seu talento de orador. Sabia expressar-se perfeitamente em várias línguas, era um grande estudioso, e sempre se mostrou entusiasmado defensor da Democracia e do Direito.

A sua fama é, pois, merecida. O mesmo se dá com SANTOS DUMONT, uma das glórias de nossa Pátria, que figura entre os primeiros construtores de aeroplanos, tendo antes descoberto a dirigibilidade dos balões. As suas invenções imprimiram notável progresso à aviação mundial e muito contribuíram para enaltecer, por tôda parte, o nome do Brasil.

A CRISE DO CAFÉ E OS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS RECENTES

Acredita-se que bastante contribuiu para a vitória dos rebeldes, em 1930, a situação em que se achava o Brasil, devido à CRISE DO CAFÉ. Êste produto depois da falência da borracha, tornara a ser a nossa única fonte apreciável de riqueza, e chegamos a contribuir com mais de 70% da sua produção mundial.

O govêrno, contudo, adotou o sistema de fazer que vendêssemos o produto a preços elevados e, como os lucros eram compensadores, multiplicaram-se as fazendas.

Em dado momento, verificou-se que o Brasil estava produzindo muito mais café do que era possível vender no estrangeiro. Milhares e milhares de sacas se achavam empilhadas nos portos e estações, sem que ninguém as quisesse comprar. Além disso, o mundo inteiro sofria, no momento, de terrível crise econômica, e os preços baixaram assustadoramente. Houve prejuízos enormes e o descontentamento tornou-se geral. Quando sobreveio a Revolução de 1930, bem poucas pessoas se colocaram decididamente ao lado dos dirigentes do país, para defendê-los.

Como o novo chefe da Nação demorasse em convocar uma assembléia constituinte, verificou-se em 1932, em São Paulo, a REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA, reprimida após combates bastante sérios, em que intervieram amplamente a artilharia e a aviação.

Em 1934, finalmente, reuniu-se a esperada assembléia, que elaborou uma nova constituição, não muito diferente da de 1891. Em 1935, verificou-se, no Rio de Janeiro e em Natal, um LEVANTE COMUNISTA, prontamente subjugado, mas que fêz correr bastante sangue.

Em 1937, por um "golpe de estado", foi dissolvido o congresso, permanecendo Getúlio Vargas na suprema direção dos negócios nacionais.

A SEGUNDA GRANDE GUERRA. — De 1939 a 1945, desenrolou-se o maior conflito armado da História. O Brasil tomou

parte na luta, enviando para a Itália uma FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA, que ali se cobriu de glórias, enfrentando os famosos exércitos alemães de Adolfo Hitler. Imediatamente após a vitória, processou-se no país intenso movimento popular em prol de uma nova CONSTITUIÇÃO.

O ATUAL REGIME. — A 29 de outubro de 1945, Getúlio Vargas deixou o govêrno, que passou às mãos do presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Dr. José Linhares. As eleições gerais, pouco depois realizadas, levaram ao poder o general *Eurico Gaspar Dutra.* A *Assembléia Constituinte,* logo convocada, elaborou, a 18 de setembro de 1946, a *Constituição* a que ora obedecemos. Realizadas novas eleições, em 1950, foi eleito o Dr. Getúlio Vargas. A 24 de agôsto de 1954, por ocasião de forte campanha contra êle dirigida, o presidente Getúlio Vargas suicidou-se, e assumiu a chefia da nação o vice-presidente Snr. João Café Filho. Quando êste se achava afastado do seu posto, por moléstia, houve contra o seu substituto legal, Snr. Carlos Luz, um movimento que o levou a refugiar-se a bordo do cruzador "Tamandaré". Ficou, então, à frente do govêrno, com aprovação da Câmara e do Senado, o Snr. Nereu Ramos e, pouco depois, ao findar o ano de 1955 tomaram posse da presidência e vice-presidência da República, para que haviam sido eleitos, os Snrs. Juscelino Kubitschek e João Goulart, cujo mandato expira em fins de 1960.

A ATUAL ECONOMIA BRASILEIRA

Enquanto se sucediam êsses acontecimentos políticos, várias mudanças se faziam notar na economia brasileira.

A POLICULTURA. — A crise do café mostrara que estava inteiramente errado o sistema de fazer depender a riqueza do país de *um único produto.* E os governos se esforçaram em convencer os agricultores a manter lavouras variadas. De acôrdo com essa nova orientação, em muitos lugares onde outrora havia quase sòmente café, algodão ou cana-de-açúcar, surgiram plantações das mais diversas.

Os *cereais* passaram a ser cultivados em maior escala, especialmente o *arroz,* cuja exportação aumentou, o mesmo se dando com certas frutas, como as *laranjas* e as *bananas.* E resultados satisfatórios têm sido obtidos com vegetais destinados a produzir óleo, notadamente a *mamona e o côco babaçu.*

O ALGODÃO, nos anos que precederam a Segunda Grande Guerra, teve grande exportação, que depois diminuiu. A sua cultura, entretanto, sempre oferece regulares possibilidades, devido ao grande número das fábricas de tecidos. Quanto ao açúcar, cuja produção aumentou no Estado de São Paulo, não há esperanças de que torne a melhorar a sua exportação. No Rio Grande do Sul, às fontes de riquezas já mencionadas (gado e cereais), veio acrescentar-se a preparação do *vinho,* também tentada com algum êxito em alguns outros estados.

A *criação de gado* bovino muito progrediu. Para isso concorreu a instalação de *frigoríficos* pertencentes a fortes emprêsas inglêsas ou norte-americanas, através das quais se tem feito regular exportação de carne. Com êsses estabelecimentos lucraram, não só o Rio Grande do Sul, mas ainda as vastas regiões de Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais, especialmente o *Triângulo Mineiro.*

AS INDÚSTRIAS. — Acentuou-se o desenvolvimento das indústrias e, durante a Segunda Guerra, chegamos a vender boa quantidade de artigos, aqui fabricados, a países da América do Norte e da África. Depois do conflito, diminuiu bastante essa exportação, mas as fábricas, de modo geral, se vêm mantendo, pois o consumo interno é grande. A instalação de poderosas usinas produtoras de fôrça elétrica tem facilitado bastante nosso progresso industrial.

Para nós constitui forte desvantagem o fato de não fabricarmos nossas próprias máquinas. Não o fazemos senão em escala ainda pequena, por três motivos:

1.º — Até alguns anos atrás, quase não existia, aqui, *carvão de pedra,* necessário à preparação do *ferro,* com que se fazem as máquinas:

2.º — Havia, e ainda há, falta de *técnicos,* homens especialmente preparados para dirigir os trabalhos industriais.

3.º — Para montar grandes fábricas de máquinas são necessárias enormes quantidades de dinheiro, isto é, muito capital, e que não é fácil encontrar em nosso meio.

MINERAÇÃO E SIDERURGIA. — Para compensar essas falhas, têm-se verificado louváveis esforços, no sentido de instalar, em nosso território, USINAS SIDERÚRGICAS. A principal delas é a de VOLTA REDONDA, no Estado do Rio de Janeiro, onde já vêm sendo produzidos *ferro* e *aço nacionais*. E são deveras animadores os resultados ali conseguidos. A usina de Moulevade, em Minas Gerais, já está também fabricando trilhos para as nossas estradas de ferro. Projeta-se, por outro lado, uma grande usina siderúrgica, a de *Piassaguera,* entre São Paulo e Santos, que muito deverá contribuir para nosso progresso.

Com isso muito devemos regozijar-nos, pois, quando a nossa produção de ferro e de máquinas se desenvolver bastante, não tardará o Brasil a figurar entre as maiores potências industriais.

Para maior riqueza nossa, poderá contribuir, também, a exploração do nosso PETRÓLEO, pois foram encontradas, no Brasil, jazidas dêsse precioso mineral. A industrialização e as pesquisas do petróleo nacional, assim como a refinação do que é importado estão a cargo de uma organização dominada pelo nosso govêrno: a *Petrobrás.* Se soubermos aproveitar essas e outras matérias-primas, e se, por outro lado, conseguirmos construir, nós mesmos, as máquinas e instrumentos para nossa indústria, nossa lavoura e nossos transportes, então poderemos considerar-nos uma das nações mais ricas e poderosas do mundo.

O DEVER DE TODOS OS BRASILEIROS

Para alcançar tal resultado, porém, é necessário a colaboração sincera e corajosa de todos os brasileiros. Não são suficientes o entusiasmo patriótico, os discursos, as demonstrações barulhentas. É preciso, antes de mais nada, MUITO TRABALHO, além de MUITO ESTUDO ÚTIL e, também, MUITA CAPACIDADE DE SACRIFÍCIO. É preciso que os homens inteligentes, sem desprezar outros problemas importantes, procurem sèriamente os meios capazes de nos levar a PRODUZIR MAIS, e a bem aproveitar a nossa produção.

Quando aumentar, com efeito, a riqueza nacional, poderemos manter maior número de escolas, hospitais, bibliotecas e locais de esporte, para proporcionar ao nosso povo sólida instrução, melhor saúde e maior bem-estar.

TRABALHO INTENSO, BEM ORIENTADO E PRODUTIVO, nisto se resume a principal necessidade do Brasil. Não é bom brasileiro aquêle que se limita a proclamar o seu amor à terra natal. O verdadeiro patriotismo consiste em não poupar *esforços* e *sacrifícios* para garantir, dentro das normas da justiça, da ordem e da fraternidade, a inteira independência e a PROSPERIDADE de nosso país.

LEITURAS

I

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Na madrugada de 15 de novembro de 1889, as tropas revolucionárias saíram do quartel para o Campo de Sant'Ana. Deodoro, que até a última hora hesitava em derrubar a monarquia, pensando apenas em depor o ministério, fôra convencido por Benjamin Constant para servir à causa republicana. Deixando o leito, onde a moléstia o retinha, pôs-se à frente das tropas revoltadas. O ministério, sob a presidência de Ouro Prêto, reuniu-se no Quartel General do Exército porém não pôde mais contar com as tropas que julgava fiéis; a atitude de Floriano Peixoto e outros oficiais mostrava-lhes ser inútil a resistência.

Deodoro prendeu o ministério deposto e a tropa desfilou pela cidade, recebendo a adesão da marinha. O imperador desceu de Petrópolis à tarde, nada, entretanto, podendo fazer. A revolução triunfara e à noite estava organizado o govêrno provisório da República, composto do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe, e dos ministros Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Campos Sales, Aristides Lôbo, Benjamim Constant, almirante Eduardo Wandenkolk e Demétrio Ribeiro.

No dia seguinte, o imperador recebia a mensagem do govêrno que ordenava sua retirada do Brasil. A 17, pela madrugada, D. Pedro II e a família imperial embarcava no vapor "Alagoas", que os transportou para o exílio na Europa.

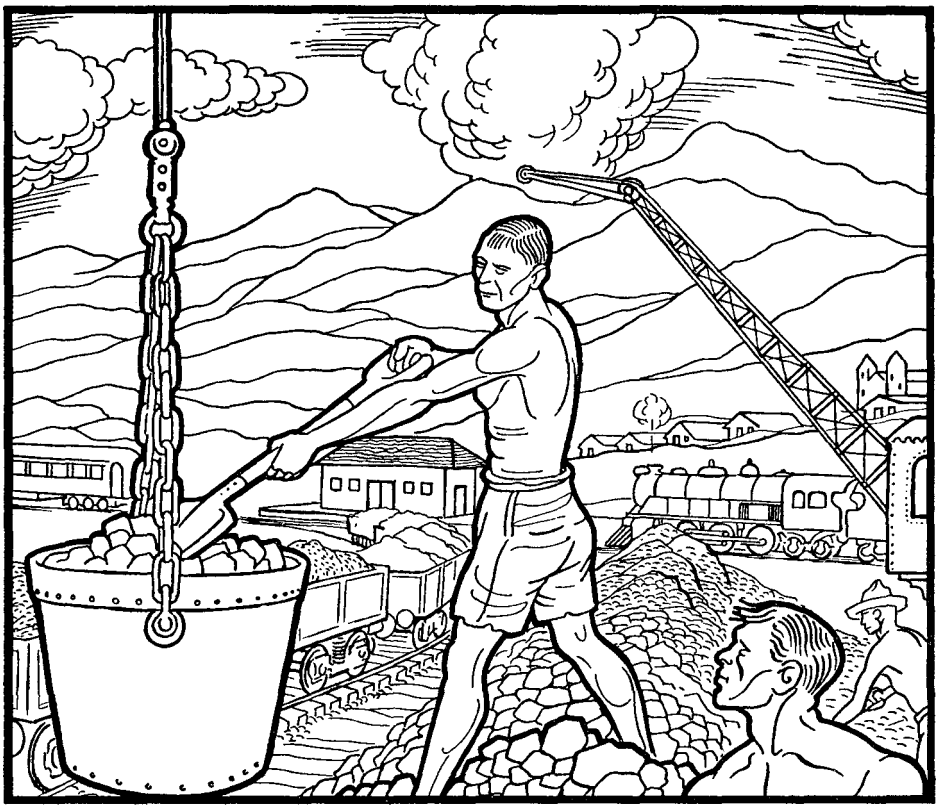
JOAQUIM SILVA

II

OCEANO DE CAFÉ

A quem viaja pelos sertões do chamado Oeste de São Paulo empolga o espetáculo maravilhoso da preamar do café. Nada mais soberbo e nada desculpa tanto o orgulho paulista do que o mar dos cafeeiros em linha. É de enfunar o peito a impressão de quem pela primeira vez navega sôbre o oceano verde-escuro. Horas a fio, num *pullmann* da Paulista ou num carro da Mogiana, a cortar um cafèzal só — milhões e milhões de pés que ondulam por morro e vale até se perderem no horizonte confundido com o céu... Um cafèzal só, que não acaba mais...

MONTEIRO LOBATO



III

O FERRO DE MINAS GERAIS E O BRASIL DE AMANHÃ

Só o que falta a Minas é uma grande base de progresso material... Houve no comêço a exploração do ouro e há hoje a transformação das pastagens em carne e leite. O ouro é o único metal cuja exploração não enriquece um país. Emigra sistemàticamente para as zonas produtoras e manipuladoras do ferro, isto é, para os países industriais. O ferro tem a propriedade de atrair o ouro, quando transformado em máquinas que fazem render o trabalho do homem.

Onde está o ouro de Minas, Cuiabá, de todos os distritos de mineração do Brasil colonial? Em Londres, em Nova York, em Paris,

nas grandes cidades dos países que produzem o ferro e com êle fabricam ferramentas e maquinismos.

De Minas, o ouro se foi, mas ficou o ferro — e com êle, um dia, Minas construirá o arcabouço metálico do país. Em suas montanhas de minério jaz adormecido o Brasil de amanhã — o Brasil grande.

MONTEIRO LOBATO

SUGESTÕES PARA QUESTIONÁRIO

1 — Que assembléia foi convocada logo após a proclamação da República?
2 — Quem foi o primeiro presidente da República?
3 — Quem sucedeu ao Marechal Deodoro, e em que ano?
4 — Em que ano foi proclamada a Constituição?
5 — Que acontecimentos dificultaram o govêrno do Marechal Floriano Peixoto?
6 — Por que foi êsse presidente apelidado o *Marechal de Ferro?*
7 — Que séria revolta ocorreu no govêrno de Prudente de Morais?
8 — Que presidente restabeleceu as finanças brasileiras?
9 — Que produto agrícola muito contribuiu para melhorar a situação financeira do Brasil?
10 — De que país da Europa veio a maioria dos imigrantes para as fazendas paulistas?
11 — Por que houve grande prosperidade no Amazonas, no comêço dêste século?
12 — Por que a borracha deixou de dar grandes lucros ao Brasil?
13 — Que grande médico saneou o Rio de Janeiro, sob o govêrno de Rodrigues Alves?
14 — Progrediram as indústrias brasileiras, durante a Guerra Mundial de 1914-1918? Por quê?
15 — Foi perfeitamente calmo o govêrno de Artur Bernardes? Que se passou de notável durante êsse govêrno?
16 — Por que houve uma grave crise, no Brasil, em 1930?
17 — Que mudança se verificou no govêrno brasileiro, em 1930?
18 — Onde se verificou forte movimento revolucionário, em 1932?
19 — Citar duas regiões brasileiras onde muito se desenvolveu a criação do gado, nos últimos anos.
20 — Que é policultura?
21 — É aconselhável a policultura no Brasil? Por quê?
22 — Que aconteceu às indústrias brasileiras durante a 2.ª Guerra Mundial?

23 — Por que têm muita importância as usinas elétricas no Brasil?
24 — Qual o principal estabelecimento onde se prepara o ferro, no Brasil?
25 — Foram conseguidos bons resultados com o ferro de Volta Redonda?
26 — Existem, no Brasil, jazidas de petróleo?
27 — Que grande homem mais contribuiu para resolver as questões de fronteiras do Brasil?
28 — Que grande homem representou brilhantemente o Brasil na Conferência de Haia?
29 — Citar um grande inventor brasileiro.
30 — Em que consiste o verdadeiro patriotismo?

Leituras complementares, com motivos de História do Brasil e História Geral

A fim de que o estudo se torne mais vivo, deverá o Professor sugerir aos alunos leituras variadas sôbre temas de história, tais como:

I. DESCOBRIMENTO E PRIMEIROS TEMPOS:

O Corsário Duclerc — *Paulo de Azevedo Martins.*
Como Nasceu a Cidade Maravilhosa — *Tales C. de Andrade.*
No Tempo dos Bandeirantes — *Belmonte (Benedito Bastos Barreto).*
Expedição aos Martírios — *Francisco Marins*
Volta à Serra Misteriosa — *Francisco Marins*
Rapôso Tavares — *Hernâni Donato*
Índios do Brasil — *Renato Sêneca Fleury.*

II. IMPÉRIO:

Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro — *Renato Sêneca Fleury.*
O Almirante Tamandaré — *Renato Sêneca Fleury.*
O Duque de Caxias — *Renato Sêneca Fleury.*
Joaquim Nabuco — *Carolina Nabuco.*
Luango, o Negrinho dos Palmares — *Jaime de Altavila.*
Patrocínio, o Abolicionista — *João Guimarães*

III. REPÚBLICA:

Barão do Rio Branco — *Renato Sêneca Fleury.*
Santos-Dumont — *Renato Sêneca Fleury.*
Rui Barbosa — *Renato Sêneca Fleury.*

Para compreensão de idéias gerais sôbre a evolução histórica e social do Brasil e da Humanidade, convirá ainda a indicação dos seguintes livros:

SÉRIE CONQUISTAS DA HUMANIDADE:

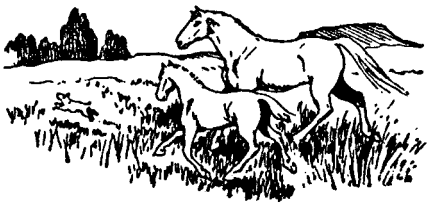
As Habitações e sua História.
A História do Ouro.
A História do Ferro e do Aço.
A História do Carvão.
A História do Petróleo.
Os Alimentos e sua História.

SÉRIE O HOMEM E O UNIVERSO (para alunos de 12 a 18 anos):

O Princípio do Mundo.
Os Homens de Antigamente.
Como a Terra se Transforma.
Como os Países são Governados.
O Homem e a Riqueza.

Pelo teor edificante e referente às coisas do Brasil, também são indicados êstes livros:

Nas Terras do Rei Café — *Francisco Marins.*
História da Aviação — *Pedro de Almeida Moura.*
Percorrendo o Litoral Paulista — *Luiz Gonzaga Fleury.*
Você Já Foi à Bahia? — *Leonardo Arroyo.*
Viagem Através do Brasil *(10 volumes).*



AS MAIS BELAS HISTÓRIAS DE ANIMAIS

Nesta série de livros para a juventude, através de deliciosas e atraentes histórias, descrevem-se com singular veracidade as reações dos animais entre si e com relação ao homem. Livros únicos no gênero, alcançaram notoriedade mundial pela fidelidade à natureza e pela justeza das observações. Tanto é assim que o Cinema aproveitou-lhe grande parte dos títulos.

AMIGOS DE TODO O MUNDO

BAMBI

EM BOA COMPANHIA

DJIBI, A GATINHA

OS FILHOS DE BAMBI

FLÓRIAN, O CAVALO DO IMPERADOR

PEQUENO MUNDO

MINHA AMIGA FLICKA

PERRI, O JOVEM ESQUILO

AS QUINZE LEBRES

A VOLTA DE LASSIE

Obras-primas que não poderão faltar em sua estante.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Livros de Francisco Marins

Aventuras emocionantes, cenas imprevistas e atraentes formam o colorido das páginas da Série Taquara-Póca, nas quais alguns garotos vivem incríveis peripécias no ambiente pitoresco de um pequeno sítio. Nos volumes destinados aos jovens, Francisco Marins apresenta relatos sugeridos por alguns fascinantes acontecimentos da nossa história, que revestem a forma de verdadeiras aventuras.

Série Taquara-Póca

1 — NAS TERRAS DO REI CAFÉ (*4.ª edição*)

2 — OS SEGREDOS DE TAQUARA-PÓCA (*3.ª edição*)

3 — O COLEIRA-PRETA (*3.ª edição*)

4 — GAFANHOTOS EM TAQUARA-PÓCA (*2.ª edição*)

5 — VIAGEM AO MUNDO DESCONHECIDO (*3.ª edição*)
A fabulosa aventura de Fernão de Magalhães

6 — TERRITÓRIO DE BRAVOS (*2.ª edição*)
A vida heróica de Plácido de Castro e a história do Acre

Para a Juventude

EXPEDIÇÃO AOS MARTÍRIOS (*2.ª edição*)
História das lendárias minas perdidas dos Martírios

VOLTA À SERRA MISTERIOSA
História das minas de Cuiabá e da epopéia do Anhangüera

A ALDEIA SAGRADA (*2.ª edição*)
A dramática história de Canudos (Obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, láurea Carlos de Laet, de 1954)

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Cód. 0-14-175